



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

JAMESON THIAGO FARIAS SILVA

Da fala egocêntrica como fenômeno argumentativo e problematológico

**São Cristóvão/SE
2024**

JAMESON THIAGO FARIAS SILVA

Da fala egocêntrica como fenômeno argumentativo e problematológico

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Linguagem, Usos e Tecnologias

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Isabel Cristina Michelan de Azevedo

**São Cristóvão/SE
2024**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S586d Silva, Jameson Thiago Farias.
Da fala egocêntrica como fenômeno argumentativo e problematológico /
Jameson Thiago Farias Silva; orientadora Isabel Cristina Michelan de
Azevedo . – São Cristóvão, SE, 2024.
141 f. : il.

Tese (doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. Pragmática. 2. Fala. 3. Expressão. 4. Análise linguística. I.
Azevedo, Isabel Cristina Michelan de, orient. II. Título.

CDU 81'42

JAMESON THIAGO FARIAS SILVA

Da fala egocêntrica como fenômeno argumentativo e problematológico

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras pela Universidade Federal de Sergipe.

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Dra. Isabel Cristina Michelin de Azevedo
Universidade Federal de Sergipe.
Orientadora

Dr. Fabrício Paiva Mota
Universidade Federal de Sergipe
Examinador Interno

Dr. Sandro Marcio Drumond Alves Marengo
Universidade Federal de Sergipe
Examinador Interno

Dra. Fernanda Coelho Liberali
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Examinadora Externa

Dr. Rodrigo Seixas Pereira Barbosa
Universidade Federal de Goiás
Examinador Externo

AGRADECIMENTOS

À **Isabel**, orientadora desta Tese de doutoramento, pela paciência infinita com esse estrangeiro aos estudos linguísticos e pela coragem em aceitar orientar meu trabalho. Agradeço por ter me apresentado ao campo dos estudos da argumentação e, mais especificamente, às teorias de Michel Meyer – sem as quais a pesquisa não existiria.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação: à **Fernanda**, pela sugestão de uma leitura atenta dos trabalhos de Ana Smolka, pela recomendação dos capítulos finais de *Pensamento e Linguagem* e pelo conceito de *perejivânie*; à **Rodrigo**, pela imagem nietzscheana de um pensamento que se estrutura como retórica, pela demanda por uma discussão mais operacional sobre a noção de argumentação e pelo incentivo à busca de um denominador comum explícito entre Vigotski e Meyer; à **Fabício**, pela recomendação em trazer para a escrita os exemplos e ilustrações que costumo trazer quando falo dos conceitos, pela ideia de discutir e definir melhor a terminologia clínica e psicológica e pela sugestão de um novo esquema visual que tornasse as discussões do marco analítico mais palatáveis.

Aos professores do PPGL que, por meio das discussões em sala de aula, reforçaram meu interesse pela linguística e pelos estudos literários: **Sandro Marengo, Vanderlei Zacchi, Geralda Lima, Christina Ramalho e Marcia Mariano**.

Aos representantes discentes do PPGL – **Ádria, Lucas, Katherine e Yann** – que, incansavelmente, auxiliaram a mim e a meus colegas nas torrentes de dúvidas, desamparos e angústias que atravessam todo pós-graduando.

Aos meus analisandos em geral e, especificamente, aos analisandos referenciados na Tese pelos nomes de **Sara, Mauro e Zelda**: pela gentileza em me permitirem compartilhar uma centelha de nossos frutíferos encontros semanais.

A **Felipe e Roberto**, pelo exercício e manutenção de nossa amizade democrática.

À **Carmem Emanuela** – por ser quem é, por me fazer ser quem sou.

Às vezes se age como se as pessoas não pudessem se exprimir. Mas de fato, elas não param de se exprimir. [...] De modo que o problema não é mais fazer com que as pessoas se exprimam, mas arranjar-lhes vacúolos de solidão e de silêncio a partir dos quais elas teriam, enfim, algo a dizer.

(Gilles Deleuze, 1992, p. 161-162)

RESUMO

A pesquisa apresentada nesta tese de doutoramento visa a avaliar as condições de possibilidade de uma leitura do fenômeno da fala egocêntrica - tal como descrito por Lev Vigotski - como um fenômeno argumentativo e problematológico, embora mobilizado por um único locutor empírico. A investigação partiu do pressuposto de que não apenas a enunciação é polifônica, mas o é também a própria atividade psicológica implicada no ato de fala. A linguagem, nesta esteira, seria um instrumento de pensamento e o problema da relação pensamento-linguagem é o problema de considerar certas modalidades do discurso concreto, nomeadas de egocêntricas, como ferramentas para colocar problemas e encaminhá-los. Assim, partindo de uma articulação dos conceitos vigotskianos com o campo da pragmática e da concepção da clínica psicológica como um *setting* de fala egocêntrica, realizou-se a análise de fragmentos específicos de três sessões terapêuticas, considerando a função egocêntrica das locuções dos analisandos - isto é, a conversação argumentativa analisada não se deu entre analista e analisando, mas entre os diversos enunciadores presentes no discurso egocêntrico do analisando. O estudo foi baseado, fundamentalmente, em pressupostos teóricos e metodológicos da Problematologia de Michel Meyer, em especial nas distintas relações dos enunciados com a interrogatividade formuladas pelo autor, e em seu tríptico argumentativo: enunciados dialéticos, pragmáticos e comunicativos. Os resultados fornecem subsídios tanto para a melhor compreensão do fenômeno linguístico, monologal, da fala egocêntrica, quanto nas funções egocêntricas, problematizantes, do discurso. A fala egocêntrica, a partir dos casos analisados, apresenta-se como um enunciado monologal, porém dialógico, visto que argumentativo e pragmático - isto é, a argumentatividade presente na fala egocêntrica não visa estabelecer um acordo entre diferentes pontos de vista, mas a caracterização concreta, estética, do que está fora-de-questão.

Palavras-chave: Clínica. Fala egocêntrica. Pragmática. Problematologia. Vigotski.

ABSTRACT

The research presented in this doctoral qualification text aims to evaluate the conditions of possibility of a reading of the phenomenon of egocentric speech - as defined by Lev Vigotski - as an argumentative and problematological phenomenon, although mobilized by a single empirical speaker. The investigation was based on the assumption that not only the enunciation is polyphonic, but also the psychological activity involved in the speech act. In this sense, language would be an instrument of thought and the problem of the thought-language relationship is the problem of considering certain modalities of concrete discourse, named egocentric, as tools for posing problems and forwarding them. Therefore, starting from an articulation of vigotskian concepts with the field of pragmatics and from a conception of the psychological clinic as an egocentric speech setting, the analysis of specific fragments of three therapeutic sessions was carried out, considering the egocentric function of the analysands' locutions - that is, the argumentative conversation analyzed did not take place between analyst and analysand, but between the various enunciators present in the analysand's egocentric speech. The study was fundamentally based on theoretical and methodological assumptions of Michel Meyer's Problematology, especially in the different relations of the utterances with the interrogativeness formulated by the author and in his argumentative triptych: dialectical, pragmatic and communicative statements. The results provide support for both a better understanding of the linguistic, monologue phenomenon of egocentric speech, and the egocentric, problematizing functions of discourse. Egocentric speech, based on the cases analyzed, presents itself as a monologue, but dialogical, statement, as it is argumentative and pragmatic – that is, the argumentativeness present in egocentric speech does not aim to establish an agreement between different points of view, but the concrete, aesthetic characterization of what is out-of-question.

Palavras-chave: Clinic. Egocentric speech. Pragmatics. Problematology. Vigotski.

RÉSUMÉ

La recherche présentée dans cette thèse de doctorat vise à évaluer les conditions de possibilité de lire le phénomène de langage égocentrique - tel que décrit par Lev Vigotski - comme un phénomène argumentatif et problématologique, bien que mobilisé par un seul locuteur empirique. L'enquête était basée sur l'hypothèse que non seulement l'énonciation est polyphonique, mais aussi l'activité psychologique impliquée dans l'acte de parole. Le langage, en ce sens, serait un instrument de pensée et le problème de la relation pensée-langage est le problème de considérer certaines modalités du discours concret, dites égocentriques, comme des outils pour poser des problèmes et les résoudre. Ainsi, à partir d'une articulation des concepts vigotskiens avec le domaine de la pragmatique et de la conception de la clinique psychologique comme *setting* de parole égocentrique, a été réalisée l'analyse de fragments spécifiques de trois séances thérapeutiques, en considérant la fonction égocentrique des locutions de l'analysant – c'est-à-dire que la conversation argumentative analysée n'a pas eu lieu entre l'analyste et l'analysant, mais entre les différents énonciateurs présents dans le discours égocentrique de l'analysant. L'étude s'appuie, fondamentalement, sur les postulats théoriques et méthodologiques de la Problématologie de Michel Meyer, notamment sur les différents rapports entre énoncés et interrogativité formulés par l'auteur, et sur son triptyque argumentatif: énoncés dialectiques, pragmatiques et communicatives. Les résultats permettent à la fois une meilleure compréhension du phénomène linguistique, monologue, du langage égocentrique, et des fonctions égocentriques et problématissantes du discours. Le langage égocentrique, à partir des cas analysés, se présente comme un énoncé monologue, mais dialogique, car argumentatif et pragmatique. – c'est-à-dire que l'argumentation présente dans le langage égocentrique ne vise pas à établir un accord entre différents points de vue, mais à caractériser concrètement et esthétiquement ce qui est hors-de-question.

Palavras-chave: Clinique. Langage égocentrique. Pragmatique. Problématologie. Vigotski.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Primeiro esquema gráfico do caso Sara	82
Figura 2. Segundo esquema gráfico do caso Sara	83
Figura 3. Terceiro esquema gráfico do caso Sara	84
Figura 4. Quarto esquema gráfico do caso Sara	85
Figura 5. Quinto esquema gráfico do caso Sara	87
Figura 6. Sexto esquema gráfico do caso Sara	88
Figura 7. Sétimo esquema gráfico do caso Sara	89
Figura 8. Primeiro esquema gráfico do caso Mauro	96
Figura 9. Segundo esquema gráfico do caso Mauro	97
Figura 10. Terceiro esquema gráfico do caso Mauro	98
Figura 11. Quarto esquema gráfico do caso Mauro	99
Figura 12. Quinto esquema gráfico do caso Mauro	101
Figura 13. Primeiro esquema gráfico do caso Zelda	107
Figura 14. Segundo esquema gráfico do caso Zelda	107
Figura 15. Terceiro esquema gráfico do caso Zelda	108
Figura 16. Quarto esquema gráfico do caso Zelda	109
Figura 17. Quinto esquema gráfico do caso Zelda	110
Figura 18. Sexto esquema gráfico do caso Zelda	111

LISTA DE TABELAS

Quadro 1. Organização das questões presentes no caso Sara	91
Quadro 2. Organização das questões presentes no caso Mauro	103
Quadro 3. Organização das questões presentes no caso Zelda	112

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.1. Breves questões ético-metodológicas	20
1.2. Breve questão terminológica	22
1.3. Uma segunda questão terminológica	24
2. ESBOÇOS PARA UMA LINGÜÍSTICA VIGOTSKIANA	26
2.1. A pragmática e a distinção intencional/convencional	27
2.2. Vigotski e a análise das necessidades	30
2.3. Vigotski, o desenvolvimento como ruptura e a linguagem como instrumento	32
2.4. Vigotski, o método da análise por unidades e o pensamento verbal	34
2.5. Pistas metodológicas	38
3. A CLÍNICA, <i>SETTING</i> DE FALA EGOCÊNTRICA	41
3.1. Que é isto, a clínica?	41
3.2. Vigotski, um clínico	43
3.2.1. <i>Seria Vigotski um behaviorista?</i>	45
3.2.2. <i>Haveria uma psicanálise vigotskiana?</i>	50
3.3. Que é, afinal, pensar?	56
3.4. Que é, afinal, o conceito?	59
3.4.1. <i>Uma breve ontogênese do conceito</i>	59
3.4.2. <i>O conceito como permeabilidade à experiência</i>	61
3.5. Proposições gerais para uma clínica vigotskiana	63
4. A PROBLEMATOLOGIA	66
4.1. Retórica e argumentação na problematologia de Michel Meyer	67
4.2. As relações dos enunciados com a interrogatividade	71
4.3. Uma leitura problematológica da fala egocêntrica: procedimentos metodológicos	74

5. MARCO ANALÍTICO	78
5.1. O caso <i>Sara</i> : “A realidade tá insuportável!”	80
5.1.1. <i>Descrição geral do primeiro corpus analítico</i>	80
5.1.2. <i>Apresentação textual e gráfica do primeiro corpus analítico</i>	81
5.1.3. <i>Identificação dos tipos de questão e análise argumentativa do corpus</i>	89
5.2. O caso <i>Mauro</i> : “Queria só ficar parado sem pensar em nada”	95
5.2.1. <i>Descrição geral do segundo corpus analítico</i>	95
5.2.2. <i>Apresentação textual e gráfica do segundo corpus analítico</i>	95
5.2.3. <i>Identificação dos tipos de questão e análise argumentativa do corpus</i>	102
5.3. O caso <i>Zelda</i> : “Não quero isso para mim, nem para nós dois”	105
5.3.1. <i>Descrição geral do terceiro corpus analítico</i>	105
5.3.2. <i>Apresentação textual e gráfica do terceiro corpus analítico</i>	106
5.3.3. <i>Identificação dos tipos de questão e análise argumentativa do corpus</i>	111
5.4. Discussão geral dos resultados	115
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 120
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 126
 ANEXOS	 133
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	134
Anexo 2. Exposição integral do primeiro <i>corpus</i> analítico	136
Anexo 3. Exposição integral do segundo <i>corpus</i> analítico	139
Anexo 4. Exposição integral do terceiro <i>corpus</i> analítico	141

1. INTRODUÇÃO

Tomando Humboldt e, em especial, Potebnia como ponto de partida para uma analogia entre a atividade e o desenvolvimento da língua e a atividade e o desenvolvimento da arte, Lev Vigotski (1999a [1925]) ilustra certa crítica artística e certa psicologia da arte que buscarão o “conteúdo” das obras tematizadas. Nesta perspectiva intelectualista da arte e da linguagem, a forma nunca diz o que diz, mas designa sempre uma outra coisa: a arte como uma forma específica, dentre outras, de manifestação de um conhecimento, como modo de expressão de uma ideia, de uma moral, um significado, tal qual a ciência, a prosa ou a geometria. A este divórcio entre a ideia da obra e sua forma externa, Vigotski opõe certa noção da arte como procedimento, noção esta que encontra seu ponto alto no formalismo de Chklovski.

O por-assim-dizer formalismo vigotskiano recusa prontamente as abordagens que leem como idênticas distintas versões de um mesmo material: a despedida de Heitor e Andrômaca, expressa na poesia da *Iliada*, pode ser cantada ao som de um instrumento numa apresentação operística, mal-cantada num luau à beira-mar, narrada em prosa num artigo científico, adaptada para uma película cinematográfica, citada *en passant* na introdução de uma Tese de doutorado etc. e, em se tratando de sua análise, diz certa crítica que se trata de diferentes maneiras de expressarem “o mesmo”. Vigotski também recusa, no entanto, as abordagens que organizam as emoções humanas em tabelas e que interpretam a tristeza de Púchkin ao relatar a separação de um amor exclusivamente a partir dos versos iâmbicos que compõem o texto, ou atribuem a alegria e comicidade de seu Conde Nulin ao uso do troqueu, ou identificam que a melancolia produzida por uma sonata de Beethoven reside tão só no uso que o compositor fazia de escalas dóricas e frígias.

De um lado, uma crítica que, levada a seu extremo, não estabelece diferença de princípio entre prosa e verso, entre discurso cadenciado e não-cadenciado, e que entende a análise da obra como a sua interpretação e paráfrase; por outro lado, a crítica que centra a sua atenção no fato de que a arte perde o seu efeito estético caso se lhe destrua a forma, e que, a partir disso, conclui que toda a força do efeito da arte estava ligada exclusivamente à forma da arte. Enquanto o intelectualismo ignora o problema da especificidade formal da arte, o formalismo considera a arte, justo, exclusivamente como forma.

Para Vigotski, ambas as abordagens deixarão de tematizar a relação necessária, a interfuncionalidade, entre o procedimento, a forma, e o conteúdo que agencia.

Embora dialogue com a recusa do intelectualismo desenvolvida pela teoria formalista, Vigotski sustenta que o formalismo “mostra-se totalmente incapaz de revelar e explicar o conteúdo psicossocial historicamente mutatório da arte e a escolha do tema, do conteúdo ou do material condicionado àquele conteúdo” (1999a [1925], p. 79). É de fato a discussão psicológica e *a fortiori* linguística da obra vigotskiana que tomaremos, mas o recurso à psicologia da arte realizada pelo autor tem seus porquês: os primeiros trabalhos que compõem a sua obra são quase inteiramente voltados à crítica artística e literária, e sua relação inicial com o formalismo e mesmo com a linguística se dá nesse contexto; mais importante, é aqui que reside, a partir de Vigotski, o princípio metodológico para uma psicologia (da arte, mas não só) que fuja ao mesmo tempo do idealismo metafísico e do materialismo ingênuo – afinal, o problema da relação forma-conteúdo presente na arte desembocará noutro problema caro à teorização vigotskiana, o da relação forma-conteúdo do pensamento ou, noutros termos, o da relação pensamento-linguagem: o sonho se recusa a ser narrado e encadeado logicamente pelo sujeito em vigília; uma questão aritmética, embora possa ser expressa em prosa cotidiana, parece pedir uma “gramática” muito sua; isto é, a relação entre o conteúdo da consciência e a forma que assume não é análoga à relação mecânica entre um recipiente e o líquido que envasa (Vygotski, 2013a [1933]).

A **linguagem**, para Lev Vigotski (2011 [1924]), é um **instrumento de pensamento**, do mesmo modo que os dedos da mão são instrumentos matemáticos quando uma criança se defronta com uma questão aritmética que não é capaz de dar conta imediatamente; usa os dedos para somar sete e dois, por exemplo; quando a soma aritmética excede a quantidade de dedos que possui, a criança, para resolver a equação, precisa dos dedos de um colega, usar os dedos de seus pés, criar um sistema de contagens usando objetos, dentre outras possibilidades de ação. O adulto que interroga a tela de projeção durante os momentos duvidosos do filme, grita com a TV durante uma partida esportiva, faz rabiscos e grafismos pouco legíveis durante uma aula complexa e amarra um cordão colorido em seu indicador para lembrar de tirar as roupas do varal também ilustrariam esta relação entre signo e consciência, para o autor. Não se trata da questão da referencialidade, nem do problema da estruturação do mundo pela estrutura da língua – onde estaríamos, de partida, com Humboldt e Potebnia ou mesmo com Sapir e Whorf, mas não com Vigotski. Colocar o problema da relação pensamento-linguagem, em Vigotski, é considerar certas modalidades do discurso concreto, nomeadas de **egocêntricas** pelo autor, como ferramentas para colocar problemas e encaminhá-los.

A presente pesquisa propõe a seguinte consideração, nos termos de Volóchinov (2017), Ducrot (1987) e Meyer (1998): **ler o fenômeno da fala egocêntrica como uma**

conversação argumentativa e problematológica que teria como proponente e oponente o mesmo locutor empírico, numa abordagem do fenômeno que não o considere (somente) um “tipo” específico de fala, mas um efeito da linguagem, sempre dialógica – ainda que nem sempre dialogal; num exemplo: Pedro confia a João o desejo de largar o trabalho; escuta de João que deveria manter seu vínculo com a empresa pois, em seu campo de atuação, está difícil encontrar um emprego que pague tão bem – temos aí uma conversação dialogal (pois implica dois locutores) e dialógica (pois implica pelo menos dois enunciadore, dois pontos de vista); num cenário em que João se pergunta se deveria largar o trabalho e, no instante seguinte, renuncia ao pedido de demissão, temos um monólogo, um texto monologal mas, ainda assim, dialógico (pois a tensão dos dois pontos de vista permanece). Propomos a fala egocêntrica como um fenômeno de natureza semelhante ao do segundo caso.

A premissa diretriz desta proposta é a de que o pensamento, assim como a enunciação, é uma atividade dialógica. Ao estender as noções de polifonia e de intertextualidade – caras ao campo da literatura pós-Bakhtin e às teorias da enunciação – à fala egocêntrica, é possível sustentar que não apenas a enunciação é polifônica, mas o é também a própria atividade psicológica implicada no ato de fala – não mais uma entidade mental unitária, mas pluralidade discursiva.

As apropriações linguísticas do conceito vigotskiano de fala egocêntrica costumam abordar do fenômeno o seu não-endereçamento a um interlocutor, o caráter regulador da ação que o acompanha e sua tendência à abreviação, além da linearidade fala socializada-linguagem interior (Morato, 1991, 2000. Moraes, Sasso, 2016). Tais análises tendem a definir o fenômeno não só como monologal, mas como monológico – a dialogia estando presente apenas nas modalidades em que o discurso encontra-se voltado a um outro (o exemplo de Anders, criança cega que desenvolve e produz um conto a partir de diálogos tecidos com Fredrik, seu boneco; cf. Junefelt, 2007); na esteira, estas análises opõem a comunicação e a subjetivação operadas pelos atos discursivos como funções elementares, isoladas – nelas, a fala egocêntrica não parece ser considerada a partir de sua função instrumental, ignorando a análise vigotskiana dos processos psicológicos “pela necessidade”. Entender a fala egocêntrica como simples comportamento verbal monologado é no limite retirar o discurso egocêntrico dos processos reais de pensamento em que surge, é ignorar que o discurso, em todas as suas modalidades, “**sempre** exerce alguma função de comunicar, assimilar, entender e resolver algum problema” (Vigotski, 2009 [1934], p. 154, grifo nosso). Ora, é importante para Vigotski estabelecer a comunicação como um momento funcional básico da linguagem – afinal, desde seus primeiros trabalhos experimentais sobre psicologia e

defectologia, o termo “desenvolvimento” é empregado como sinônimo para “socialização”, num esforço de “romper o aprisionamento biológico da psicologia e passar para o campo da psicologia histórica, humana” (Vigotski, 2011 [1924], p. 864).

É necessário, enfim, contrapor esta leitura monológica do conceito e do autor.

Ana Smolka (1993, 1995) realiza um espécie de quadro comparativo entre as explicações piagetianas e vigotskianas acerca da fala egocêntrica, sustentando a leitura vigotskiana do fenômeno; afirma, porém, que a teorização de Vigotski merece desenvolvimento. Sua discussão problematiza a concepção do fenômeno como uma simples fase, etapa, elo intermediário que sucederia a falação comunicativa já presente na criança e precederia o processo de internalização que levaria à fala interna dos adultos. Ao recapitular os estudos da oralidade, da escrita e da fala interna realizados por Vigotski, Smolka afirma que a esquematização do autor sobre a fala egocêntrica reforça esta leitura pouco adequada de que a linguagem parece atravessar um estágio em que se-fala-para-o-outro (a oralidade, fala exterior, como dialógica) para um estágio ulterior em que se-fala-para-si (fala interior, monológica). O critério para a diferenciação entre as formas dialógicas e monológicas usado por Vigotski, defende Smolka, é a presença ou ausência de interlocutores nas situações concretas de troca verbal, de intercâmbio social – ou seja, apesar de Vigotski ter considerado a natureza social da linguagem, não parece haver no autor uma discussão explícita sobre o caráter dialógico presente nas formas internalizadas do discurso – e mesmo na fala egocêntrica, acrescentamos.

Karin Quast (2009) reforça a leitura de Smolka ao abordar todo um conjunto de problemas metodológicos produzidos ao se diferenciar de maneira estanque a fala privada da fala social – visto que a fala privada compartilha certas propriedades da fala social, enquanto a fala social também pode atuar como autorreguladora, isto é, como instrumento de pensamento. Sua compreensão da fala egocêntrica passa pela consideração das contrapalavras do discurso interior; demonstra a plurifuncionalidade dessa fala e evidencia que pode estar mesclada à fala dirigida ao outro presente na interação, marcando a dialogicidade do discurso egocêntrico como um agir-sobre-o-outro. A pesquisa de Quast parte da dissolução da dicotomia privado-social: baseando-se nos trabalhos do Círculo de Bakhtin, busca produzir uma nova concepção (conceitual e metodológica) da fala privada, partindo da hipótese de que a investigação do fenômeno contribui não só com a discussão sobre a relação discurso-cognição mas também nos permite melhor compreender o discurso em geral.

Essas duas autoras nos ajudam na proposição pouco usual da fala egocêntrica como um enunciado polifônico e, a partir disto, a defender uma abordagem do fenômeno que não o

restringa a uma modalidade da fala, mas que o afirme como um efeito do discurso, nem sempre dialogal mas sempre dialógico – mesmo nesses trabalhos, porém, os campos utilizados para corroborar esta tese são interações, são demandas de comunicação (a alfabetização e a relação fala-escrita no caso de Smolka; o processo de aquisição da primeira língua em salas de aula, em Quast).

Na esteira dessas discussões e das teses defectológicas de Vigotski (cf. em especial 2011 [1924], 2012a [1929], 2012b [1924] e 2012c [1931]), sugerimos conceber o espaço clínico psicológico, o *setting* terapêutico, como um espaço comunicacional entre analista e analisando, decerto, mas *a fortiori* como um espaço de agenciamento da fala egocêntrica do analisando. Logo, a função do terapeuta não seria de escuta do discurso de seu interlocutor, não seria a de encarnar um papel actancial pré-determinado, mas de esquiva deste esquema comunicacional. Ou seja: o terapeuta assume como função primária não ser um tu, um alocutário, não o genérico acolhimento do eu do outro, mas explicitar para o outro, com este outro, os muitos enunciadores, os muitos eus, que compõem dialogicamente o (problema tematizado pelo) sujeito clínico. Tomando como fonte primária de análise alguns fragmentos de casos clínicos, podemos questionar: há elementos de polifonia no discurso solitário do analisando? Como se apresentam? É possível analisar tal discurso como um fenômeno dialógico e mesmo argumentativo? Se para Vigotski pensar é falar consigo mesmo com um objetivo dado, é traduzir um problema “do plano das ações para o plano verbal à medida que aprendemos a adaptarmo-nos” (2011 [1924], p. 866), o que seria fazer pensar? Há um percurso ou estrutura para esse diálogo consigo? Pode ser produzido ou potencializado por outrem? Mais importante, pode ser produzido ou potencializado pelo próprio sujeito, mesmo sem o recurso a uma situação interativa, a um alocutário empírico?

A partir destes questionamentos ainda vagos, pretendemos produzir resultados que ampliem a compreensão do fenômeno da fala egocêntrica para além da sua topografia habitual de falar-sozinho e entendê-lo como um efeito subjetivante da linguagem, sendo **objetivo geral** da presente Tese conceituar o fenômeno da fala egocêntrica como um fenômeno argumentativo e problematológico – investigar a possibilidade de uma análise do fenômeno utilizando procedimentos da análise da argumentação e, mais especificamente, da problematologia de Michel Meyer, é a estratégia que concebemos para contrapor a habitual leitura monolocal do conceito e de seu autor.

De partida, algumas questões se apresentam.

A primeira questão: que entendimento esta Tese tem não só do fenômeno da fala egocêntrica mas, a partir de Vigotski, da linguagem como um todo? Decorrente dela: é lícito

dizer que há em Vigotski não só uma discussão consistente sobre a linguagem, mas elementos para a construção de uma linguística nos termos de pesquisa vigotskianos?

Uma segunda questão: que entendimento esta Tese tem da clínica psicológica para que seja possível concebê-la como um espaço de mobilização da fala egocêntrica?

Por fim, uma terceira questão macro: como a problematologia e o argumentar colaboram para a compreensão desse fenômeno tal como é proposto?

Tais questões espelham os **objetivos específicos** de nosso trabalho, a saber:

- definir a linguagem como um instrumento de pensamento a partir das considerações de Vigotski sobre o fenômeno da fala egocêntrica e, como consequência direta, postular elementos metodológicos caros ao autor – como a sua análise das necessidades e o seu método da análise por unidades – que nos ajudem na operacionalização de nosso próprio marco metodológico;
- estabelecer conceitual e tecnicamente a clínica psicológica como um espaço de fala egocêntrica a partir das discussões sobre a instrumentalidade da linguagem em Vigotski e sobre o seu conceito de conceito; e
- apresentar a problematologia de Michel Meyer e o que seria o argumentar tomando-a como referencial, formulando a partir dessa discussão os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

Para a resolução dessas três questões e o encaminhamento dos três objetivos específicos que lhes correspondem, propomos a seguinte estrutura à nossa Tese.

Em resposta à primeira questão e operacionalizando o primeiro objetivo específico, a seção dois estabelece pontos de intersecção entre a obra de Vigotski e o problema pragmatista da distinção intencional-convencional, visando articulá-lo com autores como John Austin e John Searle. Esta seção procura evitar um texto puramente expositivo sobre a teoria vigotskiana, expondo e definindo os conceitos do autor importantes para o nosso trabalho, sim, mas fazendo-o na sua relação com certas lacunas e problemas conceituais colocados pelo campo da pragmática. Esta articulação de Vigotski com a pragmática nos ajuda tanto a ilustrar o tipo de psicologia formulada pelo autor quanto a extrair de seus conceitos pistas metodológicas para a constituição de uma linguística vigotskiana.

A seção três cobre a segunda questão, desenvolvendo as teses da seção dois ao aplicá-las ao campo da clínica psicológica. A partir de uma articulação das discussões vigotskianas sobre a linguagem com o projeto behaviorista de formulação de uma psicologia antimentalista, e com as discussões psicanalíticas acerca da experiência artística, formulamos

subsídios conceituais e técnicos para a concepção do *setting* terapêutico como um espaço de fala egocêntrica.

Na seção quatro, apresentamos a problematologia de Michel Meyer por meio da exposição de algumas noções centrais deste campo – como as relações dos enunciados com a interrogatividade, a lei básica da retórica formulada por Meyer e seu tríptico argumentativo, remodelando-as para as especificidades da fala egocêntrica e criando esquemas analíticos próprios a este fenômeno – está respondida aqui a terceira questão e realizado nosso terceiro objetivo específico.

A quinta e última seção apresenta nosso marco analítico: a análise de fragmentos de casos clínicos a partir da problematologia, atividade cujo esquema se encontra brevemente descrito logo a seguir em 1.1 e melhor discriminado na sessão quatro da Tese. Logo após, algumas considerações finais acerca de nosso trabalho. Nos anexos, por fim, estarão disponíveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assim como a transcrição integral dos *corpora* de nossa pesquisa – trata-se de uma transcrição sem as intervenções tipológicas e analíticas a que estão expostas no marco analítico.

1.1. Breves questões ético-metodológicas

A pesquisa desenvolvida neste texto, insistimos, propõe descrever e analisar o fenômeno monologal da fala egocêntrica como uma conversação dialógica, argumentativa e problematológica. Para tanto, possui uma faceta bibliográfica e uma faceta empírica.

Sobre a fonte primária bibliográfica de nosso trabalho – utilizamos como marcador de busca nas obras de Vigotski o conceito de **fala egocêntrica** (*эгоцентрическая речь*) e suas variações, como **egocentrismo** (*эгоцентризм*) e **fala interior** (*внутренняя речь*). Os textos vigotskianos escolhidos para uma definição precisa do conceito de **fala egocêntrica** foram selecionados nos seis tomos que contém as *Obras Escolhidas* de Lev Vigotski, em espanhol e em russo. Tomamos por guia deste levantamento o *Vigotsky Family Archive*, seus *Notebooks* e a tabela do Ministerio de Educación y Ciencia produzida quando da publicação em espanhol pela Editora Machado do primeiro tomo das *Obras Escogidas* de Vigotski – a coletânea espanhola utiliza a mesma divisão editorial das *Собрание сочинений* (transl. *Sobraniye sotchineniy*) russas, publicadas em 1982 pela Editora *Педагогика* (transl. *Pedagógika*). Os artigos, ensaios e capítulos de livro levantados em espanhol encontram-se todos publicados pela Machado Grupo de Distribución, editora acadêmica situada em Madrid; os materiais

disponíveis em russo, em especial a versão da Editora *Педагогика*, encontram-se disponíveis em *sites* como b-ok.lat e marxists.org/russkij.

Quanto a seu material de análise empírica, tomamos a fala (egocêntrica) de três analisandos extraídos diretamente de sessões terapêuticas – como já dito, a conversação argumentativa a ser analisada não é entre analista e analisando, mas entre os diversos enunciadores presentes no discurso egocêntrico do analisando. Por se tratar de uma pesquisa que lida diretamente com material produzido por/a partir de seres humanos – uma vez que envolve não apenas aspectos de pesquisa bibliográfica, mas também o registro e a análise de dados oriundos de sessões terapêuticas – fez-se necessário obter a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CEP/UFS)¹. A pesquisa pautada nesta Tese não analisou prontuários ou relatórios psicodiagnósticos. Trata-se de uma pesquisa em linguística: seu objeto é a linguagem, o discurso, mesmo que tome o espaço clínico psicológico como campo. Foram alvo de análise o discurso de analisandos retirado diretamente de sessões telepresenciais, ocorridas via Google Meet, das quais o autor da presente Tese, psicólogo cadastrado em Conselho Regional², atua como analista. Ademais, o próprio Código de Ética Profissional do psicólogo observa, em seu Art. 16, as normas e critérios para a realização de estudos e pesquisas voltados para a produção de conhecimento, estando tais diretrizes em consonância com as orientações do Comitê Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), a saber, avaliar os riscos envolvidos nos procedimentos e na divulgação dos resultados (a), garantir o caráter voluntário da participação dos envolvidos (b), garantir anonimato (c) e garantir o acesso aos resultados das pesquisas ou estudos (d).

A seleção dos participantes se deu pelos critérios da amostragem intencional e da seleção casual/por conveniência (Saunders; Townsend, 2019). Todos os participantes, sem exceção, foram selecionados entre os analisandos que mantêm vínculo terapêutico regular com o pesquisador/analista, visando participantes que já estão inteirados e confortáveis com a dinâmica “egocêntrica” da fala psicoterapêutica.

Um segundo critério foi o da telepresencialidade, visto que o material primário de análise foi transcrito a partir das gravações das sessões. Como o material coletado – as gravações das sessões a serem analisadas e as transcrições diretas das gravações – contém informações relativas à partilha clínica entre analista e analisando, ressaltamos que tudo está sob a responsabilidade do pesquisador, que se compromete com o cuidado, tratamento e sigilo das informações, considerando todas as prerrogativas do Comitê de Ética. Ademais, as

¹ Número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 60944722.7.0000.5546.

² Jameson Thiago Farias Silva - CRP 19 (Sergipe) / IP 3311.

gravações e suas transcrições estão depositadas em pasta do Google Drive criptografada e com senha.

O convite aos participantes foi realizado de maneira direta, em sessão, com esclarecimentos sobre a pesquisa, sobre a participação do analisando nela e sobre as garantias legais de sigilo e bem-estar que o participante possui – formalizado este momento, foram enviados aos mesmos duas cópias, a serem assinadas, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³ (uma para o pesquisador/analista, outra para o participante/analisando).

Considerando o objetivo da pesquisa – a proposição da leitura do fenômeno da fala egocêntrica como um fenômeno argumentativo e problematológico – faz-se notar que **qualquer extrato da sessão gravada poderia ser passível de análise**, mas foram privilegiados fragmentos e momentos das sessões em que o analisando demonstra concluir algo, convencer-se de algo, em especial sem intervenção analítica em demasia (isto é, sem um interlocutor que o questione direta, constante e deliberadamente; o analisando em fala egocêntrica, enfim, para a partir daí identificar a dinâmica argumentativa desta).

Outro critério para a seleção dos fragmentos foi a possibilidade de serem compreendidos verbalmente, “textualmente”, não demandando análise gestual ou de entonação, por exemplo.

Cada sessão terapêutica durou em média 50 minutos, mas os materiais analisados consistem em fragmentos de aproximadamente dez minutos de fala de cada analisando.

1.2. Breve questão terminológica

Uma discussão mais cuidadosa e consistente sobre o conceito de fala egocêntrica aparece nas duas seções seguintes desta Tese; de partida, porém, precisamos marcar o seguinte: num sentido estrito, **fala egocêntrica** é termo que designa o sujeito - em geral, uma criança - que, entretido em sua situação, fala para compreender e resolver um problema a que está submetido; por sua vez, o adulto que, sem nada dizer, produz um encaminhamento para um dilema que o acomete, também utiliza da linguagem como instrumento de pensamento, mas de maneira silenciosa, introjetada – fenômeno este designado por Vigotski pelo termo **fala interior**; o mesmo adulto, ao ser questionado sobre as estratégias que silenciosamente utilizou para a resolução de um enigma, produzirá uma **fala interior verbalizada**; o acadêmico que, ao escrever, modela e dá consistência aos seus ainda frágeis argumentos,

³ Conferir em *Anexos* o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

também parece estabelecer certa relação de vizinhança com os exemplos acima – o discurso, em suas diversas modalidades, parece estabelecer um efeito de retorno sobre o sujeito que dele se apropria e que nele se manifesta. Ao considerar a fala clínica como fala egocêntrica, não estaríamos confundindo a fala egocêntrica, infantil, com modalidades superiores de utilização da linguagem presentes no adulto, e mesmo no adulto letrado? Sendo o nosso *corpus* produzido a partir de analisando adultos, não se trataria aí de fala interior, ou de fala interior verbalizada? O que queremos quando produzimos a equivalência de fenômenos tão distintos?

Vigotski (2009 [1934], p. 61s) produz a linearidade linguagem socializada → linguagem egocêntrica → linguagem interior ao discorrer sobre o desenvolvimento da relação pensar-falar na criança; o bebê, ao chorar, já comunica, já produz intercâmbio social – ainda que sem intenção e sem consciência de seu ato; só no crepúsculo de sua primeira infância é que surgirá a fala egocêntrica, esta apropriação ativa da fala como instrumento de pensamento sob a forma de solilóquio, de um falar-sozinho; desenvolvido, este uso estratégico da linguagem aparece à criança mais velha, ao adolescente e ao adulto como atividade mental – a fala egocêntrica se encontra agora silenciada, introjetada e invisível por vezes ao próprio sujeito que a opera. “Quanto é 7×8 ” é questão que tanto a criança escolarizada quanto o adulto letrado são capazes de responder; a criança fará rabiscos num papel, contagens em seus dedos, recorrências à tabuada e, especialmente, falará consigo mesma enquanto tenta produzir a resposta para a questão lançada; o adulto, por sua vez, fica com o olhar perdido por alguns poucos segundos e lança a sua resposta: “56”. Topograficamente – isto é, “de fora” – parece que a criança precisa utilizar diversos recursos e instrumentos, aí incluída sua própria fala, na resolução da questão, enquanto o adulto consegue fazê-lo “de cabeça”, recorrendo apenas à sua inteligência para tal. No entanto, caso seja requerido ao adulto que sonde e explique como resolveu sua questão, lá estarão as suas estratégias – por vezes, semelhantes às da própria criança: incapaz de responder quanto é 7×8 de pronto, o adulto lembra, recorrendo a uma tabuada mental, que $7 \times 7 = 49$; numa curiosa dedução, afirma que se $7 \times 7 = 49$, então 7×8 seria $49 + 7$; pode lembrar, também, que somar um número qualquer com 9 é o mesmo que somá-lo com 10 e subtrair 1 do resultado final (a operação $49 + 7$ torna-se a operação $50 + 7 - 1$).

Num esquema didático, a criança que mobiliza instrumentos concretos e utiliza da sua fala pública, externa, como instrumento de pensamento está a operar a fala egocêntrica; o adulto que, silenciosamente, resolve a questão que lhe é endereçada enunciando a resposta de pronto, estaria em fala interior; ao depor a um requerente sobre as estratégias que utilizou para chegar ao número 56, o adulto estaria mobilizando uma fala interior verbalizada.

A partir daí, insistimos: não estamos a equivaler os fenômenos da fala interior e da fala interior verbalizada ao de fala egocêntrica, mas afirmando que **a fala clínica não é a fala interior nem é a fala interior verbalizada**. A fala clínica do adulto não é a fala interior, visto que pública. A fala clínica do adulto não é a fala interior verbalizada, visto que não se trata de pedir ao analisando para que fale sobre o que estava pensando em outro momento ou em outro lugar, mas para que fale-e-pense ali, naquele instante. Mesmo no analisando adulto, **se trataria de fala egocêntrica**, de pensar-ao-falar, pensar-enquanto-se-fala.

1.3. Uma segunda questão terminológica

Das diversas interrogações e lacunas a cercar o pensador soviético, uma das mais curiosas é a da grafia de seu nome. Claro, este não parece ser um problema de maior importância dentre os comentadores – e de fato não o é; pesquisar a presença de Espinosa em sua psicologia, por exemplo, ou as evoluções do conceito de fala egocêntrica no interior de sua obra soam mais nobres que uma tarefa de soletrar. Ao ser colocada, no entanto, a questão levanta dois pontos interessantes que, esses sim, possuem sua nobreza. Um desses pontos é o da tradução e da transcrição.

Quando adapto um livro para um filme, ou um videogame para uma história em quadrinhos, o problema em pauta é sempre o seguinte: o que adapto quando adapto? Em termos linguísticos, o que traduzo quando traduzo? O que tento (re)produzir com a tradução de um texto? O som? A estrutura da frase? A ideia geral? O efeito pragmático no leitor nativo? O nome é Vigotski, com duplo i? Com duplo y, como em Vygotsky? É i e y, como em Vigotsky ou Vygotski⁴?

⁴ Sendo nativamente russo, a grafia de seu nome se dá em cirílico: Лев Выготский. Se a transcrição de seu primeiro nome para o português for fonética, o chamaremos de **Liêv**; se apostarmos na equivalência formal de uma letra por outra, iremos de **Lev**; se a tradução for semântica, o chamaremos de **Leão**; e se traduzirmos pragmaticamente, aportuguesando seu nome, Лев é **Levi**. O tradutor obediente ao ISO 9, sistema de transliteração em caracteres latinos dos caracteres cirílicos, fará Выготский se tornar Vygotskij: В vira V, Г vira G, С vira S e И vira I sem muita polêmica; Ъ, inexistente tanto nos alfabetos quanto na fonética latinos, se torna Y – representa algo semelhante ao *i* de *dia* ou *tia* falados pelo português de Portugal; e Ы, por fim, se torna um suave J, não prolongado, ao final da palavra. Ao mesmo tempo, todas as possibilidades aventadas, Vi-, Vy-, -ki, -ky, são adequadas. Aqui, importa ver que o brasileiro que escreve Vigotski opta por transcrever o nome do autor com as letras que seu repertório lhe dá, ainda que falseie a sonoridade de seu nome tal qual falado pelos seus conterrâneos e contemporâneos; mas se escreve Vy ao invés de Vi estaria preservando a exotividade do som de alguma maneira ao utilizar uma letra pouco usual em seu repertório etc.

A escolha de nome marca uma posição, implícita ou explícita, quanto às políticas de tradução assumidas pelo escrevente – o que leva ao segundo ponto de interesse desta discussão: o da vinculação a uma tradição de comentadores específica.

Se se lê Gisele Toassa, Zoia Prestes e Paulo Bezerra, o leitor encontra **Vigotski** – é o uso habitual da tradição brasileira de leitores do autor. A Argentina de Marcelo Caruso e Alejandro Gonzáles também utiliza **Vigotski**. Se o leitor está com os estadunidenses Harry Daniels, Michael Cole e James Wersch, **Vygotsky** é a notação preferida – também usa o duplo y quando toma por referência pesquisadores que, internacionalmente, estão revisitando o autor, como René van der Veer, Ekaterina Zavershneva e Anton Yasnitski. A Espanha, por sua vez, na esteira das traduções de Julio Blank e cia. para as *Obras Escogidas*, crava **Vygotski**.

Neste sentido, optamos pelo seguinte gesto: a grafia **Vigotski** é inteiramente privilegiada no corpo do nosso texto, mesmo nos casos em que tomamos por referência traduções que, elas mesmas, utilizem outras grafias – a grafia utilizada dentro do parágrafo de citações, porém, respeita a grafia do tradutor em questão. Ao referenciarmos a edição espanhola de *Учения об эмоциях* (transl. *Utchêniya ob emotsiyakh*), traduzida como *Doctrina de las Emociones*, por exemplo, usaremos Vigotski em nosso texto, mas (Vygotski) ao citarmos direta ou indiretamente o material.

Num gesto paralelo, as obras vigotskianas referenciadas em nosso trabalho serão dispostas à parte dos demais autores e autoras na seção de Referências Bibliográficas, listadas cronologicamente a partir do ano de publicação da obra original e, em seguida, em ordem alfabética: o *Doctrina de las Emociones* (publicado originalmente em 1933) está listado antes de *Pensamiento y Lenguaje* (publicado em 1934) pelo critério cronológico, não alfabético; mas este mesmo *Pensamiento y Lenguaje* – versão espanhola de *Мышление и речь* (transl. *Michliêníe i riêch*) na qual Выготский foi transliterado como Vygotski – vem depois de ambas as edições brasileiras de *Pensamento e Linguagem* (Выготский como Vigotski).

Por fim, escolhemos citar as obras de Vigotski a partir do esquema (ano da publicação utilizada [ano original]): por exemplo, ao referenciar o *Psicologia da Arte*, tradução de Paulo Bezerra do original *Психология искусства*, usamos (Vigotski, 1999a [1916]).

2. ESBOÇOS PARA UMA LINGUÍSTICA VIGOTSKIANA

Embora já existam trabalhos que apontem para uma vizinhança filosófica entre Lev Vigotski e a pragmática linguística (cf. Bernicot, 1992; Bernicot, 1994; Eme 2011; Eme *et al*, 2011), é importante salientar que o próprio Vigotski nunca se defrontou diretamente com as discussões de John Austin – afinal, a primeira apresentação da teoria dos *speech acts* só foi publicada em 1962 e o autor de *Pensamento e Linguagem* falece em 1934; como contraponto, o próprio Vigotski, que teve sua obra embargada e censurada poucos meses após sua morte, só chegou ao conhecimento generalizado de psicólogos, filósofos e linguistas do ocidente décadas após sua morte, sendo a sua apropriação por autores interessados no tema da linguagem e que dele poderiam tirar proveito e interesse linguístico um evento tremendamente improvável, ao menos na primeira metade do século XX.

Temos a pretensão de dar contribuições aos temas linguísticos da relação pensamento-linguagem e da relação pensamento-comunicação, tomando como ponto de partida alguns problemas colocados pela pragmática de John Austin, como o da possibilidade de uma análise (pragmática) do perlocucionário e, especialmente, o de como estabelecer a distinção entre o intencional e o convencional de um discurso. Sugerimos, a partir da análise de textos específicos da obra de Vigotski, uma noção de consciência que possibilita tanto a criação de um saber sobre a experiência psicológica quanto a criação paralela de uma linguística que dê conta de colocar os problemas e definir os objetos desse saber. Sustentamos que Vigotski não é um psicólogo que fortuitamente tematizou – como um objeto-entre-outros – a linguagem, mas um autor que produziu uma semiologia muito particular ao encontrar, na linguagem, a chave para a constituição de uma psicologia tipicamente humana. É esta semiologia que nos interessa.

Vigotski, aqui, não aparece como um autor que “resolve” problemas colocados pela pragmática; com essa intercessão de Vigotski com a pragmática, pretendemos confrontá-lo com um conjunto de problemas que não são inteiramente os seus para, daí, extrair de seu texto consequências que o próprio autor não explicitou. Ora, “explicitar os elementos implícitos” dos atos de fala sempre foi uma preocupação da análise pragmática da linguagem de Austin, assim como da análise funcional vigotskiana, que coloca como necessidade objetiva à psicologia a introdução de uma nova terminologia no seu fazer. O psicólogo que se furta deste trabalho linguageiro se verá enredado numa série de contradições: misturará o vocabulário vago e polissemântico do cotidiano, os muitos vocabulários técnicos dos linguistas e filósofos

da linguagem e o vocabulário dos cientistas naturalistas - marcará que a pesquisa (idealista) da consciência da cor e a pesquisa (materialista) da reação comportamental ao branco, por exemplo, intentam a mesma coisa com palavras distintas, ao passo que Vigotski afirma que a palavra, nomeando o fato, proporciona já a filosofia deste fato (Vygotski, 2013b [1927]).

2.1. A pragmática e a distinção intencional/convencional

Podemos estabelecer o nascimento da pragmática linguística a partir da diferença entre **constativos** (*constatives*) e **performativos** (*performatives*) colocada por Austin (1962); os constativos descrevem estados de coisas, podendo ser valorados como verdadeiros ou falsos (dizer “o céu é azul” ou “é meio-dia”); já os performativos são enunciados que, quando ditos, realizam ações, como a ordem, o perdão, a promessa etc.: dizer “é meio-dia” querendo, com isto, encerrar uma reunião de trabalho, ou afirmar que “está quente” com o objetivo de que alguém se prontifique para ligar o ar-condicionado. Esse marco zero da pragmática é discutível, contudo: ainda que timidamente, a lógica de Frege já não nos apresenta um sistema simbólico (e noções de sentido dele derivadas – sentido como sinal linguístico, como referência a um objeto, como representação subjetiva) que desloca o olhar do filósofo e do linguista para as situações de comunicação? Não vemos, já em Peirce, o uso do termo “pragmatismo” e a sugestão de que o significado de um conceito nada mais seria do que o conjunto de suas consequências práticas? Jakobson, ao desenvolver uma teoria sobre as diversas funções da linguagem (referencial, emotiva, conativa, fática, poética, metalinguística), não poderia ser alçado à condição de pai da pragmática?

Salientamos o salto diferencial de Austin: **toda fala é performativa**, mesmo a constativa quando tomada a partir de seu uso concreto num contexto situado, rearranjando a dualidade constativo-performativo em três tipos de atos que se realizam, simultaneamente, em cada enunciado (**locucionários**, *locutionary acts*, dimensão linguística – sintática, semântica etc.; **ilocucionários**, *illocutionary acts*, o performativo propriamente dito, o tipo de ato realizado; e **perlocucionários**, *perlocutionary acts*, as consequências do ato, sentimentos, pensamentos e ações da audiência e/ou do falante, com o objetivo, intenção ou propósito – ou não – de gerar essas consequências; cf. Austin, 1962, *lecture viii*).

Ao realizar o estado da arte dos estudos filosóficos e linguísticos sobre a teoria dos atos de fala, nota-se que o perlocucionário tem recebido menos atenção dos especialistas em suas pesquisas e ensaios.

Nossa hipótese inicial do porquê isto acontece segue o seguinte problema na análise da linguagem, colocado pela teoria dos atos de fala (e, aqui, falamos não apenas de Austin, mas também de John Searle): a dificuldade em dimensionar o que é propriamente interno/psicológico/intencional e o que é externo/social/convencional no discurso; ora, marcar as condições de tal análise (e realizá-la) extrapola os estudos linguísticos, sendo atribuição de um outro saber, mais amplo; **a análise desse ato de fala total, desse perlocucionário, coincidiria com o objeto da psicologia social, não mais da linguística ou das filosofias da linguagem.** A linguística não deve possuir, como objeto de análise, um referente externo à linguagem pois, assim sendo, não se constituiria como um campo de saber independente, uma ciência com objeto e método próprios, como podemos ver em um Saussure, um Hjelmslev ou um Peirce.

Como dito, “explicitar os elementos implícitos” dos atos de fala sempre foi uma preocupação da análise pragmática da linguagem de Austin, mas a marcação do que é intencional e do que é convencional na fala concreta não se opera com a sua **classificação das forças ilocucionárias** – veredictivos (*verdictives*), exercitivos (*exercitives*), compromissivos (*compromissives*), comportamentais (trad. do neologismo *behabitives*) e expositivos (*expositives*); cf. Austin, 1962, *lecture xii*). Em Searle (1979), o estabelecimento dessa dobradinha intencional/convencional é apenas parcialmente resolvido ao falar dos **componentes da força ilocucionária** (objetivo, força do objetivo, modo, conteúdo, condição preparatória, sinceridade, força da sinceridade), mantendo um dualismo psicológico/sociológico pouco afeito ao plano de discussão colocado pela própria pragmática, seja em filosofia seja em linguística. Grice (1991a, 1991b), com a **implicatura conversacional** e seu **Princípio de Cooperação**, traz uma base filosófica e uma interessantíssima contribuição para os estudos linguísticos ao propor um método de recomposição da intenção implícita do falante a partir das características do contexto de comunicação (as **circunstâncias de enunciação**), mas acaba reforçando, com Austin e Searle, o esquema que concebe os elementos linguísticos, a intenção do falante, o significado apreendido pelo ouvinte e o contexto como substâncias independentes e isoladas entre si.

Como disse Wittgenstein (1999, §201-205), não se poderia ter a **intenção** de jogar xadrez se o xadrez e suas regras não existissem - jogar é uma práxis, é agir de um determinado modo, e acreditar que se joga é já seguir um outro conjunto de regras; aqui, dá o tom da pragmática do discurso ao sugerir que a própria distinção intencional/convencional, em termos pragmáticos, não **faz** sentido. É o próprio autor quem diz que parte do trabalho da análise filosófica deve ser trazer as palavras do plano metafísico para o uso comum,

identificando, desta feita, confusões e falsas analogias, dissolvendo-as todas. Diz-se “tenho dez reais em meu bolso” e diz-se “tenho uma ideia em minha mente”; “mente” e “bolso”, assim como “uma ideia” e os “dez reais”, cumprem a mesma função sintática na oração e, a partir daí, o locutor e seu alocutário são levados a crer que a mente, tal qual um bolso, seja um espaço que contém a ideia, uma coisa tal qual uma nota de dez reais. A distinção intencional/convencional, cremos, é uma distinção dessa natureza: termos inadequados a colocarem problemas inexistentes.

Focar no estudo dos ilocucionários – ou melhor, das condições de realização do ato de fala, dos pressupostos de sua força e das condições da comunicação bem-sucedida – não seria dar um maior peso ao que antecede o uso da linguagem ao invés de analisar o ato de fala ele mesmo? Ignorar os efeitos e consequências dos atos de fala, ignorar o que acontece em decorrência da interação linguística, não seria ignorar justamente aquilo que caracteriza a pragmática: o implícito, a indireta, o truncamento, a elipse, o oblíquo? Se a pragmática do discurso teria como objetivo “explicitar os elementos implícitos”, como pode ignorar aspectos do discurso como influência publicitária, racismo, *fake news* e outros elementos não-declarados do ato de fala, mas que são determinantes de sua força ilocucionária e de seus efeitos e consequências? Em resumo, tratar sistemática, lógica e estruturalmente a pragmática – como a filosofia da linguagem contemporânea habitualmente a trata – não seria ignorar o caráter funcional da linguagem e torná-la uma semântica aos moldes da gramática normativa?

Ao enfrentar o problema da relação pensamento-linguagem, Vigotski produz não só concepções originais de linguagem e de pensamento – e, na mesma esteira, um método de análise para abordá-los (concepção e método, estes, plenamente afinados com a pragmática do discurso) – mas toda uma ontologia da consciência que identifica o estudo da linguagem com o estudo do pensamento, e o estudo destes com o estudo dos atos de comunicação, do intercâmbio social.

A análise do intercâmbio social e do pensamento verbal em Vigotski tomaria a forma de uma descrição do fenômeno da comunicação em sua concretude (um etnografismo, um fenomenologismo, um descritivismo) ou do estabelecimento das condições formais em que a comunicação, qualquer que seja, se dá (uma antropologia *lato sensu*, um estruturalismo, a lógica semântica)? A “análise das necessidades” da atividade do brinquedo operada por Vigotski traz em cena um funcionalismo que cai como luva às concepções pragmáticas da linguagem, mas além: Vigotski não só pergunta o que a linguagem *faz* ou como a linguagem *funciona* (o ilocucionário), mas interroga sobre a *função* da linguagem, sobre o que faz com que ela funcione, o que a torna funcional; seus estudos sobre a fala egocêntrica, em

acréscimo, destacam uma função extra da linguagem que não a comunicação, mas a subjetivação, sendo a fala egocêntrica, como veremos, tanto descrição empírica da criança entretida no brinquedo quanto estrutura formal dos processos de interiorização da cultura na constituição da consciência.

Vigotski nos orienta à saída do falso dualismo intencional/convencional das pragmáticas do discurso de Austin, Searle e Grice, não necessariamente dissolvendo a questão, como em Wittgenstein, mas recolocando-a, ao mesmo tempo em que sugere, na sua análise das generalizações do pensamento verbal e do intercâmbio social, um método de análise pragmática do discurso que realmente dê conta do perlocucionário sem cair nem nas famigeradas “condições ideais da comunicação” a que as análises do ilocucionário tradicionalmente realizam nem num descritivismo empírico ao infinito, um “relato de experiência” vago e sem propósito. Nem estruturalismo nem descritivismo, mas funcionalismo.

2.2. Vigotski e a análise das necessidades

Em palestra proferida sobre o papel do brinquedo no desenvolvimento da criança, Vigotski (2007 [1933], 2008a [1933]) desvincula da definição de brinquedo a ideia de prazer, afirmando que existem outras atividades mais prazerosas do que a brincadeira, para uma criança (chupar chupeta, dormir etc.); se o prazer fosse a força motriz, a causa mecânica, da atividade de brinquedo, a criança estaria realizando estas outras atividades, e não a brincar. O segundo argumento é mais importante para o desenvolvimento da exposição vigotskiana, contudo: nem toda brincadeira é prazerosa. Vigotski exemplifica sua tese com esportes e jogos de perde-ganha; perder um jogo é resultado quase sempre acompanhado da experiência de desprazer. O resultado desfavorável, porém, não anula da atividade seu caráter de brincadeira. Mesmo no desprazer da derrota, o jogo continua sendo jogo; mesmo no desprazer, há brinquedo.

A desvinculação brinquedo-prazer é porta de entrada, no texto, para a recusa de explicações psicologistas por parte de Vigotski, que vai designar “tudo aquilo que é motivo para a ação” (Vigotski, 2007 [1933], p. 107) com o termo **necessidade**. As análises que ignorem que “o brinquedo preenche necessidades da criança nada mais são do que uma intelectualização pedante da atividade de brincar” (Vigotski, 2007 [1933], p. 107). Não mais se busca a motivação do brinquedo numa suposta estrutura mental ou estado de espírito da

criança, mas na sua função. A análise das motivações do brinquedo é uma **análise das necessidades** satisfeitas pela criança na atividade de brinquedo. A criança vai deixando de exprimir desejos e necessidades do plano do imediato e passa a experimentar “tendências irrealizáveis”, a se colocar problemas complexos, mediados. No entanto, essa criança pré-escolar – mesmo ocupando o plano humano da palavra partilhada e da sociedade – sempre se conduziu no sentido de satisfazer suas demandas e necessidades de maneira imediata. O brinquedo é a solução que o organismo infantil encontra para satisfazer, de maneira imediata, um problema de mediação, envolvendo-se “num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados” (Vigotski, 2007 [1933], p. 109).

O brinquedo, para Vigotski (2007 [1933], 2008a [1933]), é o pivô da separação entre o objeto/a ação e o seu significado. A criança, que antes acedia ao significado dos objetos apenas na presença dos próprios objetos, agora pode experienciá-los na ausência deles, pode aceder a um mundo apartado da experiência imediata; no brinquedo, a criança cria uma **situação imaginária** e experimenta um cavalo sem cavalo, experimenta ser rei ou rainha sem um reinado, experimenta a paternidade sem ter concebido ou adotado um filho e experimenta ser um super-herói sem possuir poderes de fato. A situação de brinquedo, entendida como situação imaginária, apresenta-se não só como uma zona em que a criança se comporta “como se ela fosse maior do que é na realidade” (Vigotski, 2007 [1933], p. 122) mas como situação em que várias possibilidades de ação são eliminadas; ou seja, já tendo excluído o prazer como causa do brinquedo, Vigotski encontra aquilo que o define: a regra. “Toda situação imaginária contém regras, [...] todo jogo com regras contém uma situação imaginária” (Vigotski, 2007 [1933], p. 112). A **imaginação** aparece aí como ato, e ato regrado, não como faculdade mental; o brinquedo deixa de ser um objeto elementar utilizado pela criança imaginativa e passa a ser condição material da própria imaginação. A imaginação, como todas as funções da consciência, surge da ação, é ação, a ponto de afirmarmos, com Vigotski, que o que o adulto chama de imaginação nada mais é do que “brinquedo sem ação” (Vigotski, 2007 [1933], p. 109). É imaginação não a substância espiritual que faz a criança lidar com uma vassoura como se fosse um cavalo; é imaginação o próprio ato da criança se apropriar da vassoura e negá-la como vassoura, e afirmá-la, através da sua conduta, como um cavalo. Ao mesmo tempo, é na brincadeira que a criança, à sua maneira, participa da mediação característica da linguagem e do social, e introjeta suas regras de funcionamento. A esta dinâmica instaurada pela própria criança, Vigotski chama de **zona de desenvolvimento**.

Esse texto nos trás alguns ganhos: a análise das necessidades como um método para pensar processos psicológicos (e linguísticos); a noção de que tais processos não são

substâncias, mas atos, funções; e o projeto de uma psicologia não mais básica, imediata, mas ciente de que não pode pensar seus objetos fora dos processos de mediação que os agenciam. É a partir desses três procedimentos de pensamento que Vigotski discute de maneira direta o problema da linguagem e a sua relação com o pensamento.

2.3. Vigotski, o desenvolvimento como ruptura e a linguagem como instrumento

O termo *defectologia* (ru. *дефектология*) marcava, para a psicologia e a medicina do começo do século passado, o estudo do déficit, das normas patológicas e de seu desenvolvimento, um tema que muito mobilizou Vigotski na primeira metade da década de 1920. Embora discussões sobre o discurso, a fala, a escrita, sobre o ato de ler, sobre crítica literária etc. costurem a obra vigotskiana desde sua monografia sobre o Hamlet de Shakespeare, é num breve artigo de 1924 – voltado justo à defectologia – que Vigotski coloca pela primeira vez e de modo direto um problema conceitual acerca da linguagem.

Os três procedimentos que depreendemos de sua discussão sobre o brinquedo podem ser encontrados neste artigo sob a forma de três pautas centrais: a ideia de uma psicologia ciente dos processos de mediação implicados em qualquer atividade humana aparece no conceito de **sociogênese**, premissa inicial do texto e primeira pauta central apresentada ao leitor. Vigotski faz notar que o que chamamos de desenvolvimento não passa tão só pela esfera da adaptação da espécie (uma filogênese) nem pelo plano do desenvolvimento orgânico de uma unidade biológica (uma ontogênese), mas também pela apropriação ativa, por parte desse organismo, de uma história de signos, jogos e instrumentos técnicos mais antiga do que ele mesmo. Levando essa sociogênese em consideração, Vigotski (2011 [1924]) coloca que o organismo humano possui o social como condição necessária de seu desenvolvimento; sugere, a partir daí, que as dificuldades de aprendizado não devem ser pensadas – logo, encaminhadas – como déficit biológico ou cognitivo apresentado pelo organismo em questão, mas como também produzidos pelos espaços que deveriam, ao contrário, servir-lhe de motor de desenvolvimento.

A segunda pauta central do artigo é consequência direta desta primeira: a noção de que o desenvolvimento, seja na criança típica seja na criança com alguma dificuldade de aprendizagem, é desde sempre um desenvolvimento por rupturas – adquirir a capacidade de levantar peso, por exemplo, não se dá por um desenvolvimento progressivo da capacidade muscular do organismo, mas pela ruptura de uma lógica de levantar para outra: levantar peso

de maneira desengonçada com os próprios membros dá lugar ao uso de posturas adequadas para o levantar peso que dá lugar a levantar peso com uma alavanca que dá lugar a uma divisão social do trabalho de levantar peso etc. Para Vigotski, a função dos espaços de educação infantil é estar ciente desses empecilhos que a própria cultura produz à criança e dar-lhe meios para que produza um caminho indireto de desenvolvimento, visto que o desenvolvimento, mesmo para a criança típica, já é indireto. O braile é um dos exemplos privilegiados utilizados por Vigotski para ilustrar o conceito de desenvolvimento indireto/por rupturas. Na ausência de um funcionamento típico dos olhos, uma criança pode, sim, ler, visto que ler nada tem de ver com os olhos, visto que ler não é uma atividade biológica, imediata, mas mediada, social.

Deixada a defectologia pedagógica de lado, fazemos notar que os dois procedimentos restantes derivados do texto do brinquedo – a análise das necessidades e a concepção dos processos psicológicos como atos – aparecem no terceiro e último núcleo duro do texto sobre defectologia de maneira diretamente ligada aos conceitos de sociogênese e de desenvolvimento indireto: como já postulado em nossa Introdução, a linguagem, para o Vigotski defectologista, é um instrumento de pensamento.

Vigotski demonstra a instrumentalidade da linguagem através do confronto com o conceito piagetiano de **fala egocêntrica**. Jean Piaget (1993) observa nas crianças engajadas em atividades o curioso fenômeno delas narrarem e descreverem o que estão a fazer, e isto **sem função comunicativa alguma**. Ao brincar, por exemplo, a criança fala o que faz o tempo todo para ela mesma, fala o que faz sem se dirigir a ninguém em específico. A experimentação piagetiana e sua conclusão: expõe crianças de idades variadas a uma série de atividades lúdicas - como ‘desenhar um coelho de orelhas vermelhas’ - e, sem intervenção alguma na atividade da criança, Piaget observou esse incessante falatório infantil de si e para si, qualificando-o como sintoma da modalidade de pensamento da criança, o egocentrismo.

Vale frisar: **egocentrismo** é o termo usado por Piaget para qualificar a conduta da criança em todos os seus aspectos: social, intelectual, moral, afetivo etc. A criança é estruturalmente incapaz de abrir mão de seu ponto de vista em detrimento de fatos, de aceitar experiências para além de sua vivência imediata, de, conseqüentemente, se conduzir a partir de sistemas, como a moral e mesmo jogos. A conduta flexível e sistemática do adulto é chamada de operação por Piaget; por isso, a conduta infantil – egocêntrica – é chamada, também, de pré-operatória (Piaget, 2015).

Na fala solitária da criança, Piaget vê um indício incontestável da mentalidade egocêntrica infantil, tanto que, nota, o índice dessa fala egocêntrica tende a cair na medida do

envelhecimento do grupo de crianças observado, e praticamente desaparece após os 12 anos. Se a criança fala sozinha, é porque a estrutura de sua mentalidade assim a condiciona; se emite a fala egocêntrica, é porque, oras, é egocêntrica. Em síntese, para Piaget a “fala egocêntrica declina com a emergência e o aumento da fala social”, mas “o egocentrismo [...] é deslocado para outro nível, o do pensamento abstrato” (Newman; Holzman, 2014, p. 133).

Vigotski, aqui, recusa não só a conclusão piagetiana mas as premissas de suas observações. Usando o mesmo procedimento da sua discussão com o brinquedo, recusa o psicologismo e faz uma análise da necessidade da fala egocêntrica na criança, tentando encontrar não a mentalidade do organismo que emite a fala egocêntrica, mas a função dessa fala para o organismo que a emite.

De início, replica os experimentos e observações de Piaget e encontra os mesmos dados: há necessariamente fala egocêntrica nas atividades infantis, que tende a diminuir exponencialmente com a idade das crianças estudadas; quanto mais velhas são as crianças, menor é o índice de fala egocêntrica por elas emitida. Contudo, Vigotski sugere uma variação das atividades em que as crianças estão entretidas, adicionando a elas problemas – ‘desenhar um coelho de orelhas vermelhas’, sim, mas são excluídos do cenário todos os lápis de cor vermelhos – e identifica duas coisas: o índice de fala egocêntrica emitida praticamente dobra, e a fala egocêntrica assume uma função clara, a de “planejar o comportamento” da criança (Vigotski, 2011 [1924], p. 864). ‘Sumiu o lápis vermelho’, ‘Devo ir atrás de um lápis de outra cor?’, ‘Vou deixar o coelho sem orelhas’, ‘Se eu molhar o lápis azul na água, ele deve ficar como vermelho’... De simples descrição do que a criança está a fazer, a fala traduz o problema em que a criança se encontra do plano das ações para o plano verbal, à medida em que a criança vai aprendendo a se adaptar aos obstáculos colocados à sua ação direta e deles toma consciência.

A fala egocêntrica é, para Vigotski, o modo como a criança, enfim, pensa. É a versão infantil do discurso interior, e está para ele assim como o brinquedo está para a imaginação do adulto.

2.4. Vigotski, o método da análise por unidades e o pensamento verbal

Pensamento e Linguagem é um monumento que reúne os diversos interesses de Vigotski num trabalho assustadoramente coerente sobre “uma das questões mais complexas e confusas da psicologia experimental: o problema do pensamento e da linguagem” (Vigotski,

2009 [1934], p. XV). Seu projeto com esta obra, o de compreender adequadamente a relação pensar-linguajar, pode ser lido, sem muito esforço, como um projeto intestino ao seu trabalho como um todo, visto que o livro “é o resultado de quase um decênio de trabalho constante do autor e seus colaboradores no estudo do pensamento e da linguagem”, estudo central para a constituição de uma “nova teoria psicológica da consciência” (Vigotski, 2009 [1934], p. XVIII-XIX).

Após historicizar brevemente os resultados dos trabalhos psicológicos desenvolvidos com o tema pensamento e linguagem, Vigotski organiza as soluções propostas em dois extremos: “entre a plena identificação e a plena fusão do pensamento com a palavra, e entre a sua plena separação e dissociação igualmente metafísica e absoluta” (Vigotski, 2009 [1934], p. 2). Aponta, como adeptos da identificação pensamento-linguagem, a linguística clássica e a reflexologia americana (em psicologia, uma referência ao behaviorismo metodológico de John Watson). Todas as doutrinas que insistem nessa identificação esbarram na impossibilidade “não só de resolver mas até mesmo de levantar a questão”, pois se “o pensamento e a linguagem coincidem, são a mesma coisa, não pode surgir nenhuma relação entre eles” (Vigotski, 2009 [1934], p. 3). As teorias que se aproximam do lado oposto do espectro – dissociação absoluta entre linguagem e pensamento – parecem estar em situação mais favorável, pois embora concebam a linguagem apenas como expressão externa e veste do pensamento, embora separem o pensamento de tudo o que tem de material (aí incluso a própria palavra), ao menos tentam resolver, a seu modo, o problema da relação pensamento-linguagem. Nelas, aloca a Escola de Wurzburg (referência ao introspeccionismo alemão de Wilhelm Wundt). No entanto, enquanto para o reflexionismo o problema sequer é um problema, os psicólogos de Wurzburg

acabam cortando o nó em vez de desatá-lo. Ao decompor o **pensamento discursivo** nos elementos que o constituem e que são heterogêneos – o pensamento e a palavra –, esses estudiosos, depois que estudam as propriedades puras do pensamento como tal, independentemente da linguagem, e a linguagem como tal, independentemente do pensamento, interpretam a relação entre eles como uma dependência mecânica puramente externa entre dois processos diferentes (Vigotski, 2009 [1934], p.4, grifo nosso).

O método aplicado na decomposição do todo da experiência psicológica – agora nomeado, esse todo, como pensamento discursivo ou pensamento verbalizado – inviabiliza o seu estudo, pois considera como elementos isolados relações internas que são interfuncionais. Para Vigotski, é como se a psicologia assumisse que a consciência, de fato, se organiza numa

estrutura integral, num todo único de partes que se interrelacionam, mas um todo único que, embora já postulado, nunca foi adequadamente tornado objeto de pesquisa. O mesmo se dá para a linguística tradicional. “Segundo um dos linguistas mais importantes da atualidade, esses dois elementos [pensamento e linguagem, significado e significante], unificados no signo, levam vidas totalmente separadas” (Vigotski, 2009 [1934], p. 7).

Sausurre define os signos linguísticos, alvos de sua linguística geral, como a relação entre um conceito (o significado) e a sua imagem sonora (o significante), arbitrariamente relacionados; ao fazê-lo, estabelece que o sentido do signo independe de um referente fora da linguagem, de um “mundo externo” ao qual a linguagem corresponderia, fazendo com que o seu estudo seja o estudo de grandezas linguísticas (uma de ordem fonológica; outra, de ordem semântica); chama o sistema de signos de *langue* (língua) e concebe “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social”, sendo a linguística uma parte dessa ciência dos signos, que seria, essa mesma ciência, “parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral” (2012, p. 47). No mesmo movimento, Saussure exclui a *parole* (fala) dessa linguística. A fala é definida, na linguística saussuriana, como “as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal, (...) [assim como] o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (2012, p. 45). Sendo um ato individual, a fala não pode se constituir como objeto de uma ciência social.

O que surge em *Pensamento e Linguagem*, como veremos, é a possibilidade de tornar a fala objeto de uma ciência linguística, de uma semiologia.

Essa linguística que separa a fala concreta de suas ideias faz com que o som perca as propriedades que o especificam como fala, tornando-o enfim voz humana e não qualquer outro som existente na natureza; do mesmo modo o significado que, isolado do som, torna-se representação pura, como se pudesse viver independentemente de seus veículos materiais. Para Vigotski, toda a esterilidade da semântica (estudo dos significados) e da fonética (estudo dos sons) advém dessa desintegração atomística dos componentes da linguagem em elementos isolados – (Vigotski se refere, obviamente, à semântica e à fonética de sua época; além disso, a própria linguística é composta, hoje, por campos que não existiam ou não estavam plenamente constituídos à época de Vigotski, como a própria pragmática, os estudos críticos do discurso, os estudos da argumentação, a problematologia etc.).

Problemas que visam entender a relação da inteligência com o afeto, ou do ambiente com o comportamento, ou do cérebro com a mente, ou da sociedade com o indivíduo, ou do Estado com a Sociedade Civil etc. falharão em encontrar respostas satisfatórias caso

concebiam, de antemão, como coisas isoladas e independentes realidades que não se desenvolvem em separado. O cérebro, sem pensamento, é apenas um pedaço avulso de proteína, enquanto o pensamento descerebrado não passa de abstração metafísica; o som sem significado é ruído, enquanto o significado desprovido de expressão é sonho não rememorado, é o limbo, o esquecimento. O mesmo com o problema central do livro, a saber, a relação entre o pensamento e a linguagem. Para Vigotski, as tentativas de estudar essa relação tendem a produzir abstrações artificiais, metafísicas, pois não consideram sua interrelação, sua relação interfuncional: não há pensamento sem linguagem e linguagem sem pensamento, do mesmo modo que não há cor sem extensão, movimento sem corpo ou locutor sem alocutário. São entidades distintas, sim, mas só são duas “coisas” quando tomadas em separado pelas nossas verbalizações e didatizações.

A psicologia e a linguística devem “substituir o método de decomposição em elementos pelo método de análise que desmembra em **unidades**. Deve encontrar essas propriedades que não se decompõem e se conservam, são inerentes a uma dada totalidade enquanto unidade” (Vigotski, 2009 [1934], p. 8, grifo nosso). Não entendemos um composto químico a partir de seus elementos (o hidrogênio e o oxigênio, gasosos, inflamáveis e dispersantes, não explicam a água, líquida e coesa). Do mesmo modo, a análise em psicologia deve operar um desmembramento do todo que permita explicar as propriedades concretas desse todo em estudo e das suas partes. Vigotski pergunta: “Que unidade é essa que não se deixa decompor e contém propriedades inerentes ao pensamento verbalizado como uma totalidade?” Encontra essa unidade interna no **significado da palavra**, pois a palavra, sempre se referindo a um grupo ou classe de objetos, é uma **generalização** latente, sendo característica tanto dos atos verbais quanto dos atos de pensamento. O significado, “Linguagem ou pensamento? Ele é ao mesmo tempo linguagem e pensamento porque é uma unidade do pensamento verbalizado” (Vigotski, 2009 [1934], p. 10).

Fazemos notar que a análise por unidades não dispensa a análise das necessidades; pelo contrário, a pressupõe. Encontrada a unidade de análise de seu livro – o significado da palavra – Vigotski pergunta da sua função: “é a comunicativa” (Vigotski, 2009 [1934], p. 11). Mas assim como as análises elementaristas dissociam o pensamento da linguagem como realidades independentes, fazem o mesmo em relação ao significado da palavra e seu efeito, a comunicação. A relação interfuncional entre pensamento e linguagem é paralela à interrelação entre **comunicação** e **generalização**, e só quando não desviarmos o olhar dessa quadra pensamento-linguagem-generalização-comunicação podemos entender, por exemplo, “a relação efetiva entre o desenvolvimento do pensamento da criança e o desenvolvimento social

da criança” (Vigotski, 2009 [1934], p. 13), dentre inúmeros outros problemas de pesquisa de uma psicologia que não ignore o caráter simbólico e linguageiro da consciência, de uma psicologia que seja, ela mesma – esboçamos – uma linguística, uma semiologia.

2.5. Pistas metodológicas

Reunidas, as lições metodológicas de Vigotski discutidas na presente seção poderiam ser listadas do seguinte modo:

- realizar uma análise do fato, seja ele psicológico ou linguístico, é analisar as necessidades deste fato, isto é, é identificar os problemas a que resolve;
- tal fato - uma lembrança, um exemplo dado numa conversação, um traço neurótico, um meme, uma crise de ansiedade, um argumento conclusivo etc. - é menos uma substância elementar e bem mais uma função;
- fazer psicologia é pensar seus objetos a partir dos processos de mediação que os agenciam – neste sentido, uma análise da relação pensamento-linguagem não só pode recorrer aos estudos linguísticos como se constitui, ela mesma, numa linguística muito particular dos atos discursivos;
- considerando o caráter sociogenético dos processos humanos, os objetos-processos de análise desta linguística devem ser captados em seu desenvolvimento - seja o desenvolvimento da criança seja o desenvolvimento de um embate argumentativo; o implícito a ser explicitado pela análise é nada menos do que a passagem de um registro funcional a outro: a criança se desenvolve quando se desenvolvem suas necessidades; a argumentação se desenvolve quando se alteram os tipos de recursos e apelos argumentativos que fazem avançar a negociação etc.;
- por fim, sendo a linguagem um instrumento de pensamento, o discurso não é mais entendido como exteriorização de um pensamento já pronto, mas sim como a constituição ativa, criadora, contextual e histórica do pensamento: o sujeito não pensa e, posteriormente, se põe a falar ou a escrever; o sujeito pensa no ato de falar, pensa no ato de escrever.

A pragmática pode ser contextualista (a pragmática como extensão da semântica; Grice, Montague, Bar-Hillel) ou performativa (a linguagem como ação, não como descrição; Austin, Searle, o segundo Wittgenstein). O dualismo uso-contexto não existe em Vigotski,

unidos no conceito de **comunicação**. O problema pragmatista da distinção intencional/convencional se recoloca: intencional deixa de ser entendido como unidade mental e convencional deixa de ser o social concebido como mônada, como influência externa ao pensamento. A intenção é constituída pelo arranjo das convenções, e uma convenção nada mais seria do que o jogo dinâmico utilizado pelos sujeitos para se constituírem a partir de seu embate com o outro. Neste sentido, não haveria uma psicologia social que se oporia a uma psicologia do indivíduo: toda psicologia já seria, de partida, social – podendo por vezes centrar sua análise no individual (ex. a atenção flutuante de um analista no setting terapêutico, a análise argumentativa dos recursos utilizados por um sujeito num monólogo etc.) ou em coletividades (ex. a análise das demandas de uma empresa por um institucionalista, a análise discursiva de um conjunto de poemas visando entender a época da qual fazem parte etc.).

Na esteira de grandes comentadores da obra vigotskiana, como James Wersch, René Van der Veer, Jean Valsiner e Alex Kozulin (apud Molon, 2015), é comum que se disponha as temáticas centrais abordadas por Vigotski num esquema didático caracterizado por três fases gerais: a **estética**, presente em sua crítica ao Hamlet de Shakespeare, no *Psicologia da Arte* ou em seus trabalhos sobre a psicologia do ator (numa fase de sua obra que se estenderia de 1916 a 1925), a **metateórica**, isto é, as discussões filosóficas e metodológicas tecidas por Vigotski sobre as limitações da psicologia de sua época (segunda metade dos anos 1920) e a temática **sócio-histórica**, fase em que Vigotski parece estar diretamente engajado na criação de uma psicologia das funções psicológicas superiores (1928-1932) e na formulação de uma concepção semiótica da consciência (*O Problema da Consciência*, de 1933; *Pensamento e Linguagem*, de 1934). Há neste esquema didático alguns problemas.

Ao separar esses três temas macro, ignora-se uma série de outras temáticas abordadas pelo autor: antropologia, sociologia, paleontologia, primatologia, neurologia, etologia, pedologia, defectologia, pedagogia, entendidas pelo esquema acima apenas como subtemas das demais temáticas – o que falseia a especificidade dessas discussões e as apresenta, quando muito, como “discussões menores” dentro do projeto vigotskiano.

O esquema pensa as temáticas macro não como temas transversais que atravessam, dialeticamente, toda a obra do autor, mas as toma como fases, estágios, o que lhe coloca um ponto cego para a discussão vigotskiana sobre linguagem, entendida pelo esquema apenas como um *momentum* da psicologia de Vigotski; a fase sócio-histórica será caracterizada numa espiral marcada por uma subetapa neurofisiológica, uma subetapa focada no estudo dos processos psicológicos superiores e uma terceira subetapa voltada à compreensão da motivação, da vontade e da moral (Molon, 2015); a discussão vigotskiana sobre linguagem é,

para tal esquema, uma espécie de ato final dessa espiral, quando é, em verdade, seu epicentro, visto que a temática da linguagem costura a obra de Vigotski da sua monografia sobre Hamlet (seu primeiro texto publicado, em 1916) até *Pensamento e Linguagem* (sua obra derradeira publicada em 1934, ano de sua morte).

É famosa a metáfora vigotskiana do pensamento como uma nuvem descarregando uma chuva de palavras. A transição do pensamento para a palavra passa pelo significado, e este, pela comunicação; logo, só se pensa pois há um outro para quem se pensa e para quem se discursa, com quem se discursa. Há questões e problemas que não se apresentam de forma direta – a nuvem, o pensamento oculto, o subtexto – mas que nem por isso deixam de ser objetiváveis. Falar é objetivar (fala comunicativa) e subjetivar (fala egocêntrica). As diretrizes de D. Marcondes (2005) para uma pragmática do discurso contemporânea implicam i. focar na ação, não no contexto, pois o ato de fala pode modificar os contextos; além disso, ii. uma metodologia de análise da linguagem em termos pragmáticos deve ii.1. levar em conta o caráter fragmentário, indireto, plural, diverso, variável da linguagem, ao mesmo tempo em que deve ii.2. ser sistemática na explicitação dos elementos implícitos e na identificação das forças ilocucionárias dos atos indiretos, sendo que ii.3. as classificações daí decorrentes devem ser consideradas elas mesmas do ponto de vista pragmático (ou seja, como instrumentos de análise do funcionamento da linguagem em curso, não como descrição da sua natureza ou essência).

Consideramos que, em Vigotski, há pistas para a formulação de uma filosofia da linguagem e de uma semiologia dessa natureza.

3. A CLÍNICA, *SETTING* DE FALA EGOCÊNTRICA

3.1. Que é isto, a clínica psicológica?

Dar uma definição precisa à clínica é responder um conjunto de problemas concretos: “que é isto, a clínica?” é questão equivalente a toda uma série de outras questões, como “que é isto pelo qual o analista cobra seu analisando?” ou “que é isto que o analisando está a buscar quando aciona seu analista?” ou, ainda, “que é isto que ocorre no *setting* analítico e que designamos como terapêutico?” etc. Mais especificamente, questionamos: que compreensão do espaço terapêutico devemos assumir para que possamos tomar fragmentos de discursos clínicos como fonte primária da presente Tese?

Eis uma imagem-exemplo para disparar nossa discussão: uma mulher soluça de tristeza e nada consegue dizer.

Para a terapia cognitiva (cf. Beck, Williams, Scott, 1989; cf. Beck, 2022), a mulher, estando triste, soluça e, por soluçar, nada consegue dizer: tem-se aí um esquema que, ressoando o entendimento comum, entende que uma situação específica elicia nesta mulher uma representação mental específica; esta crença-representação produzirá, consequentemente, um comportamento também específico – o mental é aqui entendido como causa da ação, da conduta, e lidar com a conduta é, justo, lidar com as crenças e representações que a causam. Diria o cognitivista, em termos gerais: **não mais querendo soluçar e calar-se diante da coisa que a faz chorar, a mulher precisa mudar o modo como representa esta coisa.**

Para o freudiano, uma hipótese interpretativa possível seria a de que **a mulher soluça para nada dizer.** Aquilo do qual o paciente se queixa – a encomenda clínica inicial a que Freud chama de sintoma – nada mais seria do que uma conversão de um conteúdo psíquico reprimido que o sujeito não se permite desejar mas que, ao retornar à consciência deformado, simboliza este reprimido a partir dos ganhos secundários que traz (Freud, 2013, 2016): Anna O. é odiosa de sua vida – e de um pai e uma época que lhe forçam a viver esta vida; só pode sair à rua na presença de damas de companhia, o amor se lhe manifesta a partir de pretendentes arranjados por seu pai e, impedida de ir à universidade, limita-se ao estudo da etiqueta e do piano para arrumar um marido; recusa-se via sintoma a falar com seu genitor (desenvolve uma gagueira que a impede de falar alemão e tão só alemão, único idioma compreendido pelo pai), a tocar piano para os pretendentes a marido (suas mãos tremem diante do instrumento) e a sair com sua dama de companhia (não conseguindo engolir

líquidos, as tardes de chá com a dama de companhia perdem o sentido). A terapia, nestes termos, consistiria num espaço de atenção não-focada, flutuante (por parte do analista) e de livre associação (por parte do analisando); ao falar, o sujeito elabora e recompõe uma cadeia de complexos que o levará do sintoma (consciente) ao reprimido (inconsciente e sexual em sua origem) – tomar consciência do reprimido é, justo, livrar-se do sintoma que o simboliza.

Da mulher que soluça de tristeza, o fenomenólogo diria que **soluçar é o modo como, aí, a tristeza se revela**. Evitando tanto os psicologismos que atribuirão ao mental a primazia da ação quanto os sociologismos e fisiologismos que procurarão no fora a explicação de um considerado, a fenomenologia se assume como uma atitude filosófica de recusa à explicação dos fatos, tomando como primazia a descrição e a compreensão da coisa tal qual ela aparece à consciência: o ser da coisa não seria um trás-mundo, uma substância essencial por detrás do véu das aparências, mas justo o seu aparecer; o ser da coisa nada mais seria do que o conjunto de suas aparições (Sartre, 1997). O psiquiatra que explica a melancolia a partir da queda dos níveis de serotonina nos neurotransmissores de um depressivo ou o crítico de arte que explica a Guernica de Picasso a partir dos horrores da 2ª Guerra Mundial caem, ambos, numa mesma atitude natural: explicam o fenômeno antes de compreendê-lo, isto é, destroem a coisa mesma ao buscar fora da coisa, fora do fenômeno, um fundamento – falar da 2ª Guerra aí é não falar da pintura de Picasso e, em especial, da experiência irrefletida do esteta diante da tela; falar de hormônios e atividade cerebral aí é não tematizar a tristeza do sujeito que soluça e que nada diz. Considerada fenomenologicamente, a emoção não é uma realidade interna; sendo fenômeno, sendo aparição-para-uma consciência, a emoção é um fato objetivo legível em nossa atitude corporal situada (Sartre, 2014). A emoção e o desejo do outro não são captados indiretamente por nós através de uma interpretação intelectual que fazemos dos signos que esse outro emite: deve-se dizer que o outro nos é dado como evidência, como comportamento, e comportamento estruturado (Merleau-Ponty, 2006, 2011). O amor, o ódio e o medo não são a causa de atos amorosos, odiosos e medrosos, mas são maneiras de lançar-se no mundo e a ele ligar-se a partir desses atos. Se amamos, amamos algo ou alguém; se tememos, tememos alguma coisa. A consciência, para a fenomenologia, não seria uma mente pura extirpada do corpo e em suspenso do chão do real: está, ao contrário, lançada ao mundo, enraizada nas situações concretas e, tal qual um signo, um significante, existe para apontar uma realidade além de si mesma (Sartre, 2008, 2014, 2019).

Para o William James do *Princípios...* (cf. James, 2008) e o behaviorista radical fundamentado na filosofia do comportamento de Skinner (2003, 2009), o soluçar integra um conjunto de outros elementos concretos – olhos marejados, ombros caídos, um aperto no peito

e, justo, o nada dizer – a que chamamos de tristeza, e sem os quais não há tristeza. Aqui, não seria a emoção a causa do comportamento; o que chamamos de emoção nada mais seria do que um conjunto muito particular de comportamentos privados que, em atuação conjunta com certos comportamentos públicos (chorar, soluçar, calar), comporia a tristeza. Evitando o mentalismo, a causa da tristeza não seria buscada internamente por James e Skinner mas, isso sim, nas variáveis atuais de um ambiente ocupado pelo sujeito-organismo e no histórico de aprendizagem deste mesmo sujeito-organismo.

E como seria para o vigotskiano? Como, a partir das ideias de Vigotski, podemos nos situar neste campo complexo de matrizes teóricas e abordagens que é a clínica psicológica?

3.2. Vigotski, um clínico

De partida, há algo que não podemos deixar de considerar: pensar diferentes abordagens clínicas implica conceber suas diferentes metodologias e técnicas clínicas, de fato, mas é tarefa que não se resume a isso. Diferentes abordagens clínicas implicam, isto sim, diferentes modos de concepção da própria ideia de clínica, diferentes modos de postular a sua função e seus objetos fundamentais. O cognitivismo toma como objeto fundamental da clínica as crenças centrais que organizam a relação do sujeito com o mundo que este representa; a psicanálise está atrás das dinâmicas e conteúdos inconscientes que constituem o sujeito; o behaviorismo desloca a análise para as contingências de reforço que fortalecem ou enfraquecem determinados comportamentos etc. etc. Em termos de pesquisa, porém, o objeto primário da clínica não equivale aos objetos fundamentais da abordagem. Seja leitor de Beck, de Freud, de Skinner ou de Sartre, o objeto primário com o qual o terapeuta lida em seu *setting* terapêutico é a fala de seu analisando.

Assim, a título de premissa para uma investigação conceitual, compreender uma abordagem clínica parte do esforço de compreender como esta abordagem concebe e maneja a fala, o discurso. Trazendo a questão para o estofo de nosso trabalho, afirmamos que conceber uma abordagem clínica vigotskiana passa, enfim, por conceber o entendimento vigotskiano da fala. Há elementos para que possamos formular os fundamentos, os instrumentos e os propósitos de uma clínica vigotskiana – estariam presentes em sua defectologia e na sua discussão sobre a instrumentalidade da linguagem, já tematizadas na seção precedente, assim como nas pistas metodológicas que encerram a seção. No entanto, não se trata de

territorializar uma abordagem ou filiação teórica vigotskiana que estabeleceria com as demais uma relação de concorrência e de exclusão. Nas palavras do próprio Vigotski,

[Nossa tarefa] não consiste em criar uma escola junto a outras escolas. Nem delimita uma parte ou faceta determinada, nem um problema, nem um procedimento de interpretação da psicologia, junto com outras partes, escolas etc., análogas. [...] [N]ossa tarefa não consiste em absoluto, em diferenciar nosso trabalho de todo o trabalho psicológico do passado, mas em uní-lo num só conjunto sobre uma nova base com tudo que foi estudado cientificamente pela psicologia. Não queremos diferenciar nossa escola da ciência, mas esta do não-científico, a psicologia da não-psicologia. Essa psicologia de que falamos ainda não existe; terá de ser criada e não por uma só escola (Vygotski, 2013b [1927], p. 405, tradução nossa⁵).

Consideremos seu ensaio filosófico sobre Espinosa (Vygotski, 2017a [1933]). Ao ler Pavlov e recusar a reflexologia e seu mecanicismo, Vigotski parte do elogio de uma psicologia que busca no fora, no meio, o seu fundamento – não é esse o núcleo duro de toda psicologia que se pretende social? Ao ler Espinosa, Vigotski não apenas toma partido na querela Descartes-Espinosa mas, ao operar uma análise da leitura realizada por W. James e C. Lange do filósofo holandês, extrai da discussão um monismo imanentista que considera peça-chave para a sua psicologia nem-idealista-nem-fisiologista, nem metafísica nem ingenuamente materialista.

Marcamos que as discussões que Vigotski trava com os autores, abordagens e teorias disponíveis em seu derredor são dialéticas num sentido muito simples – não se trata de afirmar ou negar em bloco o freudismo ou a reflexologia behaviorista, por exemplo, mas de manuseá-los, torcê-los e fazê-los dialogar com a experiência sob uma perspectiva ao mesmo tempo material(ista) e histórica. Tal qual a intercessão Vigotski-pragmática realizada na seção anterior, produziremos a seguir uma articulação entre o autor e o behaviorismo radical de Skinner (tomando como ponto de encontro entre os autores a recusa de ambos por explicações mentalistas do comportamento) e, logo após, uma articulação Vigotski-Freud (a partir das considerações de Vigotski sobre as lacunas produzidas pela psicanálise na análise da experiência estética) visando extrair, desses encontros pouco usuais, definições, descrições e instrumentos importantes para a presente Tese.

⁵ Original: “[...] no consiste en crear una escuela junto a otras escuelas. Ni delimita una parte o faceta determinada, ni un problema, ni un procedimiento de interpretación de la psicología, junto con otras partes, escuelas, etcétera, análogas. [...] [N]uestra tarea no consiste en absoluto en **diferenciar** nuestro trabajo de todo el trabajo psicológico del pasado, sino en **unirlo** en un solo conjunto sobre una base nueva con todo lo que ha sido estudiado científicamente por la psicología. No queremos diferenciar nuestra escuela de la ciencia, sino esta de lo no científico, la psicología de la no psicología”.

3.2.1. *Seria Vigotski um behaviorista?*

Por meio da expressão **causa interna**, Skinner (2003) recusa tanto o mentalismo quanto o fisiologismo na explicação da conduta humana. Embora reconheça o papel do orgânico na produção do comportamento, a explicação por causas internas não apenas ignora como oculta as relações funcionais – são estas contingências que, explicitadas, seriam a devida explicação das condições que fortalecem esta conduta: dizer que a criança se dana pois é danada, que a crise de ansiedade é efeito de uma doença mental chamada, justo, de ansiedade, e que há crime devido a uma mentalidade ou cerebralidade criminosa é tão só usar o nome da conduta que é alvo da análise como causa desta mesma conduta. Até aqui, e apenas até aqui, nada desavizinha Skinner de Vigotski – que opera uma semelhante crítica às explicações metafísicas da psicologia (Vygotski, 2013b [1927]). Na esteira desta recusa, no entanto, Skinner recusa também a análise do comportamento pelas necessidades que este comportamento supriria (Skinner, 2003, 2009).

A análise da criança que se dana nada mais seria, para o skinneriano, do que a análise da função do danar-se, isto é, da relação operante entre o comportamento de se danar e os efeitos que produz num determinado ambiente: chama de **reforço** os efeitos do comportamento que o fortalecem, isto é, que aumentem a probabilidade dele ocorrer novamente em situações semelhantes (Skinner, 2003, 2009). Para o behaviorista, mudar o comportamento não se trata de mudar mentalidades, mas de produzir uma alteração no ambiente do qual este comportamento é função, seja no sentido de alterar as contingências que fortalecem a conduta indesejada, de reforçar condutas que excluam a conduta a ser alterada etc. De fato, é **provável** que, na fome, um comportamento que produza comida como consequência seja reforçado, mas não é **necessário** que um organismo faminto vá sempre comportar-se em busca de alimento; diz Skinner, isto sim, que aquele organismo específico foi modelado a se comportar de modo a produzir comida quando em certos contextos e quando diante dos eventos fisiológicos privados que consegue descrever e que aprendeu a nomear como fome – embora na fome boa parte de nós se ponha a cozinhar, a abrir a geladeira em busca de sobras, a sondar as opções disponíveis num aplicativo que agencia *deliveries* etc., o monge de jejum, a modelo de dieta e o lutador que precisa permanecer em sua faixa de peso não se alimentarão mesmo que seus organismos apresentem a fisiologia da fome. Analisar o porquê do monge, da modelo e do lutador não comerem seria, para Skinner, analisar a função da privação de comida nas contingências que modelam cada um deles.

Já Vigotski não só reconhece o valor das necessidades na análise funcional que realiza do comportamento como chama explicitamente de **análise das necessidades** a atitude metodológica que utiliza para interrogar os fenômenos humanos – diante da fala egocêntrica ou da brincadeira, Vigotski não pergunta, tal qual Piaget, sobre a estrutura psicológica da criança que se engaja nesses atos; encontra a motivação de tais atos nos problemas que colocam e resolvem; entender um comportamento seria entender a sua necessidade, estudar o desenvolvimento de um organismo é estudar o desenvolvimento de suas necessidades etc. etc. Esta parêntese Skinner-Vigotski nos ajuda a colocar a seguinte hipótese: a análise funcional de Skinner (via reforço) não excluiria a análise funcional de Vigotski (via necessidade), mas é por ela complementada. Não há a recusa da necessidade como instrumento metodológico no caso do monge que, na fome, evita abrir o iFood; há aí, em termos vigotskianos, um deslocamento do que torna necessário seu comportamento de jejuar e, conseqüentemente, do que motiva a sua ação. O que há para mostrar, aqui, não é a crítica implícita de Skinner a Vigotski ou de Vigotski a Skinner mas, a partir desta breve articulação, fica por ser dito que o que Vigotski chama de “necessidade” é outra coisa que não uma simples demanda por homeostase, por equilíbrio, por satisfação ou por adaptação num sentido mecânico.

Recusando os modelos botânico e zoológico da psicologia de sua época, Vigotski insiste na criação de uma psicologia dos aspectos tipicamente humanos (Vygotski, 2017b [1930]). O modelo botânico se encontra presente, hoje, em certas teorias humanistas que naturalizam a subjetividade, concebendo o desenvolvimento como um desenrolar progressivo de tendências inatas à condição humana e o ensino-aprendizagem como a criação de um espaço privilegiado, uma “estufa”, na qual essas tendências desabrochariam, se realizariam (a lógica do *kindergarten*, do “jardim de infância”); o modelo zoológico, por sua vez, se encontra presente nas psicologias que utilizam o mesmo conjunto de conceitos e métodos para explicar tanto o comportamento humano quanto o comportamento animal – aqui, se trata nem tanto de discutir a veracidade ou pertinência de tais conceitos e métodos: se o conceito gestáltico de *insight*, por exemplo, se propõe a explicar tanto a dinâmica de comportamento de um chimpanzé que empilha caixotes para ter acesso a um punhado de bananas quanto a dinâmica de comportamento de um sujeito que, no cinema, se emociona com o *plot twist* de um filme, tal conceito deve ser atribuído ao campo da biologia geral ou da zoologia, não da psicologia, entendida esta como ciência humana, ciência que flagre e capte aquilo que é exclusivamente humano. Vigotski explica que

[...] durante o processo de desenvolvimento psíquico da criança tem lugar não só a reorganização interna e o aperfeiçoamento de funções isoladas, mas se alteram

radicalmente as conexões e as relações interfuncionais. Como resultado disso aparecem novos sistemas psicológicos, que unem em uma complicada cooperação toda uma série de funções elementares isoladas. **Estes sistemas psicológicos**, estas unidades de ordem superior, que substituem às funções homogêneas, únicas, elementares [que caracterizam a atividade prática do animal], **as denominamos convencionalmente funções psíquicas superiores**. (Vygotski, 2017b [1930], p. 89, grifos nossos, tradução nossa⁶).

A equivalência de natureza entre o comportamento animal (agenciado por processos psicológicos básicos, imediatos) e o comportamento humano (que, nos termos vigotskianos, é expressão desses processos psicológicos de ordem superior) se manifesta na estrutura analítica estímulo-resposta típica da psicologia experimental, seja a psicologia experimental objetiva seja a introspeccionista (Vygotski, 2017b [1930]). Vigotski aponta a necessidade de novos métodos e de uma nova estrutura analítica que consiga marcar a distinção entre a reação adaptativa de um animal a seu ambiente e a ação transformadora sobre a natureza característica da conduta humana: o lobo da tundra tende a desenvolver uma pelagem mais espessa e um maior acúmulo de tecido adiposo que o lobo das montanhas, ao mesmo tempo em que espécimes específicos da matilha podem aprender estratégias “pessoais” na sua lida com o frio – como resposta ao problema do frio, no entanto, um coletivo humano que habita uma região nevada inventará o casaco.

O casaco aparece para um povo tradicional da tundra não só como uma extensão de habilidades e atributos humanos – como um pássaro que prolonga seu bico com o uso de um galho e melhor pinça as larvas que vicejam dentro de um tronco de árvore – mas como um instrumento-signo que altera a relação do corpo humano com o frio, consigo mesmo e com os demais, num “salto da forma zoológica à forma histórica da evolução psíquica” (Vygotski, 2017b [1930], p.45, tradução nossa⁷). Aqui, Vigotski ressoa Engels (2020), para quem o trabalho e a palavra seriam os dois principais estímulos sob cuja influência o corpo e o cérebro do macaco foram, pouco a pouco, se modelando em corpo e cérebro humanos. Mesmo o natural se torna simbólico, se humaniza: a neve de uma comédia romântica natalina não é a “neve molhada” experimentada pelo personagem sem nome de Memórias do Subsolo; o filme *Parasita*, de Bong Joon-ho, também o ilustra: a chuva-bênção experimentada pela família do abastado Sr. Park não é a chuva-catástrofe vivida por Kim Ki-taek, morando junto

⁶ Original: “[...] durante el proceso de desarrollo psíquico del niño tiene lugar no solo la reorganización interna y el perfeccionamiento de funciones aisladas, sino que se alteran radicalmente las conexiones y las relaciones interfuncionales. Como resultado de ello aparecen nuevos sistemas psicológicos, que unen en una complicada cooperación toda una serie de funciones elementales aisladas. Estos sistemas psicológicos, estas unidades de orden superior, que sustituyen a las funciones homogéneas, únicas, elementales, las denominamos convencionalmente funciones psíquicas superiores”.

⁷ Original: “Al convertirse en percepción humana, la percepción del niño [...] da un salto de la forma zoológica a la forma histórica de la evolución psíquica”.

de sua esposa e seus dois filhos na *cave* de um velho edifício. Das mantas usadas por um inuit do Alasca às gabardines de um soldado na Segunda Guerra, das peles de renas dos nenets siberianos a uma jaqueta de matelassê usada pela influencer de moda em sua última *live*, o casaco não é o simulacro de uma pelagem grossa ou de uma camada de gordura: sendo signo, sendo instrumento no sentido engiliano e vigotskiano, aparece como aquilo que satisfaz uma necessidade mas, também, como aquilo que coloca novos problemas aos quais ele mesmo aparece como solução – o casaco como marcador de hierarquia social, como símbolo de beleza, de bonança econômica, como ícone de sucesso na caça e na guerra etc.

Retomemos a discussão da linguagem como instrumento-signo de pensamento.

O que Vigotski identifica na psicologia animal de sua época – cita W. Kohler, K. Buhler, Shapiro e Gerke, dentre outros – é certa analogia entre a inteligência infantil e as respostas apresentadas por macacos diante de problemas imediatos (Vygotski, 2017b, [1930]). O macaco que resolve seu problema (empilhar caixas para ter acesso a um objeto de seu interesse mas fora de seu alcance) e a criança que resolve um problema semelhante (subir numa cadeira para ter acesso a um brinquedo numa plataforma elevada, por exemplo) são interpretados como fenômenos de mesma estrutura e natureza por tais autores. Vigotski, porém, lembra o seu leitor de que a criança, enquanto atua, não para de falar sobre a sua atuação; a criança pequena pode até ser identificada ao macaco, mas com um elemento diferencial – é um macaco que não apenas **age** mas que também **fala enquanto age**.

A convergência entre atividade prática e fala na criança, já discutida na seção anterior, se apresenta em dois pontos na argumentação de Vigotski: i. **a fala e a ação fazem parte de uma mesma função psicológica complexa dirigida para a solução do problema em questão;** e ii. **quanto mais complexa a ação, maior a importância que a fala adquire na operação como um todo** (Vygotski, 2017b [1930]).

O chimpanzé do experimento de Kohler, privado de comida, identifica um cacho com bananas em suspenso no teto de sua gaiola, ao mesmo tempo em que encontra, atirados em avulso no interior da jaula, diversos caixotes; para que uma resolução se dê (empilhar os caixotes, escalá-los e pegar o cacho, por exemplo), os caixotes, as bananas e seu corpo faminto devem estar todos presentes em seu campo de visão imediato. Não é isso que se dá com a criança que, em fala egocêntrica, pode ser levada a se dirigir a outro cômodo (a cozinha) para buscar um elemento importante (uma cadeira) na resolução de um problema que ocorre alhures (alcançar um brinquedo posto numa prateleira alta demais): ao falar e por falar, “a criança começa a perceber o mundo não só através de seus olhos, mas também de sua

linguagem” (Vygotski, 2017b [1930], p. 46, tradução nossa⁸). Pensar a linguagem como signo, como instrumento de pensamento, é pensá-la como uma “barreira funcional entre a percepção e a motricidade” (Vygotski, 2017b [1930], p. 55, tradução nossa⁹), uma barreira que separa o estímulo ambiental da realização imediata do ato e que aparta o sujeito-da-linguagem da estrutura da situação visual concreta. A fala, antes “um meio para estimular outras pessoas [...], se converte em uma operação intrapsíquica” (Vygotski, 2017b [1930], p. 69, tradução nossa¹⁰).

Eis aqui indicativos para uma **noção vigotskiana de liberdade**: a linguagem, de partida, garante relativo livramento ao sujeito-da-linguagem em relação à estrutura ambiental imediata; apropriada pela criança e introjetada pelo adulto, implicará operações cada vez menos impulsivas divididas em planejamento e execução; conseqüentemente, a linguagem garantirá à criança-que-fala, ao jovem-que-escreve, ao adulto-que-pensa (isto é, fala e escreve silenciosamente), o controle e a manipulação não só de objetos, mas de seu próprio comportamento.

Ainda que haja uma indireta parceria entre Skinner e Vygotski na recusa ao mentalismo, e ainda que as análises via reforço e via necessidade não necessariamente se excluam, **é pela noção de liberdade que distamos o projeto behaviorista da psicologia aventada por Vygotski.**

Para Skinner, o sentimento de liberdade nada mais seria do que uma situação de reforço que, não produzindo contracontrole por parte do organismo, é descrita pelo mesmo como exercício livre de sua vontade. Toma como exemplo a necessidade do governo em levantar fundos para a efetivação de suas políticas públicas.

Se o fizer por meio de taxação, seus cidadãos deverão pagar ou ser punidos, e eles poderão escapar deste controle aversivo colocando outro partido no poder nas eleições vindouras. Como uma alternativa, o governo organiza uma loteria e, em vez de ser **obrigado** a pagar taxas, o cidadão **voluntariamente** compra bilhetes. O resultado é o mesmo: os cidadãos dão dinheiro ao governo, mas sentem-se livres e, neste segundo caso, não protestam. Não obstante, estão sendo controlados, tão poderosamente quanto o seriam por uma ameaça de punição (Skinner, 2009, p. 170, grifos do autor).

A liberdade aparece no behaviorismo skinneriano ora como uma noção mentalista a ser evitada, ora como o trabalho do analista do comportamento para expor as contingências

⁸ Original: “[...] el niño comienza a percibir el mundo no solo a través de sus ojos, sino también de su lenguaje”.

⁹ Original: “La barrera funcional entre la percepción e la motricidad [...]”.

¹⁰ Original: “La operación con los signos recorre, al parecer, el mismo camino seguido en la ontogénesis por el lenguaje, que antes era un medio para estimular a otra persona y se convierte después en una función intrapsíquica”.

que, de maneira indireta ou explícita, controlam o comportamento – o autoconhecimento como descrição das contingências pelo organismo controlado, e o autocontrole como a intervenção do organismo nestas contingências (Skinner, 1972, 1978, 2003). Para o vigotskiano, por sua vez, liberdade implica a ampliação do repertório de condutas do sujeito humano em função de um novo tipo de realidade criada a partir da palavra, matéria-prima essencial para o desenvolvimento das funções superiores. Os experimentos de Vigotski sobre a reação eletiva, a ontogênese da livre-escolha e suas relações com o domínio da própria conduta revelam que

não é a realidade que simplesmente ‘se reflete’ na consciência, mas também o indivíduo que a reflete ativamente, produzindo, no conceito, uma nova versão da realidade. Aí se atinge um ponto importante da obra vigotskiana: a relação entre imaginação, liberdade e atividade criadora (Toassa, 2004, p. 6).

É a tematização de Vigotski sobre o conceito (mais adiante) e sobre a atividade criadora (logo adiante) que tomamos como referência para o aprofundamento da pauta da liberdade e, de modo mais geral, sobre o projeto geral de uma clínica vigotskiana. Para isso, faremos a exposição da leitura freudiana da experiência estética assim como discutida por Vigotski em seu *Psicologia da Arte*; a partir de seu vínculo particular com a crítica formalista, concebe uma relação entre psicologia e arte que não passe pela paráfrase, que não se proponha a explicar a obra, mas a explicitá-la; uma psicologia (da arte) não mais aplicada, mas implicada com a vinculação misteriosa entre obra e artista: a *переживание* (transl. *perejivânie*).

3.2.2. Haveria uma psicanálise vigotskiana?

Vigotski, leitor de Freud, não se resume nem a um promotor de acusação nem a um advogado de defesa do freudismo; trata-se de partir de um problema tal qual colocado pela psicanálise e, nos termos desta, identificar uma lacuna que o sistema não dá conta. Uma prévia ao ponto de partida: Vigotski toma e entende a história da arte e seus sistemas explicativos como “história da interpretação e da crítica” da arte, como uma “história da racionalização” da experiência artística, história esta que, a seu modo, nos ajuda a entender e explicar as mudanças nas concepções artísticas de uma época a outra, assim como explica que estratégias formais cada época utiliza para acarretar “a mudança das emoções artísticas mas foram incapazes de descobrir como mudam as próprias emoções” (Vigotski, 1999a [1925], p. 82-83) – *переживание* é o termo que, nos fragmentos de sentença acima, aparece traduzido como *emoção*, sendo a racionalização da emoção e da experiência artística a tradução dada

por Paulo Bezerra para *рационализация художественных переживаний* (transl. *rationalizatsia hudojiestvennih pereživânii*; cf. Выготский, 1998, [1925]).

Esta experiência emocional artística, esta *переживание* que não consegue ser apreendida pela história e pela crítica da arte, também não parece encontrar morada nas filosofias e psicologias da consciência, incapazes de explicar o vínculo afetivo entre a obra de arte e seu criador – e mesmo entre a obra de arte e seu esteta. Vigotski nos faz perceber que

[...] enquanto nos limitarmos à análise dos processos que ocorrem na consciência, dificilmente encontraremos resposta para as questões mais fundamentais da psicologia da arte. Nem do poeta nem do leitor conseguiremos saber em que consiste a essência da emoção que os liga à arte e, como é fácil perceber, o aspecto mais substancial da arte consiste em que os processos de sua criação e os processos do seu emprego vêm a ser como que incompreensíveis, inexplicáveis e ocultos à consciência daqueles que operam com ela. [...] Não é necessária uma perspicácia psicológica especial para perceber que as causas mais imediatas do efeito artístico estão ocultas no inconsciente, e que só penetrando nesse campo conseguiremos estudar de perto os problemas da arte (Vigotski, 1999a [1925], p. 81).

É a partir daí que Vigotski recorre à psicanálise, “esse sistema psicológico que escolheu como objeto de estudo a vida inconsciente e suas manifestações” (Vigotski, 1999a [1925], p. 83). Um processo terapêutico psicanalítico clássico, como já dito, visa a elaboração de um desejo reprimido a partir da livre associação de um analisando, tornada possível pela atenção flutuante de seu analista. Sobre os encaminhamentos deste processo, ou i. “tais desejos são anulados pela [...] atividade psíquica correta dos impulsos melhores que lhe são contrários” (Freud, 2013, p. 283), numa substituição da repressão inconsciente pela condenação consciente, ou ii. o desejo, sublimado, substitui “sua meta sexual por uma mais distante e socialmente mais valiosa” (Freud, 2013, p. 284) ou, então, iii. os “impulsos libidinais reprimidos tem direito a uma satisfação direta” (Freud, 2013, p. 285).

O conceito de **sublimação**, descrito como uma espécie de cavalo-de-Tróia pelo psicanalista, seria um meio civilizado de gozar um desejo incivilizado, seria um processo “em que a energia dos impulsos infantis não é bloqueada, mas continua aproveitável, dando-se aos impulsos uma meta mais elevada, eventualmente não mais sexual” (Freud, 2013, p. 284): a violência que se recusa no cotidiano será buscada numa luta-partida de MMA, seja pelo seu praticante seja pela platéia que ovaciona a brutalidade de um nocaute; do mesmo modo, a tensão paranóica e persecutória de um conto de horror, a eroticidade semiexplícita da musa *fitness* no Instagram ou a sanguinolência de um filme *slasher* são exemplos de experiências e afetos que o sujeito evitaria na vida pública, mas que busca de maneira indireta e substitutiva – em geral, na arte. É essa dualidade entre satisfação direta e satisfação substitutiva, presente na leitura psicanalítica da sublimação e da arte, que interessa Vigotski; o que Vigotski vê na

experiência artística como descrita pela psicanálise é a mudança estética que a forma artística produz nos efeitos da emoção – originalmente angústia mas, na arte, prazer; originalmente recusa mas, na arte, busca.

Neste sentido, Vigotski articula o mecanismo do efeito da arte e o mecanismo do efeito da fantasia: situações angustiantes como a morte, a doença, a realização de um crime ou ato vergonhoso etc. são bases comuns à fantasia e à arte; no entanto, o adulto resistiria a compartilhar com os demais suas fantasias, enquanto a obra de arte permite publicamente o desvio e a satisfação de desejos comuns que o artista ignorava – semelhante à brincadeira que, igualmente fantasiosa, não é vergonhosa à criança (Vigotski, 1999a [1925]). A arte ocuparia uma espécie de área intermediária entre a satisfação direta e a neurose – o artista e o esteta encontrando, na arte, um meio de realizar seus desejos que nem penda para o gozo explícito nem para o recalque de um desejo de base sexual que se converterá em sintoma. Aqui, Vigotski começa a produzir a sua separação da leitura psicanalítica da experiência emocional artística: para a psicanálise, haveria uma certa relação entre arte e doença, sendo o poeta um tipo de paranóico, seu leitor um histérico que aliviaria os seus sintomas na palavra lida etc.

Os psicanalistas afirmam com absoluta seriedade que Shakespeare e Dostoiévski não se tornaram criminosos porque representaram criminosos em suas obras e assim aliviaram as suas tendências criminosas [...] [Ou seja], a arte é alguma coisa como uma terapia para o artista, e para o espectador é o meio de afastar o conflito com o inconsciente sem cair na neurose (Vigotski, 1999a [1925], p. 87).

Para Vigotski, é no campo da arte que se revela o lado mais frágil da psicanálise: a análise da forma. A leitura psicanalítica da forma artística: sua função é propiciar uma satisfação e um chamariz para o inconsciente surgir, mascarando o desejo e enganando a censura recalcadora da consciência. O prazer estético teria, a partir desta leitura, dois momentos: um prazer preliminar, da forma, dos procedimentos artísticos, e o prazer verdadeiro, o do recalco indiretamente manifesto na forma da arte. A forma artística está reduzida, para a psicanálise, a este prazer preliminar, simples fachada por trás da qual se esconde o prazer real, a arte como sexualidade sublimada (Vigotski, 1999a [1925]).

Neste ponto da argumentação de seu *Psicologia da Arte*, publicado em 1925 mas esboçado desde 1916, Vigotski antecipa o núcleo da sua crítica à psicanálise, expressa de maneira já madura em texto de 1927 sobre a crise metodológica da psicologia: o psicanalista sofre, enfim, de psicanálise.

As ideias da psicanálise nasceram de descobertas específicas no campo da neurose; se estabeleceu inequivocadamente o fato de que toda uma série de fenômenos psíquicos são determinados pelo inconsciente e o fato de que a sexualidade se oculta

sob uma série de atividades e formas que antes não se consideravam eróticas. Gradualmente, este descobrimento concreto, respaldado pelo êxito de sua aplicação terapêutica e com a autoridade que ela lhe confere [...], foi trespassado a uma série de campos adjacentes. [...] [A] sexualidade se transformava em princípio metafísico de uma série de ideias metafísicas, a psicanálise se transformava em ideologia, a psicologia se transformava em metapsicologia. A psicanálise dispõe de sua própria teoria do conhecimento e de sua própria metafísica, de sua sociologia e de sua matemática. O comunismo e o totem, a Igreja e a obra de Dostoiévski, o ocultismo e a publicidade, o mito e as invenções de Leonardo da Vinci não são senão sexualidade disfarçada e mascarada. (Vygotski, 2013b [1927], p. 274-275, tradução nossa¹¹).

Voltando ao plano da arte – logo, da emoção estética e da *переживание*. O que se coloca com a distinção prazer preliminar/prazer verdadeiro é uma questão prática: se a arte tem a sua função neste mascaramento de um prazer incivilizado, pontua Vygotski (1999a [1925]), o que a separaria de outros desvios para os desejos insatisfeitos, irrealizados? O que distinguiria um romance ruim de um clássico da literatura? A fofoca de um diálogo escrito por Emily Brontë? Uma conversa pornográfica de Justine, do Marquês de Sade? A arte aparece, para a psicanálise, como uma espécie de antídoto ou anestésico para o artista e o esteta, e perde a sua especificidade analítica. Mais, reitera Vygotski: se a arte se distingue do sonho e da neurose, distingue-se antes de tudo porque seus produtos e sua produção são sociais – Dostoiévski, preso num sistema de katorga, pode ser acordado no meio da noite por um pesadelo em que atira em seu próprio coração ou pode ter uma crise epiléptica enquanto é forçado a trabalhar além de suas forças; sua experiência na prisão de Omsk, todavia, não se tornará o Recordações da Casa dos Mortos **do mesmo modo** – o pesadelo e a crise epiléptica, podemos dizer, lhe ocorrem; o romance escrito é ativamente escrito, é ativamente produzido por um autor e para um leitor, é ativamente produzido por um autor que o produz e que se produz na escrita. As próprias questões do deslocamento psicanalítico presente no sonho, no sintoma e na sublimação se recolocam: o que se desloca e como se desloca, na arte, está sempre condicionado à situação social em que o artista e seu esteta vivem.

Uma leitura psicanalítica da pessoa empírica a que chamamos Fiódor Dostoiévski nos permite entender melhor o autor-Dostoiévski? “[M]encionando Édipo, nós resolvemos o

¹¹ Original: “*Las ideas del psicoanálisis nacieron de descubrimientos específicos en el campo de la neurosis; se estableció inequívocamente el hecho de que toda una serie de fenómenos psíquicos están determinados por el inconsciente y el hecho de que la sexualidad se oculta en una serie de actividades y bajo formas que con anterioridad no se consideraban eróticas. Paulatinamente, este descubrimiento concreto, respaldado por el éxito de su aplicación terapéutica y con la autoridad que ello le confería [...], se traspasó a una serie de campos adyacentes. [...] [La] sexualidad se transformaba en el principio metafísico de una serie de ideas metafísicas, el psicoanálisis se transformaba en ideología, la psicología se transformaba en metapsicología. El psicoanálisis dispone de su propia teoría del conocimiento y de su propia metafísica, de su sociología y de su matemática. El comunismo e el totem, la Iglesia y la obra de Dostoiévski, el ocultismo y la publicidad, el mito y los inventos de Leonardo da Vinci no son sino sexo disfrazado y enmascarado*”.

enigma de Dostoiévski?” (Vigotski, 1999a [1925], p. 95). A tese da obra de arte como sublimação, como sintoma de uma sociedade repressora que vaza pelas neuroses do artista, está aí suspensa. Ler não é encontrar o segredinho sujo do artista, mas deixar-se pela obra engendrar. Dostoiévski, qualquer artista, não seria um doente da cultura, mas seu médico; sua arte, a arte, não seria o sintoma da cultura, mas seu diagnóstico. Para a psicanálise, porém, “toda a vida é zero em comparação com a tenra infância, e do complexo de Édipo o estudioso se mete a deduzir todos os romances de Dostoiévski” (Vigotski, 1999a [1925], p. 96). O perigo para a crítica literária: “de tudo que se lê pode-se concluir qualquer coisa” (Vigotski, 1999a [1925], p. 97).

Há, por parte da psicanálise, uma incompreensão da psicologia social da arte – e do caráter social da psicologia em geral (Vigotski, 1999a [1925]). A própria distinção civilizado/incivilizado implicada no conceito de sublimação não se aplicaria ao desejo, visto que todo desejo humano é já civilizado, é já socializado. Os “pecados capitais básicos” da psicanálise na análise da forma artística (e na psicologia social) se apresentariam, para Vigotski, em duas características gerais: i. todas as manifestações do psiquismo se atrelam à sexualidade na análise psicanalítica e, como consequência, ii. o humano, este animal social, está submetido a uma série de dinâmicas que a psicanálise ignora.

Se os antigos psicólogos exageraram demais o papel da consciência ao afirmarem o seu poder supremo, os psicanalistas vão além e chegam ao outro extremo, reduzindo o papel da consciência a zero e reconhecendo para ela apenas a capacidade de servir de instrumento cego nas mãos do inconsciente (Vigotski, 1999a [1925], p. 93).

Renunciar a esses pecados capitais e fazer a própria psicanálise avançar implica i. considerar a consciência como atividade autônoma capaz de elucidar os efeitos da forma artística, e ii. inserir nos estudos psicanalíticos toda a vida social humana e não só os seus conflitos primários e esquemáticos (Vigotski, 1999a [1925]).

A *переживание* nos aparece então tanto como conceito explicativo como objeto a ser explicado. Em sua monografia sobre o Hamlet de Shakespeare afirma Vigotski que a tarefa do autor “não é outra coisa senão despertar no leitor seu próprio **discurso interior**” (Vigotski, 1999b [1916], p. XXVII, grifo nosso), e já aí o termo *переживание* não aparece gratuitamente: recorrendo a A. Bytsenko, T. Prout, P. Bezerra e B. Schnaiderman, G. Toassa (2009) ressalta tanto o caráter consistente do uso do termo na obra de Vigotski, mas também a dificuldade em se apresentar uma tradução direta do mesmo em português – algo entre uma experiência vivida e o ato para se vivenciar esta experiência; F. Liberali e V. Fuga (2018), amparadas em P. Smagorinsky, F. Vasilyuk, M. Clarà e F. González Rey, também explicitam

esta dualidade vivência-ação presente no uso do termo por Vigotski, sendo não só contemplação do mundo, mas trabalho ativo de superação, experiência-como-luta. Insiste Vigotski que

nem o mais sincero sentimento é capaz de criar arte. Para tanto não lhe falta apenas técnica e maestria, porque nem o sentimento expresso em técnica jamais consegue produzir uma obra lírica ou uma sinfonia; para ambas as coisas se faz necessário ainda o ato criador de *superação* desse sentimento, da sua solução, da vitória sobre ele, e só então *esse* ato aparece, *só então* a arte se realiza. Eis por que a percepção da arte também exige criação, porque para essa percepção não basta simplesmente vivenciar com sinceridade o sentimento que dominou o autor, não basta entender da estrutura da própria obra; é necessário ainda superar criativamente o seu próprio sentimento, encontrar a sua catarse, e só então o efeito da arte se manifestará em sua plenitude (Vigotski, 1999a [1925], p. 314, grifos do autor).

O conceito-termo da *переживание* estabelece uma via de mão dupla em que aquele que fala ou escreve joga com a gramática de sua época, com recursos estéticos, com estratégias artísticas, com os clichês, toma de maneira ativa e criativa, enfim, diversos elementos e procedimentos dados num esforço para a produção de uma experiência-pra-si mas, em especial, para-um-outro – este outro, ao escutar, ao ler, também cria sentido ao fazê-lo; interpretar é por princípio criar (Vigotski, 1999a, 1999b); a *переживание* aparece tanto como vivência (a experiência imediata e irrefletida dos fenomenólogos, a intuição bergsoniana, o fluxo de consciência dos jamesianos, a *Erlebnis* dos idealistas alemães) quanto como ação (o tateamento pré-*insight*, o esforço intelectual dos bergsonianos, o ir-e-vir intelectual que leva o poeta a encontrar **aquela** palavra, o músico **aquela** transição sonora, o contador de histórias a encontrar **aquela** palavra que lhe escapa etc.).

Na experiência emocional, sentir e saber-o-que-se-sente se diferenciam, sim, mas por vezes coincidem. Mais além, não só eventualmente coincidem como, por vezes, tal coincidência é necessária para a experiência da emoção – a bainha da calça de um sujeito pode estar desmanchada e, mesmo que ele não o perceba, lá estará ela por ajustar; ao contrário, ter uma dor de cabeça e perceber a dor de cabeça parecem ser um e o mesmo gesto. O mesmo se dá no plano das emoções: Otelo, alvo das manipulações de Iago, pode até não descrever como ciúmes o monstro de olhos verdes que envenena sua relação com Desdêmona; irado, mata a esposa em sua própria cama, sendo tomado pela crise de consciência e pela consciência dessa crise – em especial quando Emilia, mulher de Iago, revela as estratégias do marido. O que importa: ter uma crise de consciência e percebê-la, e ser capaz de descrevê-la, são um e o mesmo gesto; ter ciúmes, no entanto, é um direcionamento da ação e do pensamento que nem sempre passa pelo plano da descrição verbal, da tomada de consciência; sentir ira, por sua vez, parece expulsar da consciência o ato de reflexão (a reflexão sobre a

raiva é sempre posterior ao episódio de raiva, visto que tematizar a raiva enquanto raivoso é, justo, uma anulação da experiência da raiva); nos três casos, porém, uma coincidência: há sempre um efeito de retorno do conceito sobre a experiência a que remete.

3.3. Que é, afinal, pensar?

É necessário ampliar um pouco mais a especificidade desta relação instrumental entre o pensar e o linguajar, em Vigotski. Para a tarefa, tomaremos, visando levantar uma breve discussão terminológica, seu *Дефектология и учение о развитии и воспитании ненормального ребенка* (traduzido como *A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal* por Denise Sales, Marta Kohl de Oliveira e Priscila Nascimento Marques).

Sobre a linguagem, em específico a linguagem egocêntrica operada pela criança nos experimentos que Vigotski agencia, diz o autor que “é uma importante função do discurso interior, uma vez que ela planeja o comportamento” (Vigotski, 2011 [1924], p. 865). Linguagem egocêntrica, fala egocêntrica, é tradução de *эгоцентрическая речь*; ora, *речь* (transl. *riêtch*), aquilo que a criança utiliza para planejar a sua conduta (“планирует его поведение”, Выготский, 1983 [1924], p. 168) não é a linguagem reificada da gramática ou do cognitivismo clássico, não é a linguagem-objeto a que o saussuriano chama de *langue*, mas é discurso concreto. Salientamos que mesmo **fala**, embora se apresente como uma melhor equivalência à *речь* do que o opaco **linguagem**, não é a equivalência perfeita de *речь*, visto que, **no contexto da discussão vigotskiana**, *речь* também poderia apontar para qualquer outra atividade languageira capaz de operar egocentricamente, como a escrita.

Quanto ao caráter instrumental da linguagem, tomamos o já citado exemplo vigotskiano da criança que utiliza das mãos como recurso auxiliar na resolução de uma questão. As mãos, “que não possuem relação direta com a pergunta, adquirem significado de instrumento assim que a execução da tarefa pelo caminho direto se mostra impedida para a criança” (Vigotski, 2011 [1924], p. 864). A instrumentalidade adquirida pelas mãos da criança é comparável ao uso da palavra pelo sujeito diante de um problema, isto é, é comparável à própria fala egocêntrica. Adquirir significado de instrumento (“значение орудия”, Выготский, 1983 [1924], p. 166) é tornar-se ferramenta em sentido literal: *орудия* (translit. *arúdiya*) é o genitivo de *орудие*, *орудие труда* (translit. *arúdiye*, *arúdiye trúda*) – ferramenta de trabalho. A fala egocêntrica torna-se ferramenta, seja no sentido de ser instrumento seja no

sentido de ser a condição material sem a qual uma atividade não pode se dar – não só instrumento de comunicação, mas de pensamento.

Por fim e na esteira da discussão sobre a linguagem como instrumento (de quê?), a concepção vigotskiana de pensamento. Se **linguagem** dá ao brasileiro-falante-de-português a ideia imediata de código, de sintaxe, **pensar** nos dá a ideia de mente. Para um russo, no entanto, *речь* é discurso, ato concreto de fala, enquanto *мышление* (transl. *michliênie*) é a capacidade de entender e resolver problemas – logo, fazemos notar, o problema da relação pensamento-linguagem, para nós e para um russo, são dois problemas distintos. Por um lado, temos a questão do enquadramento das representações mentais pela gramática de sua língua (Humboldt, Sapir etc.); por outro, mais afeito à discussão vigotskiana, a questão dos efeitos do ato de falar, escrever etc. na resolução de problemas, na atenção ao mundo, na percepção do mundo, no modo como lembramos e, mesmo, nos desenvolvemos.

Ao definir o pensar como um usar-da-linguagem e se afastar da concepção piagetiana da linguagem egocêntrica, Vigotski segue a fórmula de Claparède – ainda hoje uma referência central para a psicologia funcionalista e um dos grandes antecedentes da chamada Escola Nova, o genebrino formula uma teoria da consciência e da aprendizagem na qual atrela a ação a uma necessidade, uma intenção. Esta relação funcional entre uma conduta e o problema a que supre é presença constante em Vigotski, que concebe os processos psicológicos como atividades: entendê-las em sua estrutura e gênese é entender os problemas a que tais atividades remetem. Afirma: pensamos quando “procuramos compreender em palavras”, quando “traduzimos a operação do plano das ações para o plano verbal à medida que aprendemos a adaptarmo-nos, conforme deparamos com dificuldades em nosso comportamento” (2011 [1924], p. 866). Podemos esquematizar essa citação da seguinte maneira: longe de ser a mobilização de uma substância metafísica a ocupar um corpo e um mundo materiais, um *imperium in império*, pensar é:

- a. deparar-se com “dificuldades em nosso comportamento” (трудности в нашем поведении);
- b. traduzir a operação “do plano das ações para o plano verbal” (из плана действий в план вербальный) e
- c. aprender (научиться), adaptar (приспособление, adaptação),

sendo [a] a situação problemática que torna necessário esse uso específico do discurso a que chamamos de pensamento, e sendo [b] e [c] os efeitos concretos e interrelacionados deste discurso.

Esta discussão geral sobre a instrumentalidade da linguagem em Vigotski ganha corpo na análise que o autor faz dos métodos tradicionais para o estudo do desenvolvimento dos conceitos na criança.

Os métodos para o estudo do conceito podem ser divididos em dois grandes grupos: os métodos da definição e os métodos de estudo da abstração (Vigotski, 2009 [1934], p. 151s). Os métodos da definição buscam investigar os conceitos já formados na criança a partir da definição verbal que ela dá de seus conteúdos; já os métodos de estudo da abstração visam os processos psicológicos que fundamentam o processo de formação de conceitos, a exemplo dos experimentos que pedem à criança que generalize o elemento comum a uma série de impressões concretas. O primeiro conjunto de métodos, diz Vigotski, estuda bem mais o produto que o processo de formação dos conceitos, bem mais a experiência verbal da criança que o seu pensamento propriamente dito; já o segundo grupo simplifica o processo de abstração ao ignorar o papel da palavra no processo de formação dos conceitos. Em todo caso, os métodos tradicionais “caracterizam-se igualmente pelo divórcio da palavra com a matéria objetiva; operam ou com palavras sem matéria objetiva, ou com matéria objetiva sem palavras” (Vigotski, 2009 [1934], p. 153). É necessário um método que estude não os conceitos prontos, mas o processo de sua formação, a realidade viva a que o conceito se correlaciona e, claro, a modalidade específica de relação do sujeito com a palavra através da qual o conceito surge.

Vigotski toma os experimentos e discussões de Ach, Rimat e Uznadze como base para a formulação de seu esquema do desenvolvimento dos conceitos, assim como as investigações iniciadas por Sákharov e desenvolvidas pelo próprio Vigotski e por seus colaboradores Kotiélova e Pachkóvskaia. As especificidades desses trabalhos serão omitidas aqui, visto ser a dinâmica do conceito científico e sua abordagem metodológica o objeto de interesse da nossa Tese. Pelo mesmo motivo, a exposição do desenvolvimento dos conceitos disposta adiante se deu desentranhada da ontogênese da criança e das crises que motivam seu desenvolvimento – falar da passagem de um pensamento por associação a um pensamento que estabelece coleções, por exemplo, não seria tratar de um etapismo desenvolvimentista **do psiquismo** da criança, **mas do próprio conceito**: é o conceito ele mesmo que, em relação dialética com a experiência a que remete, se desenvolve de uma forma para a seguinte. O que vale salientar é a necessidade, para Vigotski, de que o processo de solução do problema organizado pelos experimentos e situações observacionais corresponda à formação real dos conceitos.

3.4. Que é, afinal, o conceito?

3.4.1. Uma breve ontogênese do conceito

Vigotski (2010 [1926], 2009 [1934]) chama de *imagem sincrética* a articulação primária, primitiva, infantil entre atividade de pensamento e discurso no que toca à competência designativa.

A imagem sincrética se assemelha bem mais a um amontoado instável de elementos mistos do que a um conceito autêntico. Os objetos que compõem este embrião-de-conceito são escolhidos ao acaso por intermédio de “provas” que se substituem mutuamente à medida que novos elementos passam a compor a imagem sincrética, sendo revestidos de um significado comum por uma semelhança nada objetiva que entre eles se estabelece nos sujeitos. Para Vigotski, essa é a formulação conceitual por excelência da criança pré-escolar; Afirmar “Vou ali e volto já!” pode dar uma ideia de ação e de direção desta ação, mas na verdade as encobre – onde é ali? Quando é que de fato se volta? Se nos desejam “Tudo de bom!” em referência a nosso aniversário, o que é este **bom** que nosso locutor nos intenciona?

Num devaneio anacrônico, o sincretismo seria a formulação conceitual do comentador político generalista que, em sua vaguidão semideliborada, esbraveja “contra a corrupção” ou se recusa a adotar medidas sanitárias “pela liberdade”, enquanto “corrupção” e “liberdade” parecem mobilizar sentidos distintos a cada vez em que são empregadas na conversação: cada um dos elementos particulares instaura uma nova série sincrética e representa um grupo de objetos anteriormente unificado na percepção da criança ou do comentador, mas todos esses elementos juntos não guardam nenhuma relação interna entre si.

Vale frisar: não há diálogo possível no registro sincrético, pois tal modalidade conversativa demanda certa estabilidade que não encontra aqui seus instrumentos. Esta imagem estável, este signo-instrumento argumentativo é, justo, o conceito, instrumento que ainda não existe no sincretismo mas que encontrará seus germens no que Vigotski chama de **complexos**.

As generalizações criadas por meio do **pensamento por complexos** não confundem as relações entre as próprias impressões com as relações entre os objetos e representa uma verdadeira **conquista do pensamento objetivo**. No tipo **associativo** (Vigotski, 2009 [1934], p. 178-182), primeira fase do complexo, pensa-se em termos de nomes de famílias: embora desordenado e pouco sistematizado como as imagens mistas do sincretismo, há já um vínculo concreto e factual entre elementos particulares que integram a composição do complexo. Está presente, por exemplo, na criança que agrega brinquedos que possuam a mesma cor;

posteriormente, agrega no mesmo grupo brinquedos com a mesma forma; num outro momento da brincadeira, brinquedos que possuam o mesmo tamanho etc. Qualquer relação concreta entre o núcleo e um outro objeto do complexo é suficiente para fazer com que a criança inclua esse objeto no grupo e o designe pelo nome de família comum.

O complexo associativo dá lugar ao que Vigotski chama de **coleções** (Vigotski, 2009 [1934], p. 183-185), uma segunda fase do desenvolvimento do pensamento por complexos. Aqui, a associação por semelhança matura numa associação por contraste, produzindo uma inteligência relacional que concebe generalizações cujos elementos cooperam entre si: a noção de “louça”, que designa não tanto um conceito abstrato, uma ideia, mas um conjunto copo-prato-colher que, a partir da experiência prática e direta do sujeito, se complementam funcionalmente.

O **complexo em cadeia** é a terceira fase deste processo de desenvolvimento (Vigotski, 2009 [1934], p. 185-188). Neste tipo de formulação, ocorre o tempo todo a passagem de um traço característico do conjunto a outro; o primeiro e o terceiro elementos podem não ter vínculo nenhum entre si, mas os dois estão vinculados ao segundo cada um conforme o seu traço; a diferença deste complexo para o complexo associativo é que neste há um centro a ser preenchido pela amostra, um certo “elemento comum a todos”, enquanto na cadeia, espécie de modalidade pura do complexo, o fim da cadeia pode não ter nada em comum com o início.

Embora pareça haver, aqui, fragilidade conceitual, e mesmo certa semelhança com o sincretismo, trata-se de uma via para o pensamento não-concreto, ainda que vago e intuitivo, e que dará lugar à quarta fase do desenvolvimento do pensamento por complexos, o **complexo difuso**, (Vigotski, 2009 [1934], p. 188-189), fase na qual as generalizações começam a ser produzidas em campos de pensamento que não se prestam a uma verificação prática, e em que o raciocínio do sujeito se conduz “além dos limites do seu mundinho direto e da sua experiência prático-eficaz” (Vigotski, 2009 [1934], p. 189).

Por fim, a quinta e última forma do complexo: o **pseudoconceito**. A relação entre conceito e pseudoconceito é ilustrada por Vigotski através da comparação entre baleias e peixes, imagem recorrente em sua obra quando se propõe a falar de método. Com ela, explicita as limitações de uma análise puramente fenotípica e formal. Um julgamento pela aparência assemelha a baleia ao peixe, enquanto uma análise da origem das espécies revela a baleia como um mamífero. Idem para o pseudoconceito: em termos externos, um conceito; em termos internos, um complexo; “a análise morfológica das complexas formações e manifestações psicológicas será inevitavelmente incompleta sem a análise genética” (Vigotski, 2009 [1934], p. 201).

Vigotski marca a distinção, operada pela linguística moderna, entre significado e referencialidade material da palavra, e a aplica ao pensamento por complexos. As palavras de uma criança (pensamento quase exclusivamente sincrético ou por complexos) podem até coincidir com as palavras do adulto (conceito) em sua referencialidade concreta, mas não coincidem em seu significado. É importante ressaltar que a correlação entre pensamento por conceitos e vida adulta não é de todo correta: no discurso cotidiano do adulto, é o pseudoconceito que impera. São antes “noções gerais sobre as coisas”, mas “representam um estágio transitório entre os complexos [...] e os verdadeiros conceitos no sentido dialético desta palavra” (Vigotski, 2009 [1934], p. 218).

Esta distinção entre o complexo (ou conceito espontâneo) e o conceito (propriamente dito) parece tergiversar da discussão central da presente seção, mas explicar o surgimento do conceito – e melhor diferenciá-lo do pseudoconceito – é explicar onde o pensamento por complexos se revela impotente: enquanto no complexo a generalização é resultado de um emprego funcional da palavra, no conceito a palavra é um signo, instrumento e meio para diversas atividades intelectuais e comunicativas.

3.4.2. *O conceito como permeabilidade à experiência*

Pedir a uma criança que defina uma palavra é pedir a ela que diga o que o objeto designado pela palavra pode fazer (Vigotski, 2009 [1934], pp. 225s). Ao dar um nó, um sujeito tem como objeto de sua consciência o próprio ato, mas não as ações específicas produzidas neste ato ou a maneira como o faz. Comentando Vigotski nos termos de J. Austin, diríamos que uma pergunta constativa, ao ser lida de maneira performativa, evidencia um interlocutor que não está consciente do centro da pergunta:

– “**Você sabe como se chama?**”

– “**Kólia**”, responde a criança (Vigotski, 2009 [1934], p. 289, nota ii).

A criança não tem consciência de que **o centro da pergunta não é como ela se chama, mas se ela sabe como se chama**; ela sabe o próprio nome, mas não tem aí consciência do conhecimento do seu nome.

O desenvolvimento do pensamento por complexos já possibilita decompor e analisar, assim como a capacidade de abstrair proveniente desta decomposição e desta análise. O conceito, no entanto, “surge quando uma série de atributos abstraídos torna a sintetizar-se, e quando a síntese abstrata assim obtida se torna forma basilar” do pensamento e da realidade por ele conhecida (Vigotski, 2009 [1934], p. 226). O que vai caracterizar a conduta e o pensamento humanos é o conceito em sua forma autêntica, verbal: o papel decisivo do

conceito científico para a tomada de consciência, entendida como o emprego voluntário das funções discursivas na tradução do acontecimento problemático para o plano verbal (Vygotski, 2010 [1934], p. 532s).

Ao afirmar o processo de formação dos conceitos no sujeito e o processo de solução de algum problema que se coloca para o sujeito como uma e a mesma cadeia predicativa (Vygotski, 2013a [1933]; Vygotski, 2009 [1934], pp. 395s), é sensato concluir: há certa relação dialética entre conceito científico e argumentação. O oponente de uma situação argumentativa, no entanto, seria não apenas um locutor empírico que encarna um papel actancial determinado, mas uma função interlocutora necessária da ontogênese do conceito – “ensinar” se torna menos expor proposições, delimitar fórmulas e explicitar os elementos componentes daquela conversação específica, e mais criar condições e problemas concretos para o argumentar, para o uso desses instrumentos de pensamento e para a conquista de uma realidade pública para além da experiência empírica individual e do palavreado sincrético através do qual, cotidiana e espontaneamente, o sujeito lida com o mundo. Assim sendo, tal qual o estabelecimento de um acordo consensual entre debatedores, **a solução de um problema previamente posto deve necessariamente possuir como processo constituinte uma cadeia dialógica e *a fortiori* argumentativa, ainda que tal solução seja produzida num monólogo solitário, numa introspecção silenciosa ou pela fala egocêntrica da criança** – do mesmíssimo modo que pensar, para Vygotski, é discurso egocêntrico silenciado (cf. Vygotski, 2011 [1924]; cf. Vygotski, 2009 [1934], p. 19-96), que a memória simbólica humana é a automatização de esquemas mnemônicos concretos (cf. Vygotsky, 2012d [1931]; cf. Vygotsky, 2017b [1930], p. 52-54), que a imaginação nada mais é do que a “brincadeira sem ação” (Vygotski, 2008 [1933], p. 25), o conceito científico é atividade argumentativa reificada, introjetada: a conversação argumentativa como sendo tanto o espaço privilegiado para a formação dos conceitos quanto a relação de comunicação operada com esta modalidade linguística específica que é o conceito (Vygotski, 2013 [1933]; Vygotski, 2009 [1934], p. 395s).

A cientificidade do conceito não lhe é interna, não reside em sua veracidade. O conceito científico não estabeleceria com outros termos uma relação tipológica, de oposição, no sentido de que um termo x designado como verdadeiro é científico *per si* e outro termo y, falso, não o seria. O **conceito científico**, sendo o instrumento da argumentação e aquilo mesmo que possibilita o argumentar, é **um uso da linguagem que torna o sujeito psicológico permeável à experiência**. A classificação elencada dos conceitos – sincréticos (o termo vago e generalizante), complexos (conceitos espontâneos, funcionais) e científicos

(instrumentos de pensamento) – não é tanto uma descrição da estrutura e da coerência interna de um conjunto de verbetes mas, isto sim, a relação estabelecida entre sujeito e mundo a partir do uso que faz desses verbetes.

Vigotski oferece a seu leitor, assim, uma nova relação dialética de presente: precisamos do conceito para acessar o mundo e o outro, mas precisamos de certa relação com o outro e com o mundo para acessar o conceito. A questão desenvolvimentista, representacionista, sobre o período em que acontece a aquisição da argumentação pela criança pode ser posta como incorreta e mal-colocada; sob a ótica vigotskiana, enunciativa, não é a criança que, de posse da linguagem, aprende a argumentar: é a própria linguagem que é argumentativa.

Aqui, deixamos uma hipótese de trabalho para uma futura investigação conceitual: Vigotski, um marxista, não transplanta os termos de Marx ou de Engels para sua psicologia, mas sua lógica; não há por exemplo nada em sua teoria que se assemelhe à **alienação** em termos psicológicos – isto porque **enquanto a alienação é um positivo sociológico**, é a separação e o estranhamento do trabalhador aos produtos de sua atividade produzidos por todo um conjunto de dispositivos, estratégias, lógicas, dinâmicas sociais e relações materiais concretas, **em termos psicológicos, a alienação não seria uma substância, um estado ou condição mental, mas tão só a ausência de desenvolvimento do conceito**, a ausência desta relação específica com os instrumentos e com a linguagem que media nossa relação com o mundo.

3.5. Proposições gerais para uma clínica vigotskiana

Como já colocado, o processo de formação dos conceitos no sujeito e o processo de solução de algum problema que se coloca para este sujeito são uma e a mesma cadeia predicativa (Vigotski, 2009 [1934]; Vygotsky, 2013a [1933]). No caso da fala egocêntrica, monologal, esta cadeia predicativa, embora argumentativa, embora mobilize mais de um enunciador engajado numa “conversação”, é agenciada por um único locutor empírico que, mesmo não falando tendo em vista a comunicação com um outro específico, pode deste tomar elementos na construção de seu discurso interior. Retomamos a pergunta que abre a presente seção: que deve ser o espaço terapêutico para que possamos tomar fragmentos de discursos

clínicos como fonte primária de nossa Tese? Noutros termos, qual deve ser a atitude do analista-alocutário para que a fala do analisando-locutor¹² opere egocentricamente? Segue:

- **proposição i:** o objeto primário de análise e intervenção do analista é a fala, o discurso do analisando;
- **proposição ii:** o *setting* terapêutico é, por parte do analista, um espaço de recusa da comunicação dialogal, no sentido exclusivo de que deve ser entendido como um espaço privilegiado para a mobilização da fala egocêntrica por parte de seu analisando; logo, segue-se que
- **proposição iii:** a intervenção analítica consiste no aumento da complexidade da conversação, tornando-a problemática, visando com isso o aumento dos índices de fala egocêntrica do analisando; segue-se ainda que
- **proposição iv:** o aumento da complexidade da conversação consiste, em termos retórico-argumentativos, na remissão constante do discurso do analisando, originalmente voltado para o analista, de volta para o próprio analisando; segue-se, por fim, que
- **proposição v:** o aumento da complexidade da conversação consiste, em termos linguísticos, no incentivo ao abandono de expressões vagas (**sincréticos**) e das categorias gerais (**complexos**) por meio das quais o analisando expressa seu problema para, com o analisando e a partir da cadeia predicativa articulada por seu discurso, instigar a criação de novos modos de expressão que sejam adequados à dinâmica concreta do problema apresentado (**conceito científico**).

O que importa dizer: uma clínica pautada nos horizontes traçados por Vigotski teria por objetivo explicitar e intervir na dinâmica material concreta que produz o sintoma do qual o analisando se queixa – sendo a clínica um espaço linguageiro, o trabalho ali realizado consiste num trabalho com a linguagem e através da linguagem. Fazemos notar que a terminologia psicopatológica nos apresenta categorias práticas, sistemas funcionais, verdadeiros **complexos**, mas não necessariamente **conceitos** no sentido vigotskiano – a mulher em relação abusiva diante de seu cônjuge, o trabalhador sem o reconhecimento de seus pares numa reunião da organização que o emprega e o negro que antecipa todas as discriminações possíveis ao adentrar num lugar que o desconhece manifestarão

¹² Aqui e a partir daqui, utilizamos **alocutário** e **locutor** nos termos de Ducrot (1987): o alocutário seria aquele que é linguisticamente representado no enunciado como alvo da enunciação; o locutor, nem sempre linguisticamente marcado mas distinto do sujeito empírico falante, é o ser do discurso, o sujeito responsável pelo enunciado.

signos-sintomas similares e receberão todos a alcunha de ansiosos, embora o problema que os envolve seja distinto tanto do ponto de vista de suas dinâmicas sociais concretas quanto na expressão discursiva deste problema no *setting* terapêutico – ansiedade aí é termo que não só não revela a dinâmica concreta que produz o sofrimento como a esconde, a recalca. A fala egocêntrica é o discurso que, voltado ao problema que o origina, o mapeia e o coloca como *переживание*, como vivência. Entendê-la nestes termos – entender o discurso em geral como resolução-de-problemas – implica uma noção de retórica, de linguagem e mesmo da razão que respeite o caráter problematizante da conduta simbólica humana. Encontramos amparo para tais termos nas discussões meyerianas sobre as relações dos enunciados com a interrogatividade.

Isso considerado, proporemos a seguir uma exposição dos princípios de sua problematologia, visando bem colocar os procedimentos metodológicos utilizados em nosso trabalho.

4. A PROBLEMATOLOGIA

O que é argumentar? O que distingue a argumentação de uma demonstração formal, por exemplo? Um esquema possível: i. na demonstração, os signos utilizados não possuem qualquer traço de ambiguidade, enquanto na argumentação a ambiguidade não se encontra excluída de pronto; ii. demonstrar corretamente é demonstrar de acordo com regras explícitas, com sistemas previamente formalizados; e iii. numa demonstração, os axiomas não estão em discussão – querer justificar a escolha dos axiomas seria justo recorrer à argumentação (Perelman, 1992). O objetivo do **argumentar** não é a dedução formal, não é a conclusão lógica de premissas, mas provocar (ou aumentar, ou diminuir) a adesão de um auditório às teses que lhe são apresentadas; sendo conversação, ela **nunca se desenvolve no vazio, implicando o contato entre orador e auditório – mesmo quando se trata de uma deliberação íntima, consigo mesmo** (Perelman, Olbrechts-Tyteca, 2014).

Michel Meyer reforça essa perspectiva enunciativa da argumentação: o discurso, seja oralizado, seja escrito, é sempre discurso-por-alguém-para-alguém, por uma certa pessoa para outras certas pessoas; mais propriamente, o discurso age sempre em resposta a um problema que surge na interação com um outro, e o que se diz ou escreve tem sempre um problema como disparador, sendo a expressão humana a tentativa de resolução deste problema (Meyer, 1998a, 2007a). A partir daí, surgem seis pontos interessantes a serem considerados para uma compreensão problematológica do discurso (Azevedo, 2023): i. a relação dialética entre o falante e o ouvinte, o escritor e o leitor etc. é uma relação retórica e argumentativa; ii. interagir (pela linguagem, sempre pela linguagem) é partir de um acordo prévio contextualizado; iii. propor uma questão é já argumentar; iv. compreender um discurso, isto é, estabelecer o seu sentido, é colocar em relação uma resposta e uma questão proposta (explicitamente ou não); v. visto que compreender é responder a uma questão proposta, então a inteligência é um processo de questionamento; e vi. a passagem de uma pergunta para a resposta, ou vice-versa, ocorre por meio de uma inferência não lógica ou, melhor dizendo, uma inferência problematológica, sendo essa a condição geral da diferença problematológica: que uma resposta não coincida com o que pressupõe a pergunta a que responde.

Problematologia é o termo proposto por Meyer (2011) ao colocar o questionamento na base do pensamento retórico-argumentativo: o autor concebe a retórica como a negociação da distância entre os sujeitos, seu tratamento, sua reflexão – distância esta manifesta já no corpo físico, visto que dois indivíduos estarão, invariavelmente, ocupando coordenadas

espaciais distintas mas, em especial, uma distância linguística e socialmente marcada. Buscar entender essas “distâncias” é o que possibilita entender como a diferença problematológica se materializa (no discurso mas também, por exemplo, na arte) – a moralidade é a resposta dada à distância entre os seres, é o que permite avaliar os problemas que surgem desta distância. É tal distância que orienta as escolhas de cada sujeito-orador e o comportamento de seu outro como aceitação ou recusa, como fuga ou reconciliação.

4.1. Retórica e argumentação na problematologia de Michel Meyer

Nos gregos, o *ethos*¹³ (ἔθος) é assimilado ao orador, demarcando sua perícia e capacidade no falar (latim *virtus*); expressa um princípio de autoridade, mas “débil”, pois não equivale à autoridade de um autor, e sim à ideia de responsabilidade, à garantia dada ao auditório de que se possa responder e encerrar um questionamento. Meyer (2003) propõe como exemplo disto o pai ou a mãe diante de sua criança a lhes lançar infinitos “por quês?” (a criança não quer a resposta, mas a garantia de que seu pai ou sua mãe podem responder). Num segundo exemplo, bem alinhado aos nossos propósitos, Meyer descreve a psicanálise e a autoridade analítica via transferência – na análise, o paciente fala diante de uma autoridade que se cala, uma autoridade muda, e se vê remetido, ao falar, a sua própria problemática.

No limite, pouco importa em **quem** se encarna o *ethos*, visto que o *ethos* não é o sujeito empírico caracterizado por uma fisiologia específica, definido por traços psicológicos específicos e participe de uma condição sócio-histórica específica. O *ethos* é a força de persuasão presente no discurso do orador, é a capacidade do discurso inspirar comunidade tendo a reciprocidade como motor, produzindo no auditório a vontade de atuar com o falante e tomá-lo como modelo. Na retórica, o *ethos* é sempre modulável, adaptável ao outro, compassivo, simpático; se cria antipatia e distância quando se transforma o *ethos* em autoridade, em estatuto institucional, excluindo-se todo o posto-em-questão do enunciado: o uniforme do general, o hábito do sacerdote, os atributos do rei, o jaleco branco do médico e do psicólogo etc. Ir até o outro, porém, é diminuir esta distância – aqui, começa a se esboçar uma concepção problematológica do *ethos*: se a autoridade, aquilo que distancia os sujeitos,

¹³ Embora disposto como *etos* nos dicionários brasileiros de língua portuguesa, utilizaremos a grafia *ethos* tanto para dar relevo ao caráter técnico do termo quanto para preservar a escolha estilística do autor e do tradutor do texto referenciado.

aquilo que parece opor-se ao *ethos*, transforma a questão num fora-de-questão, o *ethos* flerta com um questionamento sempre possível (Meyer, 2003).

Sendo um encontro com a questão, sendo a retorização do eu que transforma perguntas em respostas, o *ethos*, o si mesmo, é fonte das respostas ao expressar-se em uma identidade pessoal abstrata. O corpo e suas pulsões formam uma linguagem à parte, a “linguagem do inconsciente”; reprimido, o corpo volta a ser cifrado, mas também codificado. O indivíduo adere à imagem literal que dá de si mesmo mas, quanto mais se encerra este si mesmo com racionalizações, menos possível é uma relação retórica. Aqui, cabe a justa distinção feita por Meyer (2003, 2011) – embora, claro, não só por ele – entre o orador concreto, a pessoa de carne-e-osso de um lado, e do outro lado a imagem que esta pessoa faz de si no discurso, a retorização do eu – retorização esta, por sua vez, produzida na tensão entre a imagem do orador (pre)suposta pelo auditório (*ethos* projetivo, E_p) e a imagem do orador constatada pelo auditório no momento da enunciação (*ethos* efetivo, E_E).

Como contraparte retórica ao *ethos*, há a imagem que o orador faz do auditório (*pathos* projetivo, P_p , sempre mediado pela imagem que o auditório faz de si mesmo) e a imagem do auditório que surge na interação (o *pathos* efetivo, P_E).

Que seria um acordo, nesses termos? O que se acorda numa exposição retórica ou num embate argumentativo, para Meyer? Acordo é acordo de quê? O acordo problematológico se dá, pois, entre a imagem que fazemos do outro e o que o outro é, se dá quando o que quer dizer o orador (E_p) foi dito efetivamente (E_E) e quando a reação esperada a um dizer (P_p) é de fato a reação apresentada (P_E), se dá, enfim, quando $E_E = E_p$, $P_E = P_p$. Dizer que o objetivo do acordo são as equivalências $E_E = E_p$, $P_E = P_p$ é dizer, em resumo, que nem sempre o auditório reage como o orador espera, e que o auditório efetivo, em paralelo, também esboça um desenho do orador que nem sempre coincide com suas expectativas.

Estão implicados, orador e auditório, na relação *ethos-logos-pathos*. Dentro desta interfuncionalidade $E_p/E_E \longleftrightarrow P_p/P_E$, podemos conceber o mal-entendido, por exemplo, como condição em que o orador não responde como o auditório esperava (o mal-entendido como $P_p \neq P_E$) – o auditório pode imputar o desnível entre sua expectativa e sua percepção do orador aos valores ou à falta de sinceridade do próprio orador ($P_p \neq P_E$ implicando $E_p \neq E_E$ e a construção de um E_E desfavorável ao orador). O orador perfeito seria aquele que flui no molde do que o auditório dele espera (Meyer, 2003).

Sendo a capacidade de administrar as distâncias nada menos que o embate sobre certas parcelas do real, certas inserções no tecido social, tem-se a (aparentemente paradoxal) relação entre distância e conflito, distância e passionalidade trazida por Meyer (2003): quanto menor

a distância entre E_E e E_P , e entre P_E e P_P , mais intenso é o conflito protagonizado entre orador e auditório. A lógica do passional se encerra em si mesma: se a imagem prévia que o orador faz do auditório coincide com a reação do auditório ao que lhe é dito ($P_E = P_P$), se o orador se porta de modo idêntico ao que o auditório dele espera ($E_E = E_P$) e se **ainda assim** há atrito, ódio e violência, então pouco ou nada poderia ser feito do ponto de vista retórico – noutros termos, não é de retórica que aí se trata. Visto que compreender nada mais seria do que formular uma resposta a partir da posição que é assumida por alguém, romper o “círculo passional” não envolveria dar as respostas certas, mas no questionamento das problemáticas sensíveis – não resolver o problema, mas colocá-lo.

Como pensar a própria linguagem e seu *logos*, sua razão, nesta esteira? O *logos*, aí, seria o lugar em que se negocia e se traduz a diferença questão-resposta; noutros termos, o que motiva alguém a falar ou escrever é uma questão, uma problemática – ou bem pode propor uma resposta (a **proposição**) ou pode pedir ao interlocutor a sua resposta; quando o contexto é suficientemente informativo a respeito do objeto em questão, pode-se utilizar a pergunta, a forma interrogativa, para sugerir uma asserção ou, ainda, numa terceira forma gramatical, utilizar a forma imperativa (exigência, pedido, proposição). Em todo caso, **a sentença que responde a questão**, isto é, a resposta, **pode ser problematológica** (suscitando e explicitando outras questões ao pôr *ethos* e *pathos* em diálogo) ou **apocrítica** (resolutória, recalando a questão, transformando a questão em um fora-de-questão).

Um adendo: se a fala egocêntrica, na clínica, é o ato de produzir uma relação conceitual com o problema narrado, isto é, de produzir conceitos que o cartografem adequadamente, que descrevam adequadamente a vivência experimentada mas ainda não tematizada pela qual o sujeito atravessa, não é forçoso deduzir que a lógica patologizante dos manuais diagnósticos e das abordagens mentalistas, em isolado, é apocrítica – sendo a função da clínica tal qual colocada a partir dos conceitos de Vigotski um espaço problematizante, problematológico: dizer que Werther se suicida pois depressivo é ignorar o modo como ele mesmo descreve e qualifica o amor que sente por Charlotte, é jogar ao fogo todas as cartas que Werther endereçou a seu amigo Albert; dizer que Polyanna sofre de tendência à positividade, viés confirmatório, egotismo e pensamento ilusório é ignorar os efeitos do jogo-do-contente na vida da menina – só há história pois há problema, visto toda história, toda obra de arte “levantar mas também exprimir uma série de questões que solicitam o espectador, o leitor ou o auditório” (Meyer, 2011, p. 74, tradução adaptada nossa¹⁴). Em maior ou menor

¹⁴ Original: “Toute œuvre d’art soulève mais aussi exprime une série de questions qui sollicitent le spectateur, le lecteur ou l’auditeur”.

grau, todas as abordagens clínicas visam recusar o mentalismo ao investigar adequadamente a gênese daquilo que o analisando se queixa: o behaviorista realiza a análise das contingências de reforço; o psicanalista, do inconsciente e das suas dinâmicas; o fenomenólogo recusa a própria ideia de análise e toma como ponto de partida do processo clínico a compreensão intuitiva da queixa tal qual ela aparece, tal qual é colocada, na descrição realizada pelo próprio analisando. Cada clínica, à sua maneira, está interessada em abrir o problema daquilo que o analisando traz como fechamento, como sintoma (“não consigo dormir”, “sou estressado”, “ando sem muito foco, ultimamente”, “gostaria de render mais no trabalho” etc. etc.). O nevrálgico é que, em Vigotski, essa abertura ao problema não é um acessório exterior, complementar, aos fundamentos teóricos e à análise que propõe, mas está em seu primeiro plano. Vigotski, como Meyer, toma o problema como ponto central de seu projeto científico.

Aqui, um outro adendo: **problema** em Meyer não parece ter exatamente o mesmo sentido de **problema** para Vigotski. Meyer assume uma posição, no mais das vezes, linguística, sendo o problema uma questão (explicitamente formulada ou não, como veremos) ao qual o enunciado-resposta aponta, remete; em Vigotski, o termo é mais abrangente, apontando a necessidade psicológica satisfeita pelo comportamento por ela motivado. Ora, conceber a linguagem como signo e a fala egocêntrica como instrumento intelectual implica a dissolução desta diferença elementar entre o pensar e o linguajar (como já visto na segunda seção); essa indistinção, pensada como relação interfuncional, implica uma noção de clínica como mobilização de uma linguagem que não seja apocrítica: a fala do analisando, espontânea ou mesmo sincrética, deve tornar-se conceitual (aqui, remetemos à terceira seção); nos termos de Meyer, seria passar do apocrítico (o termo que esconde a pergunta) para o problematológico (explicitar o que está em questão e o que está fora de questão).

Terceiro e último adendo sobre esta articulação Vigotski-Meyer: é necessário discutir sobre a emoção vigotskiana e a passionalidade meyeriana. A *переживание* é a dimensão humana que a psicologia proposta por Vigotski busca considerar na análise dos atos psicológicos, enquanto a lógica passional seria, para Meyer, aquilo que se opõe às empreitadas argumentativas de um sujeito; para um, a emoção é o que não deve ser ignorado na análise da conduta humana, para outro, parece ser aquilo que deve ser evitado para que uma relação humana efetiva se dê. Embora pareça haver distinção terminológica, não há, afirmamos, distinção conceitual, isto é, não há distinção nos **problemas** filosóficos colocados. Embora os termos pareçam se excluir, a lógica presente em ambos se identifica. Ao tratar da *переживание*, Vigotski aponta para a vivência e para o ato de experienciá-la, aponta para o leitor que é ao mesmo tempo submisso à cadência produzida pelo poeta mas soberano no

esforço ativo de ler o texto num determinado tom, velocidade e clima psicológico; já Meyer fala das distâncias que caracterizam a relação humana e da argumentação como um engajamento na diminuição dessas distâncias. Trata-se, em Vigotski ou Meyer, de considerar o projeto, sempre ativo, criativo, dos sujeitos em dirimir o que os separa dos demais.

4.2. As relações dos enunciados com a interrogatividade

Um exemplo habitual nos textos de Meyer: ao falar que “Napoleão foi o vencedor de Austerlitz”, o termo Napoleão condensa uma série de respostas (logo, de outros termos) que pressupomos quando o utilizamos. Os interrogativos desaparecem nas respostas que, por serem respostas, os anulam; mas se alguém perguntar “Quem foi Napoleão?” ou “O que aconteceu em Austerlitz?”, suscitará outras respostas (e termos): Napoleão é “**quem** venceu Austerlitz” e é “**quem** se casou com Josefina”. Ao dizer de modo significativo “O marido de Josefina foi o vencedor de Austerlitz” marca-se a substituíbilidade como critério da significação. Não se trata de identificarmos papéis referenciais: **o porquê de remetermos a Josefina ou a Austerlitz não está na equivalência lógica de um termo a com o termo b: encontra-se na pergunta, no problema, na questão que (nos) colocamos ao anunciarmos “Napoleão” num contexto determinado.**

Recusando o logicismo, Meyer, em sua problematologia, também recusa – ou melhor, desloca – as discussões habituais sobre polifonia. O que lhe importa: os **quem, quê, onde** etc. recobrem, recalcam o outro. O locutor responde a uma dita questão apresentando a resposta de outros dentro de sua própria. Dizer “Parece que sua mulher saiu com o mordomo” é dizer “**Alguém disse que** sua mulher...”; dizer “Que o ano vindouro seja frutuoso pra você” é dizer “**Eu desejo que** o ano vindouro...” etc. Para Meyer (2011, 1998a), tudo isto se explica sem recorrer à polifonia como tradicionalmente entendida, pois o importante na análise problematológica não é a pluralidade de locutores; **os diversos enunciadore de um discurso nada mais seriam que a presença expressa de alternativas de resposta que tem sua expressão nos interrogativos.**

Para que haja retórica, sustenta Meyer (1998a), é necessário que uma questão seja levantada e que permaneça, mesmo que “solucionada”. A exigência de base da retórica é **que o discurso que liga o orador ao auditório seja portador de outra questão que não a pergunta à qual a resposta responde explicitamente.** Se alguém pergunta “que horas são?” e seu alocutário responde “é uma hora”, a questão se esvazia, logo cessa a retórica, cessa o

intercâmbio linguístico; porém, se alguém diz “é uma hora” sem ninguém o perguntar, coloca uma questão não-expressa à qual o seu dizer satisfaz – se com “é uma hora” diz figurativamente “vamos almoçar!” remete à questão “já não está na hora de encerrarmos a reunião e sentarmos à mesa?”.

Para Meyer (1998a, 2007a), falar, escrever etc. é **responder** (o que não equivale a, necessariamente, emitir uma sentença declarativa) e responder é **suscitar uma questão** (o que não equivale a, necessariamente, responder de modo explícito a uma sentença interrogativa). A linguagem é manifestação da diferença questão-resposta estruturante do próprio pensamento, e comunicar seria colocar em forma essa diferença problematológica particularizada através de uma linguagem. Diz sua lei básica da retórica que

$$\underline{r^1 \rightarrow q^1 \cdot q^2}, \text{ portanto } r^2, \text{ isto é,}$$

i. do enunciado-resposta tomado inicialmente (r^1) se infere um enunciado-questão que lhe é diretamente correlato (q^1);

ii. esta questão (q^1) implica, naquele contexto retórico específico, uma questão paralela (q^2), não formulada explicitamente;

iii. a questão não formulada, mas implicitamente dita, remete ela mesma a um outro enunciado-resposta, também não formulado, mas também implicitamente dito;

$$\text{como } \underline{r^2 \rightarrow q^2 \cdot r^1}, \text{ isto é,}$$

iv. como, inversamente, da resposta inferida (r^2) se infere a questão remetida (q^2) que remete ela mesma ao enunciado inicial (r^1), temos, resumidamente, que

$$\underline{r^1 \rightarrow r^2},$$

v. o que Meyer chama de α , relação argumentativa entre o enunciado-resposta original e o enunciado possível que dele se apreende, e

$$\underline{r^1 = r^2},$$

vi. o β , relação retórica, figurativa entre os enunciados.

Insistimos neste ponto:

numa **leitura retórica**, r^1 equivale a r^2 ;

numa **leitura argumentativa**, r^1 é argumento de r^2 .

Vamos a alguns exemplos.

Se Pedro diz “Está chovendo” querendo dizer “Leve o seu guarda-chuva” a Paulo, estará operando retoricamente; se diz “Está chovendo, logo leve o seu guarda-chuva” estará argumentando. “Está chovendo” (r^1) remete à óbvia pergunta Está chovendo? (q^1), versão interrogativa da sentença original; esta implica, em um contexto específico e hipotético, a

questão **Devo levar o meu guarda-chuva?** (q^2) que, por fim, remete à resposta **Leve o seu guarda-chuva** (r^2).

Se Pedro diz “O novo filme do Scorsese já está em exibição” (r^1) querendo convidar Paulo para o cinema, temos aí uma resposta inicial que remete à pergunta direta **O novo filme do Scorsese está em exibição?** (q^1) que por sua vez traz a questão **Quer ir ao cinema?** (q^2), implicada na primeira. As respostas possíveis de Paulo, **sim, não, talvez, não sei, amanhã, preciso estudar** etc. encerram a cadeia retórica (r^2) – a resposta **preciso estudar** e similares, inclusive, põem sua própria cadeia retórica: **Preciso estudar** (r^1) → **O que preciso fazer?** (q^1) · **Posso ir ao cinema?** (q^2), portanto **Não posso ir ao cinema** (r^2).

Se Pedro diz “Vai sair?” a Paulo, que brada com constância seus perrengues financeiros, temos aí uma questão que elicia uma outra, esta sim realmente enunciada. **Vai sair?** (q^1) estrutura uma situação que produz um conjunto virtualmente infinito de respostas possíveis para Paulo, diretas e indiretas (r^1 , **vou, não vou, volto logo, não posso perder este show** etc.); no entanto, a pergunta de Pedro implica a pergunta **Você não disse que estava sem dinheiro?** e similares (q^2). Pedro verbaliza q^1 , enuncia de fato q^2 e espera r^2 de Paulo, isto é, espera que Paulo lhe responda onde conseguiu dinheiro, e não se está a sair de casa.

Insistimos, junto de Meyer (2003, 1998a, 2007a), que não se trata da busca pela equivalência formal entre um termo e outro: r^1 não é necessariamente = r^2 num sentido lógico, informacional, mas **o dizer** de r^1 = **o dizer** de r^2 . A retórica assimila r^1 a r^2 **figurativamente**, o que permite ao orador prescindir da ligação real (q^1 , q^2) que une r^1 a r^2 .

Uma enunciação supõe que alguém se expresse e se dirija a outra pessoa – em se tratando da fala egocêntrica ou outra enunciação monologal, que um enunciador se dirija a outro enunciador, ambos mobilizados pelo mesmo locutor. Em síntese: uma resposta pode ser uma locução que de fato responde a uma pergunta formulada, mas pode não sê-lo; a resposta pode também responder diretamente ao núcleo da questão e aos termos que são utilizados, mas pode atingi-lo de maneira analógica, metafórica. A partir disso e da lei da retórica meyeriana, a resposta a um enunciado pode ser **externa** mas também **interna**, pode ser **direta** mas também **indireta**, e quatro relações podem ser desdobradas do enunciado-resposta com base na interrogatividade:

- **direta externa** pois não figurativa, e a pergunta à qual responde é prévia à resposta - ex. “que horas são?”, “seis em ponto!”;
- alguém que, instado por um amigo a ir ao cinema, lhe responde “tenho de estudar”, dá a ele uma resposta **indireta externa**, pois responde ao convite

formulado de seu amigo, mas não responde francamente “não”; dá no mesmo, porém: seu locutor a entende pois $r^1 \rightarrow q^1 \cdot q^2$;

- dizer a um sujeito que ele “é uma cobra venenosa” após flagrá-lo em joguetes e manipulações é uma resposta **indireta** (pois metafórica) e **interna** (pois nenhuma questão prévia foi levantada pelo interlocutor, e é o locutor que expõe o fora-de-questão a que seu enunciado remete); por fim,
- a negação freudiana, o “eu não tenho nada contra você, mas...”, é uma resposta **direta** e **interna**; a questão de minha hostilidade não se constata, mas, ao dizê-la, eu a ponho.

Estabelecidos alguns princípios centrais da filosofia de Michel Meyer (em especial, a sua concepção de retórica e argumentação sob uma perspectiva problematológica), explicitamos, na subseção a seguir, o instrumento operacional de coleta e produção de dados utilizado em nossa Tese.

4.3. Uma leitura problematológica da fala egocêntrica: procedimentos metodológicos

As chamadas relações com a interrogatividade de Meyer são os instrumentos a serem utilizados para identificar os diversos enunciadores presentes no *corpus* – não apenas diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema-problema (como presente em Ducrot, 1987), mas formulações de diferentes problemas, num jogo argumentativo “consigo mesmo” que faz avançar a conversação monologal e que tem a função de responder o problema geral a que a conversação remete. De posse dos fragmentos das sessões, transcritos pelo pesquisador das sessões analíticas em que atua como terapeuta, **a Tese consiste, num primeiro movimento metodológico, em explicitar as questões internas, diretas ou indiretas, que o analisando coloca ao falar, ao associar.** A partir dessa explicitação das questões, corroboraremos ou não a hipótese de que a fala egocêntrica é dialógica a partir da problematologia.

Num **segundo passo, procuraremos identificar se há um tipo de recurso retórico-argumentativo que faça com que a fala opere egocentricamente**, isto é, uma fala que, submetida a um problema, se dirige na direção da forja de um conjunto de conceitos – conceito, aqui, entendido no sentido vigostkiano, tanto a palavra-signo que descreve concretamente a experiência quanto uma relação específica de permeabilidade com a experiência que permite ao sujeito a formulação desta palavra-signo.

As concepções de retórica que Meyer (1998b, 2007b) descreve em seu tríptico serão o guia para a identificação destes recursos, no sentido de sugerirem uma tipologia das questões e respostas envolvidas numa interação argumentativa:

i. **dialética** (questões e respostas que tomam por objeto um fato, uma factualização, e sobre este fato debatem uma contradição – procuramos saber se uma proposição é verdadeira, se um fato ocorreu efetivamente, e sua resolução é o acordo, a adesão),

ii. **pragmática** (questões e respostas que debatem o sentido e a qualificação de algo – debate-se não mais a verdade de um fato, mas sua interpretação, sua “estética”, sendo a sua resolução a credulidade) e

iii. **comunicativa** (questões e respostas que buscam o reconhecimento daquilo que devemos admitir ou recusar – o objeto de debate é a demarcação da identidade e da diferença dos comunicadores, sendo a sua resolução o reconhecimento de si e do outro numa norma ética, num papel político ou, nos termos da Nova Pragmática (Rajagopalan, 2003, 2010), o estabelecimento de “bandeiras de lealdade”).

Retomemos a conversa hipotética entre Pedro e João proposta na introdução da Tese: Pedro deseja pedir demissão, e o anuncia a João buscando algum tipo de aconselhamento; escuta de seu amigo João motivos x e y para que permaneça no emprego que o faz infeliz. Até aqui, temos um texto dialogal (pois implica dois locutores) e dialógico (pois implica dois enunciadores); em acréscimo: tomando as concepções de retórica formuladas por Meyer, teríamos aí uma conversação **dialética** – visto que os dois locutores (e os enunciadores) se confrontam, se embatem, assumem pontos de vista distintos e, cada um a sua própria maneira, cede ou tenta fazer ceder a posição de seu outro discursivo.

Posteriormente, podemos conceber Pedro se perguntando a mesma questão (“devo largar o meu emprego?”) para logo após renunciar a questão que coloca (“mas o salário é tão bom...”); teríamos, então, um monólogo interno, uma deliberação íntima, um texto monologal mas, ainda assim, a tensão dos dois pontos de vista permanece – só que agora sob a forma de crise de consciência. Como também posto já em nossa introdução, a fala egocêntrica se assemelha a este registro discursivo. Não coincide com ele, contudo.

Numa segunda situação hipotética em que Pedro ainda compartilha com João seu desejo de demissão, agora escutamos de João uma certa aquiescência e acolhimento de Pedro. Ao invés de contrapor Pedro, João diz “certo, então você está pensando em submeter seu currículo para aquela outra empresa que comentou?” ou algo do tipo. Aqui, ainda há multiplicidade de enunciadores, de pontos de vista, mas eles não necessariamente concorrem ou competem. Na cogestão da conversa que caracteriza toda interação retórica, os

enunciadores num registro retórico e **pragmático** partem de um mesmo ponto, aceitam um mesmo pressuposto – largar o emprego, sim; e após isto? como isso se dará? etc. Numa versão monologal desta retórica pragmática, notamos um sujeito usando da linguagem como instrumento para colocar e encaminhar um problema que o acomete. Onde queremos chegar? Na seguinte assunção: **a fala egocêntrica, linguística e funcionalmente, consistiria num discurso monologal, dialógico e pragmático.**

Numa variação **comunicativa** da interação Pedro-João, teríamos Pedro expondo seus planos e João, talvez, compartilhando que vem pensando e planejando o mesmo em relação a seu próprio trabalho, que se solidariza com o drama de Pedro etc. A versão monologal desta retórica seria o reconhecimento por parte de Pedro de que irá de fato largar o seu emprego.

Enquanto na retórica dialética há o avanço da conversação no sentido de estabelecer um acordo entre os distintos pontos de vista, na retórica pragmática os enunciadores trabalham no sentido de qualificar e especificar o problema em questão; na retórica comunicativa, por fim, há menos um embate lógico, de *logos*, mas ético – o que está em questão nesta retórica é menos o que o sujeito fala e mais a imagem de si que projeta ao falar.

O próprio Meyer (1998b, 2007b) define esta tripartição bem mais como um esquema didático que uma taxonomia rígida, e pode ocorrer de maneira híbrida, seja no sentido de que uma conversação pode passar de um registro retórico para outro seja porque um mesmo enunciado pode, por vezes, mobilizar mais de um desses registros. Em todo caso, mesmo híbrida, a caracterização dos registros retóricos é facilmente distinguível – por exemplo, um sujeito que posta um conjunto de *stories* em seu Instagram referentes à invasão do Congresso, do Planalto e do Supremo Tribunal Federal brasileiros no dia oito de janeiro de 2023.

Nas postagens, qualifica a invasão como terrorismo e barbárie e de pronto recusa a anistia dos envolvidos: estaria aí mobilizando uma retórica ao mesmo tempo **dialética** (pois assume um ponto de vista contrário ao do bolsonarista que o segue, dizendo da invasão, por *direct messenger*, como resultante de infiltrados do PT – o bolsonarista vê sua postagem e a ela explicitamente se contrapõe), **pragmática** (pois a sequência de imagens, vídeos, ensaios e memes que posta qualifica e detalha cada vez mais a invasão terrorista para os que partilham de sua concepção do fato) e **comunicativa** (pois, ao dizê-lo, se apresenta como um sujeito específico, portador de uma posição política específica e valores específicos; um *ethos* específico, enfim – a defesa da democracia, a sustentação de ideais republicanos etc.).

Em todo caso, podemos esquematizar as seguintes possibilidades retóricas, sempre dialógicas:

- **se a argumentação é dialogal e dialética**, teríamos aí um debate público, um confronto de ideias, uma assembleia na qual os constituintes decidem se irão votar em a ou em b;
- **se a argumentação é monologal e dialética**, temos a crise de consciência, temos aquele traço regular da estrutura do psiquismo a que os freudianos chamam de supereu;
- **se é dialogal e comunicativa**, temos a manifestação política, o compartilhamento de vivências;
- **se é monologal e comunicativa**, temos o discurso de aceitação, a auto-affirmação, a tomada de posição, o discurso político;
- **se a argumentação é dialogal e pragmática**, temos a tempestade de ideias, a orientação acadêmica, a intervenção analítica, a sala de aula;
- **se a argumentação é monologal e pragmática**, esta é a nossa hipótese, temos enfim a fala egocêntrica.

5. MARCO ANALÍTICO

O objetivo geral da presente Tese é propor uma leitura da fala egocêntrica como um fenômeno argumentativo e problematológico – sustentando a fala clínica como uma fala dessa natureza. A pesquisa tomou como *corpus* fragmentos de sessões terapêuticas de três analisandos, assumindo como referência as discussões vigotskianas sobre a fala egocêntrica e as estratégias metodológicas de Meyer para analisá-las.

Visando a manutenção do sigilo dos analisandos, todos os nomes próprios presentes nas transcrições das gravações estão alterados e todos os termos que poderiam remeter aos analisandos – ainda que muito vagamente – foram também alterados ou mesmo removidos: os analisandos serão chamados pelos nomes fictícios de Sara, Mauro e Zelda.

Cada sessão terapêutica durou em média 50 minutos – os materiais analisados, porém, consistem em fragmentos de aproximadamente dez minutos cada, visto que um recorte mais enxuto poderia não trazer material suficiente para ilustrar e experimentar nossa hipótese, ao mesmo tempo em que um extrato temporal maior das sessões, ideal para um estudo extensivo de caso clínico, extrapolaria os objetivos deste trabalho. O que segue abaixo, nesta seção de nossa Tese, é a análise desses fragmentos.

Como dito em nossa introdução, qualquer extrato da sessão gravada e transcrita, pinçado em avulso, poderia ser tomado como objeto de nossa análise; no entanto, sendo a fala egocêntrica esta modalidade monologal do falar que o pensamento toma como seu instrumento, escolhemos privilegiar fragmentos e momentos das sessões em que os analisandos concluem(-se), convencem(-se), de preferência sem um interlocutor empírico – no contexto, fragmentos em que ocorrem conclusões a problemas sem intervenção analítica ou, ao menos, sem intervenção analítica em demasia.

Tais fragmentos, como também já colocado, foram escolhidos por não demandarem análise gestual ou de entonação – o texto ele mesmo já possibilita identificar as questões, diretas ou indiretas, que fazem a conversação andar.

Insistimos: para Meyer, o foco de uma análise problematológica não é identificar a pluralidade de locutores numa conversação ou de teses sustentadas por um discurso; os enunciadores de um discurso são por ele considerados como a presença expressa de alternativas de resposta que tem sua expressão nos interrogativos. Assim, **enunciado**, numa perspectiva meyeriana, pode ser entendido simplesmente como uma sentença que remete a

uma questão – **enunciadores** diferentes, desta feita, não corresponderiam a diferentes pontos de vista presentes num enunciado, mas a diferentes questões às quais ele remete.

Esta seção está dividida em quatro subseções, sendo as três subseções iniciais voltadas, cada uma delas, a um analisando. Cada uma destas subseções, por sua vez, está dividida nas seguintes partes específicas:

1. uma descrição geral do *corpus* a ser analisado;
2. a exposição textual e gráfica da transcrição a ser analisada;
3. a identificação dos tipos de questão mobilizadas pelo discurso a partir do tríptico meyeriano, assim como a análise argumentativa dos enunciados proferidos pelos analisandos e das questões a que eles remetem.

Sobre a parte 2 de cada subseção, expomos os critérios de organização dos elementos do *corpus*, isto é, dos enunciados e das questões a que remete:

- quanto à formatação da exposição textual: as falas do analista serão sublinhadas; as falas da analisanda serão dispostas em *itálico*;
- quanto ao uso dos colchetes na exposição textual: trata-se de já identificar a passagem de uma questão a outra; enunciados que respondem perguntas diferentes estarão dispostos em colchetes diferentes; enunciados que respondem a mesma pergunta compartilharão o mesmo colchete;
- quanto à disposição da exposição gráfica: as falas dos analisandos serão dispostas em blocos à direita; à esquerda, as questões a que as falas remetem, sejam elas as questões indiretas a que seus enunciados remetem, sejam elas as perguntas formuladas pelo analista, sejam as perguntas retoricamente formuladas pelos próprios analisandos; em resumo, perguntas à esquerda, respostas à direita;
- quanto à marcação por cores da exposição gráfica: as falas dos analisandos serão apresentadas em **roxo**; as questões formuladas diretamente pelo analista ou pelos próprios analisandos, isto é, sentenças interrogativas que remetem a respostas diretas externas, serão apresentadas em **verde**; as questões formuladas pelos próprios analisandos estarão em **vermelho**, por fim, estão em **azul** as questões colocadas pelo próprio enunciado dos analisandos a partir de respostas internas – isto é, as questões que não estão explicitamente ditas mas que estruturam e significam o dito;
- quanto à função das setas na exposição gráfica: seria definir o fluxo da conversação estabelecida entre os enunciadores da fala analisada, indo das perguntas externas às respostas que elas solicitam, das respostas às perguntas internas que elas colocam etc.

Ao final das setas, a identificação do tipo de relação com a interrogatividade ao qual aquele enunciado-resposta assume: sentenças diretas externas estarão identificadas como (DE), sentenças diretas internas estarão identificadas como (DI), sentenças indiretas externas estarão identificadas como (IE) e, por fim, sentenças indiretas internas estarão identificadas como (II).

Ainda sobre a parte 2 de cada subseção: em Meyer, como insistimos, r^1 e r^2 estabelecerão uma relação retórica de identidade; argumentativamente, r^1 é argumento de r^2 , não importando se se trata de um exemplo, um caso contado, uma analogia, uma metáfora, um modelo etc. Estas são diferenças topográficas, linguísticas, mas não funcionais; pragmaticamente, são o mesmo; o que importa é que, ao responder r^1 querendo dizer r^2 , o locutor fortalece r^2 , aumenta a adesão – ou visa-se aumentar a adesão – de seu alocutário a uma determinada tese. Exemplos, figuras, modelos, ilustrações e outros argumentos que fundamentam a estrutura do real (Perelman, 1992; Perelman, Olbrechts-Tyteca, 2014) seriam respostas indiretas, internas ou externas, que respondem às mesmas questões que os enunciados que visam fortalecer – assim sendo, um enunciado-resposta seguido ou antecedido imediatamente por um exemplo que o sustenta foram aqui contabilizados como remetendo a uma única questão.

5.1. O caso Sara: “A realidade tá insuportável!”

5.1.1. Descrição geral do primeiro corpus analítico

O que segue abaixo é o caso de Sara, mulher-cis de 42 anos, empresária. Sara faz terapia com o atual analista, autor desta Tese, desde junho de 2018 na modalidade telepresencial, via Google Meet. Como encomenda inicial, isto é, aquilo que explicitamente a levou a procurar atendimento clínico, relata seu diagnóstico formal de ansiedade e depressão realizado por psiquiatra.

Durante nossas sessões, Sara identificou uma constante em suas relações: mais do que “carregar pessoas”, tende a estabelecer com as coisas uma dinâmica em que sempre se encontra sobrecarregada, seja em seus estudos, sua vida amorosa, seus negócios ou sua família. A decisão de Sara por divorciar-se e por encerrar uma parceria de negócios com sua sobrinha, por exemplo, passa por essa compreensão e afirmação pessoal de que não mais permitirá que pessoas, lugares, compromissos, responsabilidades etc. abusem de sua

disponibilidade; por outro lado, esta leitura de seu cansaço faz com que tenda a se afastar das coisas que lhe ofereçam algum tipo de oposição, lendo-as de pronto como abuso e violência.

5.1.2. Apresentação textual e gráfica do primeiro corpus analítico

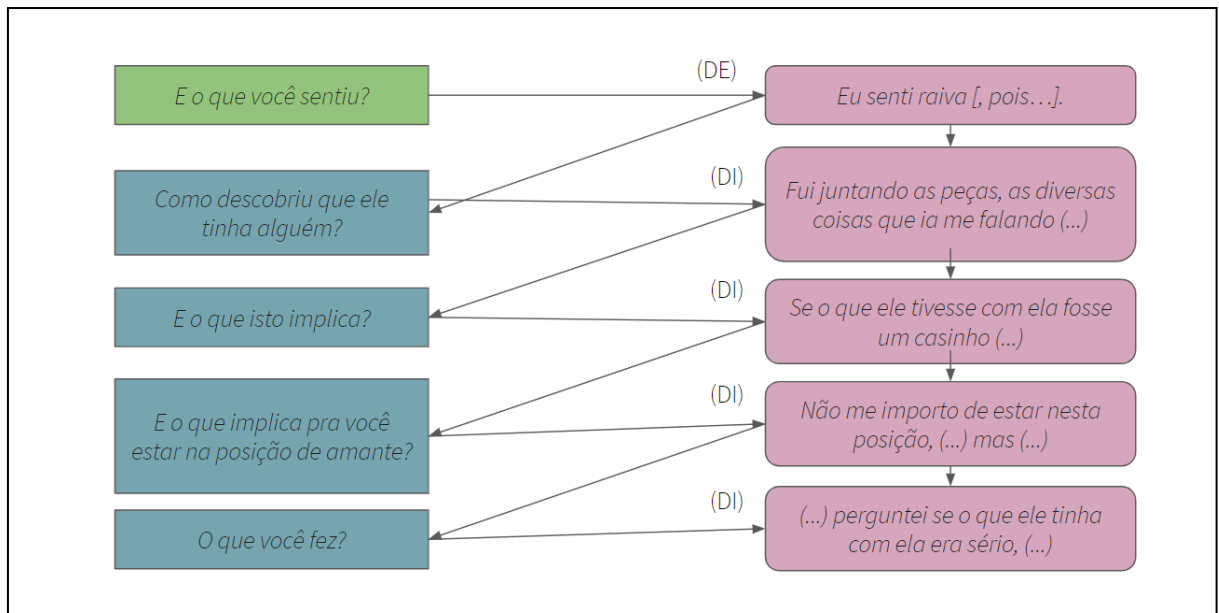
O fragmento de sessão transcrito integralmente nos anexos, e apresentado textual e graficamente logo abaixo, relata a descoberta por parte de Sara de que um homem com quem se relacionava amorosamente há algumas semanas é comprometido, noivo de outra mulher residente em uma cidade vizinha – o que disparou em Sara crises de ansiedade, insônias e perda de seu apetite. Este primeiro *corpus* se encontra dividido em sete partes compostas tanto pela exposição verbal de um pedaço do fragmento da sessão gravada quanto pela exibição deste pedaço em esquema gráfico que respeita os critérios previamente expostos. Após a apresentação textual e gráfica de cada parte, um breve comentário articula a parte verbal à sua versão gráfica, descrevendo as dinâmicas dos enunciados com as questões que respondem e colocam.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Sara: Parte 1 de 7.

E o que você sentiu?

[Eu senti raiva]. [Fui juntando as peças, as diversas coisas que ia me falando: “vou visitar um apartamento pra comprar”, “vou me encontrar com um arquiteto”, ao mesmo tempo em que, quando voltava para a cidade dele, ele sempre dormia na casa dela]. [Se o que ele tivesse com ela fosse um casinho, uma relação casual, eu seria mais um casinho, um caso entre outros, como ela. Mas se a relação é séria, eu sou a amante]. [Não me importo de estar nesta posição, e até aceitaria estar nessa posição pra ficar com ele, mas gostaria de saber antes no que eu estava me metendo. Eu tive raiva pela manipulação de Oliveira, pela falta de sinceridade dele]. [Assim que caiu a ficha, perguntei se o que ele tinha com ela era sério, e ele disse que não. Perguntei mais uma vez, e disse pra ele falar a verdade, pra ele ser honesto, e ele insistiu, dizendo que não estava em um relacionamento sério, que não tinha nada sério com ela. Por tudo que ele mesmo já me contou, e por todas as coisas que já me falaram dele, percebi que ele estava mentindo. Eu disse pra ele “não vamos mais nos ver como casal” e estou me sentindo bem com isso].

Figura 1. Primeiro esquema gráfico do caso Sara.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Ao dizer da sua raiva, Sara já dá conta da pergunta formulada. Ao continuar falando, o que Sara faz é colocar novas questões às quais ela mesma responde. Da pergunta do analista, segue-se um fluxo de enunciados que, à parte o primeiro, não mais remetem à questão que os disparou. **E o que você sentiu?**, que é a pergunta do analista; Sara não só fala sobre seus sentimentos, mas produz novos enunciados que tentam explicar sua raiva e, mais explicitamente, respondem à pergunta **Como descobriu que ele tinha alguém?** Em seguida, se põe a falar sobre **o que isto implica?**, isto é, sobre o que implica em termos gerais estar sendo enganada por um homem comprometido e, logo após, responde à pergunta **E o que implica pra você estar na posição de amante?**. Encerra falando da decisão tomada a partir de sua descoberta (fala-resposta à pergunta **O que você fez?**) e de como tal decisão a fez se sentir bem.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Sara: Parte 2 de 7.

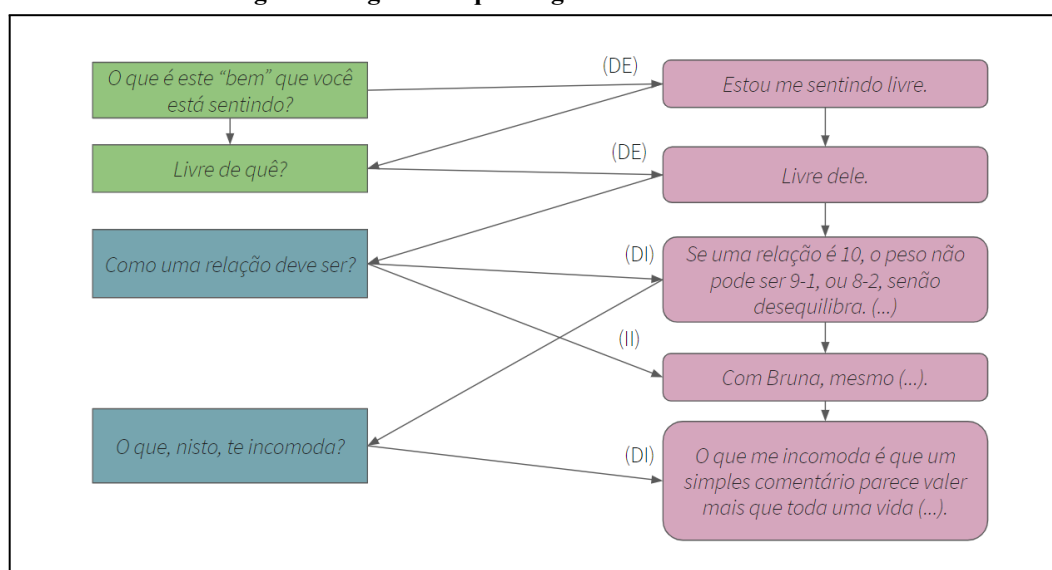
O que é esse “bem” que você vem sentindo?

[Estou me sentindo... [pausa] livre].

Livre de quê?

[Livre dele]. [Se uma relação é 10, o peso não pode ser 9-1, ou 8-2, senão desequilibra]. [Com Bruna¹⁵, mesmo: ela comentou com os pais que eu prejudiquei ela na abertura da empresa dela, que eu estou com inveja dela... Meu irmão e a mulher dele vão perceber depois como Bruna é manipuladora e sonsa, com certeza. Nem que seja daqui a 5 anos]. [O que me incomoda é que um simples comentário parece valer mais que toda uma vida, um comentário de uma pessoa vale mais que a imagem que construí de mim. Mas já me librei de Bruna, me librei de me preocupar o tempo todo com o que meus irmãos vão achar de mim, me librei de Oliveira...]

Figura 2. Segundo esquema gráfico do caso Sara.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Da primeira pergunta do analista (**O que é este “bem” que você está sentindo?**) à resposta da analisanda, temos uma relação apocrítica entre uma pergunta direta e a resposta que a encerra. A segunda pergunta do analista (**Livre de quê?**) tem outra resposta que também encerra, ou deveria encerrar, a conversação, visto que atinge o núcleo daquilo que é formalmente questionado. Sara, no entanto, a partir da segunda resposta, começa a responder uma outra pergunta não presente no questionamento do analista (**Como uma relação deve ser?**); a partir de sua analogia entre o dever-ser de uma relação e o funcionamento de uma balança (8-2, 9-1, desequilíbrio), e apresenta como ilustração o ocorrido entre ela e Bruna, sua sobrinha. A partir deste ocorrido, começa a se distanciar ainda mais da pergunta

¹⁵ Referência a sessões anteriores; Sara e Bruna são tia e sobrinha, e terminaram recentemente uma sociedade de negócios por uma sequência de dissensos. Explicitá-los não trará ganhos à nossa análise.

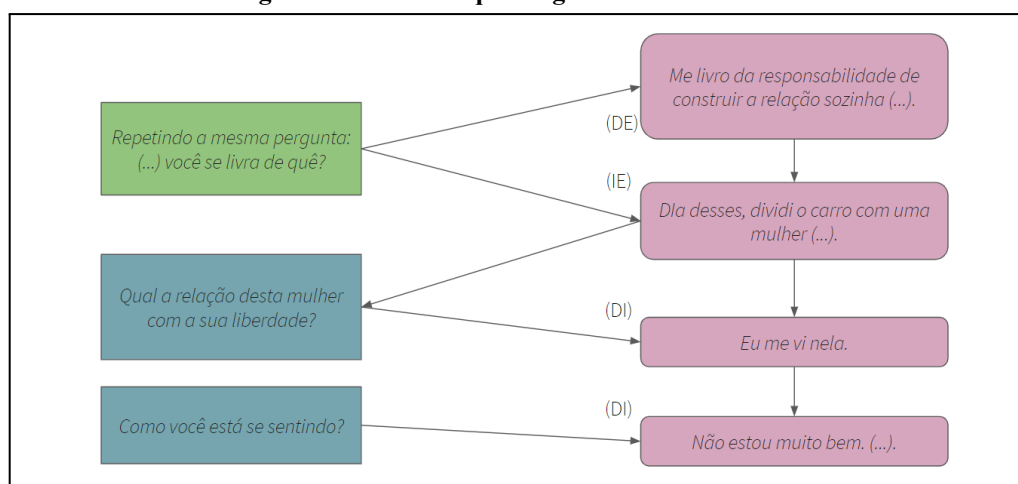
explicitamente formulada pelo analista e a deriva noutra questão: **O que, nisto, te incomoda?**, isto é, o que a incomoda na situação de traição e descompasso da qual se livra.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Sara: Parte 3 de 7.

Repetindo a mesma pergunta: ao se livrar de Bruna, ao se livrar de Oliveira, ao se livrar do peso de seus irmãos... você se livra de quê?

[Me livro da responsabilidade de construir a relação sozinha, me livro de carregar os outros, das responsabilidades dos outros. Talvez da obrigação de carregar uma relação sozinha]. [Dia desses, dividi o carro com uma mulher; parecia que tinha medo do marido. Fazia tudo por ele mas, pelo que ela dizia, parece que ele não cuidava muito bem dela]. [Eu me vi nela]. [Chegou um momento em que paramos num supermercado e ela não quis tomar muito tempo do motorista para comprar um refrigerante; falei pra ela “o motorista não é seu marido, mulher; se permita”]. Enfim... [pausa]. [Não estou muito bem. Passei a semana ansiosa, com insônia e falta de foco].

Figura 3. Terceiro esquema gráfico do caso Sara.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Ao dizer **[...] você se livra de quê?**, o analista retoma a questão realizada anteriormente, mas agora no contexto dos novos elementos produzidos pela fala de Sara. Ao narrar a conversa que teve com a mulher com quem dividia um carro tanto ilustra o enunciado-resposta anteriormente dado como é, ela mesma, preparação para uma questão não formulada. Dizer, sem ser requisitada, que “se viu” na mulher que temia o marido é estabelecer uma relação entre o formalmente inquirido (isto é, do que se livra, que liberdade é

essa que garante ao etc.) e o dito de fato; responde, no limite, à questão **Qual a relação desta mulher com a sua liberdade?** Só aí faz sentido responder a **Como você está se sentindo?**, questão a que remete ao reclamar da ansiedade, da insônia e da falta de foco na semana que passou.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Sara: Parte 4 de 7.

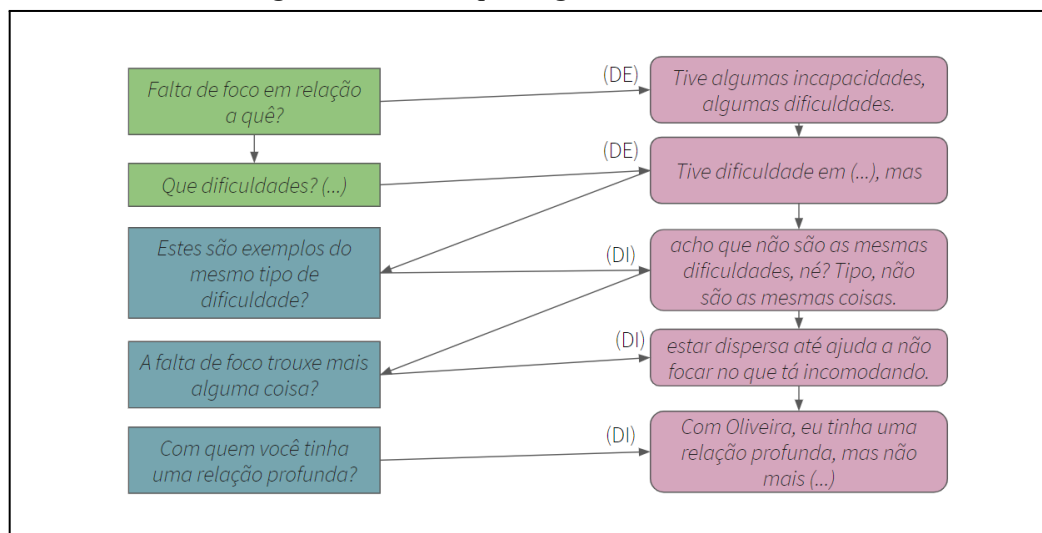
Falta de foco em relação a quê?

[Tive algumas incapacidades, algumas dificuldades].

Que dificuldades? Sendo mais específico, no que a falta de foco te atrapalhou?

[Tive dificuldade em acompanhar as informações sobre as atividades de estágio lá da faculdade. Também estou tendo algumas dificuldades para quitar algumas contas da empresa. Tem também a carência afetiva de sempre]. Mas [acho que não são as mesmas dificuldades, né? Tipo, não são as mesmas coisas]. Não sei, [estar dispersa até ajuda a não focar no que tá incomodando. Fico passando de uma coisa pra outra e não foco em nada que tá incomodando]. [pausa] [Com Oliveira, eu tinha uma relação profunda, mas não mais desde a conversa com ele]. [pausa]

Figura 4. Quarto esquema gráfico do caso Sara.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

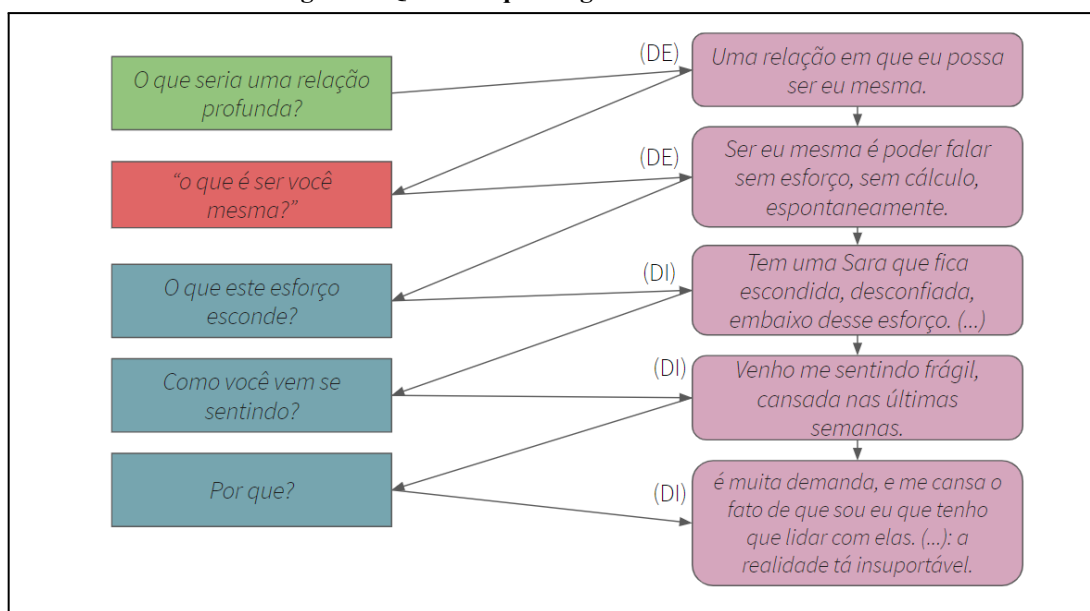
Nota-se uma semelhança entre o esquema gráfico dessa parte do fragmento e o segundo esquema gráfico produzido (Figura 2): uma pergunta, formulada pelo analista, retoma aspectos anteriores da conversa (**Falta de foco em relação a quê?**), sendo respondida de maneira apocrítica e demandando do analista uma outra questão para que a fala da analisanda seja retomada; uma segunda pergunta do analista (**Que dificuldades?**) tem outra resposta que também atinge o núcleo duro do enunciado anterior – o que também poderia encerrar a conversação, mas é a própria analisanda que prossegue em fala egocêntrica, respondendo a questões que não foram formuladas externamente – em termos problematológicos, colocando indiretamente as questões às quais seus enunciados remetem: 15. **Estes são exemplos do mesmo tipo de dificuldade?**, **A falta de foco trouxe mais alguma coisa?** e **Com quem você tinha uma relação profunda?**, questões essas que a levam a cogitar a função de sua dispersão: não focar no que a está incomodando: não ter mais o que chama de relação profunda.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Sara: Parte 5 de 7.

O que seria uma relação profunda?

[Uma relação em que eu possa ser eu mesma]. Daí, você pergunta “o que é ser você mesma?” [risos]. [O tempo todo alguém pode se aproveitar da gente, de mim, de algo que eu falo. O tempo todo fico atenta a como eu falo. Ser eu mesma é poder falar sem esforço, sem cálculo, espontaneamente]. [Tem uma Sara que fica escondida, desconfiada, embaixo desse esforço. Uma Sara cansada, fragilizada, que queria poder tirar a armadura antes de dormir]. [pausa]. [Venho me sentindo frágil, cansada nas últimas semanas]. [Acho que... é muita demanda, e me cansa o fato de que sou eu que tenho que lidar com elas. Por isso que eu fico nessas ilusões: a realidade tá insuportável].

Figura 5. Quinto esquema gráfico do caso Sara.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

O que seria uma relação profunda? é a pergunta feita pelo analista para dar continuidade ao pensamento falado de Sara. Familiar ao jogo de perguntar-e-responder que constitui o *setting* terapêutico, Sara se adianta e, explicitamente, enuncia a pergunta que irá responder, a pergunta que produz as respostas que irá enunciar (**O que é ser você mesma?**). Ao dizer de uma Sara escondida (cansada, desconfiada, fragilizada etc.), coloca a questão **O que este esforço esconde?**, que leva tanto às questões de **Como você vem se sentindo?** (sua fragilidade) e de **Por que?** (a realidade insuportável que a faz viver em ilusões).

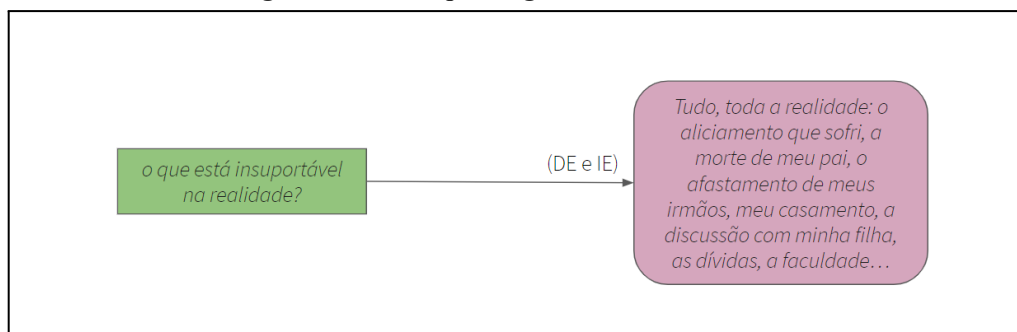
A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Sara: Parte 6 de 7.

Para explicitar: o que está insuportável na realidade?

[Tudo, toda a realidade¹⁶: o aliciamento que sofri, a morte de meu pai, o afastamento de meus irmãos, meu casamento, a discussão com minha filha, as dívidas, a faculdade...]

¹⁶ Aqui, Sara capitula em sequência temas trazidos em diferentes sessões prévias.

Figura 6. Sexto esquema gráfico do caso Sara.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Aqui, usamos o esquema gráfico para uma questão isolada – **o que está insuportável na realidade?** – apenas para ilustrar a regra de análise já anunciada: argumentos que fundamentam a estrutura do real respondem à mesma questão que os enunciados cujas teses reforçam – os enunciados-tese seriam enunciados diretos, enquanto os enunciados-exemplos seriam enunciados indiretos. Aí, a resposta da analisanda é tanto direta externa (ao responder não-figurativamente à pergunta do analista) quanto indireta externa (a questão, formulada, é respondida também com uma sequência de itens que suportam a tese de Sara: toda a sua realidade está insuportável).

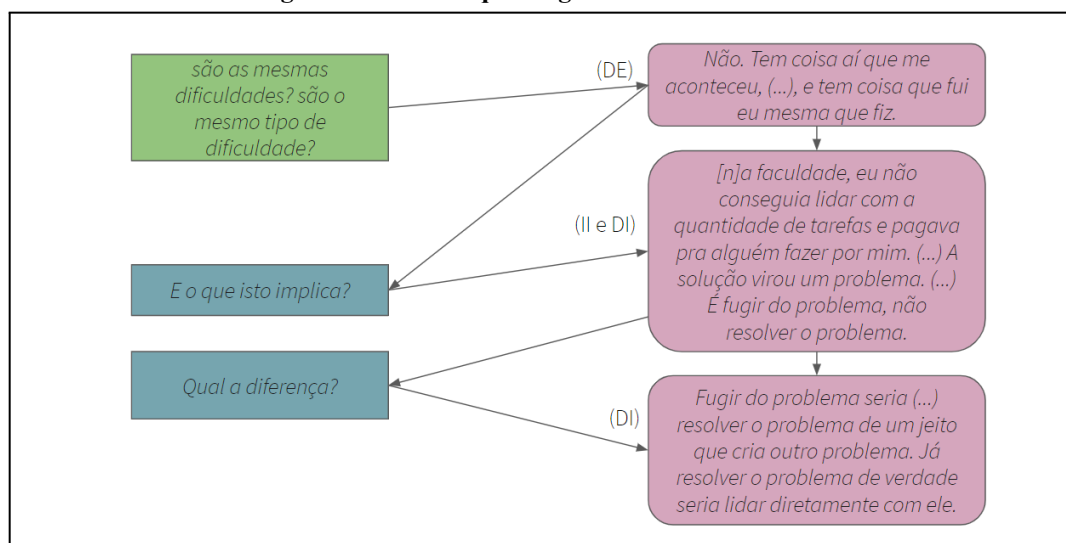
A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Sara: Parte 7 de 7.

Trago a pergunta que você mesma lançou, a pouco: são as mesmas dificuldades? são o mesmo tipo de dificuldade?

[Não. Tem coisa aí que me aconteceu, que veio de fora, e tem coisa que fui eu mesma que fiz]. [Por exemplo... a faculdade, eu não conseguia lidar com a quantidade de tarefas e pagava pra alguém fazer por mim. Eu ia passando de disciplina pra disciplina, período por período, e cheguei agora na monografia com essa sensação de que sei menos do que eu devia saber. A solução virou um problema. É como o remédio. Quando tô muito ansiosa, tomo meu remédio pra parar de ficar pensando nas coisas, pra conseguir dar conta das coisas, mas fico sonolenta e não consigo fazer as coisas do mesmo jeito. É fugir do problema, não resolver o problema]. [Fugir do problema seria isso que falei: resolver o problema de um jeito que cria outro problema. Já resolver o problema de verdade seria... sei lá, lidar diretamente com ele. Com o remédio,

a gente vai aprendendo a dosar e a saber quando usar, quando não usar. Com o estudo, a mesma coisa. Agora, na monografia, não tô pagando pra ninguém fazer meu trabalho. Mas preciso de ajuda para escrever o texto; daí, estou pagando pra um colega me ajudar com o texto, revisar o que escrevi, essas coisas. Acho que é isso! É resolver o problema, não fugir do problema, pois fugir do problema acaba trazendo outro problema].

Figura 7. Sétimo esquema gráfico do caso Sara.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Ao questionar se **são as mesmas dificuldades?**, o analista tenta trazer Sara de volta à cadeia predicativa que a analisanda estava a construir; em resposta, a analisanda cria duas categorias de dificuldades: coisas que lhe acontecem e coisas que ela mesma fez. Ao falar de sua experiência com a faculdade, ilustra (resposta indireta interna) a tese de que fugir de um problema não é resolvê-lo (resposta direta interna à pergunta **E o que isto implica?**). Como desfecho, responde a pergunta **Qual a diferença?** ao estabelecer a distinção entre fuga-do-problema e resolução-do-problema.

5.1.3. Identificação dos tipos de questão e análise argumentativa do corpus

Temos 26 enunciados-resposta da analisanda Sara – logo, 26 questões distintas a que estes enunciados remetem, sejam estas questões internas (colocadas pelo próprio enunciado-resposta) ou externas (formulações interrogativas explícitas). Como exemplos, figuras, modelos e afins respondem às mesmas questões que os enunciados diretos que os antecedem, exemplo e enunciado direto foram aqui contabilizados como uma única resposta.

Das 26 questões presentes, dez são formulações interrogativas explícitas (discriminadas abaixo na cor verde, sendo uma delas formulada pela própria analisanda e disposta na cor vermelha) e 16 são questões colocadas por enunciados indiretos (discriminadas abaixo na cor azul). São elas:

1. E o que você sentiu?
2. Como descobriu que ele tinha alguém?
3. E o que isto implica?
4. E o que implica pra você estar na posição de amante?
5. O que você fez?
6. O que é este “bem” que você está sentindo?
7. Livre de quê?
8. Como uma relação deve ser?
9. O que, nisto, te incomoda?
10. Repetindo a mesma pergunta: (...) você se livra de quê?
11. Qual a relação desta mulher com a sua liberdade?
12. Como você está se sentindo?
13. Falta de foco em relação a quê?
14. Que dificuldades? (...)
15. Estes são exemplos do mesmo tipo de dificuldade?
16. A falta de foco trouxe mais alguma coisa?
17. Com quem você tinha uma relação profunda?
18. O que seria uma relação profunda?
19. O que é ser você mesma?
20. O que este esforço esconde?
21. Como você vem se sentindo?
22. Por que?
23. o que está insuportável na realidade?
24. são as mesmas dificuldades? são o mesmo tipo de dificuldade?
25. E o que isto implica?
26. Qual a diferença?

A seguir, as questões acima foram reunidas em um quadro a partir do tríptico argumentativo meyeriano (retóricas dialética, pragmática e comunicativa):

Quadro 1. Organização das questões presentes no caso Sara.

	questões dialéticas	questões pragmáticas	questões comunicativas
questões externas	—	1, 6, 7, 10, 13, 14, 18, 23, 24	19
questões internas	—	2, 3, 5, 8, 15, 16, 20, 21, 25, 26	4, 9, 11, 12, 17, 22
total de questões	nenhuma questão dialética (0%)	dezenove questões pragmáticas (aprox. 73%)	sete questões comunicativas (aprox. 27%)

Fonte: Elaboração própria.

Para simplificar, chamamos as questões formuladas explicitamente numa sentença interrogativa de **questões externas** (pois surgem de respostas externas, pois externas às respostas que a elas remetem); e chamamos as questões implícitas colocadas pelas respostas indiretas da analisanda de **questões internas** (pois surgem de respostas internas, pois são internas às respostas que não só a ela remetem, mas que, ao serem enunciadas, as colocam).

As **questões dialéticas** – aquelas a que Meyer relaciona à tradição de Aristóteles e que visam estabelecer a veracidade do argumentado – não figuram no esquema acima, isto é, não são mobilizadas no *corpus* constituído a partir do *setting* terapêutico do pesquisador com Sara. As questões que pedem definições conceituais por parte da analisanda já levam em consideração que o falado previamente é verdadeiro; ou seja, ainda que possam se apresentar como questões que demandam uma definição (ex. “o que é este bem que você está sentindo?”), elas partem de um acordo prévio (no caso, a aceitação não debatida, não polemizada, da analisanda estar se sentindo bem), o que as demarca como **pragmáticas**.

Em termos de questões internas, de questões implícitas colocadas por enunciados-resposta, fazemos notar que a situação se equilibra (dez questões pragmáticas, seis questões comunicativas), mas o registro **pragmático** ainda prevalece.

A partir disto, há de se considerar algumas interpretações.

A **primeira interpretação** é a de que a **argumentatividade presente na fala egocêntrica não visa a estabelecer um acordo entre diferentes pontos de vista, mas a caracterização concreta, estética, do que está fora-de-questão**.

Num sentido estrito, esse fora-de-questão, em Meyer, aponta tanto para o seu conceito de enunciado interno (enunciado que responde a uma pergunta não formulada, isto é, uma pergunta que o próprio enunciado coloca) quanto para o de enunciado apocrítico (resolução que encerra e por vezes esconde a questão a que remete). O dogmático, o sagrado (ou o

profano), o tradicional, o burocratizado, o reprimido freudiano, a má-fé sartreana etc. entrariam como exemplos de contextos argumentativos em que **aquilo que se conversa parte de algo já estabelecido sobre o qual não se conversa** – a linguagem como produção de respostas para questões que não foram explicitamente formuladas, que não devem (não há legitimidade) ou não podem (não há recursos) ser formuladas; do contrário, a própria conversação se destruiria, produziria outra dinâmica de fala e de interação que não a dinâmica inicial: o divino se dessacraliza, o tabu perde seu caráter ofensivo e vexatório, a burocracia se torna arbitrariedade, o recalque se elabora.

Dizer que a fronteira é retórica é dizer que “ela se decide noutro lugar” (Meyer, 1998c, p. 150). A linguagem que permanece no plano do fora-de-questão é uma espécie de “linguagem dupla” que nos coloca na presença de “uma retórica que vê as palavras perderem o seu sentido aos poucos, o qual se torna flutuante como os valores ou a realidade que elas abrangem” (Meyer, 1998c, p. 151): nosso personagem Pedro, ao decidir largar o seu emprego problemático, pode ser visto como um desistente, um lamurioso ou um irresponsável por Paulo, mas também como corajoso, honrado, preocupado consigo e com o tipo de atividade na qual se engaja. De um lado, Pedro é modelo do que não devemos fazer; por outro lado, aparece como ideal humano. A fronteira, como dito, é de partida retórica; desvelar as opiniões de Paulo sobre Pedro é desvelar as questões que essas opiniões escondem.

Caracterizar o fora-de-questão é, justo, questioná-lo, seja deliberada seja internamente (por “internamente”, falamos das questões internas, não um devaneio psicológico, não a deliberação íntima e privada por meio da fala interior). Em todo caso, a passagem de uma questão, interna ou externa, para a questão seguinte, isto é, o avanço da fala egocêntrica em direção ao mapeamento da situação a que o discurso toma como problema (aquilo a que Vigotski chama, lembramos, de conceito) parece seguir o seguinte padrão: um conjunto de questões pragmáticas (1, 2, 3), uma questão comunicativa (4), outro conjunto de questões pragmáticas (5, 6, 7, 8), mais uma questão comunicativa (9) etc.

No caso acima exposto, a analisanda diz de si respondendo a questão 4 (**E o que implica pra você estar na posição de amante?**) mas só após ter respondido o que ela sentiu quando descobriu estar se relacionando com um homem comprometido (1), como ela o descobriu (2) e o que implica para alguém, em geral, estar nesta situação (3); a analisanda diz de si, se revela, ao responder a questão 9 (**O que, nisto, te incomoda?**) apenas quando ela descreve o que fez diante da situação (5), quando descreve o bem que está a sentir com sua decisão (6), quando descreve a liberdade sentida com sua decisão (7) e quando estabelece certo conceito geral do que é uma relação, de como uma relação deve ser (8).

Considerando a sequência das questões (internas e externas) e das respostas de Sara no fragmento analisado, temos a seguinte cadeia predicativa que vai de um problema geral, passando pelo mapeamento da questão, pelo deslocamento desta em novas questões e chegando à criação de soluções para elas:

- sentimento de raiva pela descoberta da traição;
- percepção de que a raiva se dá menos pela posição de amante e mais pela manipulação de Oliveira, pela falta de sinceridade dele;
- decisão de não mais vê-lo e sensação de liberdade decorrente desta decisão;
- definição de liberdade como ver-se livre de uma relação descompensada, isto é, uma relação em que ela carrega e constrói a relação sozinha;
- ver-se livre implica ver suas dificuldades em acompanhar as atividades de estágio da faculdade, em quitar algumas contas da empresa e em dar conta de sua carência afetiva;
- percepção de que não são as mesmas dificuldades, em paralelo à percepção de que ela não vem conseguindo ser ela mesma sem esforço, sem cálculo;
- percepção de que a realidade tá insuportável; mais especificamente, descreve as muitas demandas que recebe, e o fato de que é ela que tem de lidar com tais demandas;
- criação de uma distinção das dificuldades: dificuldades que lhe acontecem e dificuldades que ela mesma produz;
- a partir da dificuldade-que-ela-mesma-produz, faz uma nova distinção operacional entre resolução do problema e fuga do problema.

Tomando esta sequência de resoluções produzidas por Sara a partir da fala egocêntrica, a **segunda interpretação** a ser também observada nos próximos dois *corpora* é a de uma suposta estrutura retórica da fala egocêntrica: **a fala egocêntrica parece utilizar de questões e respostas pragmáticas para complexificar o problema a que se submete; parcialmente colocado, o problema demanda certa aprendizagem, certa adaptação e tomada de posição por parte do falante, aprendizagem essa manifesta nas questões e respostas comunicativas.**

Por fim, alguns enunciados da analisanda - a exemplo das respostas às questões 8 (Como uma relação deve ser?), 18 (O que seria uma relação profunda?) e 26 (Qual a diferença? [dos tipos de dificuldade apresentados]) - respondem diretamente a perguntas de definição, perguntas que, noutra conversação, seriam certamente classificadas como **dialéticas** - as perguntas pedem à analisanda que defina coisas e sustente teses, de fato, e

parecem se direcionar a um auditório universal, mas insistimos: no contexto clínico, seja por parte do analista seja por parte da própria analisanda, as sentenças já levam em consideração que o falado previamente é verdadeiro; não há algo em questão ou em disputa *ali*, mas sim a especificação de um conjunto de fatos já dados e aceitos.

Tais sentenças ambíguas - sentenças **pragmáticas** que poderiam ser colocadas no registro retórico **dialético** caso enunciadas em outro contexto e precedidas por enunciados diferentes - são a culminância do conceito científico vigotskiano: é tanto o discurso que nos torna permeáveis à experiência quanto é um modo de se relacionar com a experiência que nos dá este discurso.

Relembramos uma consequência da lei básica da retórica de Meyer: se o enunciado-resposta (r^1) leva a uma outra questão que não a imediatamente remetida pela resposta (q^2), logo a um segundo enunciado-resposta (r^2), então a primeira resposta (r^1) é um argumento para a segunda resposta (r^2) - dizer, diante de um convite ao cinema, que “preciso trabalhar no texto de minha Tese de doutorado” querendo dizer “não” ao convite, é argumentar “não, *pois* preciso trabalhar no texto de minha Tese de doutorado”.

Do mesmo modo que 1, 2 e 3 levam à 4 etc., parece haver uma sequência retórica que leva a 8, 18, e 26, isto é, leva às questões universais, **dialéticas**: seria o discurso que responde às questões 1-7 – salientamos as aspas – “argumentos” para 8?

Aqui, uma **terceira interpretação**, tomando por fundamento a sequência de enunciados pragmáticos e comunicativos que compunham a fala de Sara; embora culmine em enunciados-com-a-aparência-de-dialéticos, **a cadeia predicativa que leva do problema ao conceito que a resolve não parece demandar sentenças dialéticas para operar egocentricamente**. Não estamos de modo algum sustentando que a fala egocêntrica repele sentenças dialéticas, mas apenas que não parece se sustentar nelas – a criança em busca de um brinquedo perdido pode perguntar “onde está o meu carrinho?”, responder logo após com um “já sei, deve estar na caixa de plástico embaixo da cama!” e, ao se dirigir para lá, constatando que estava errada, contrapor-se a si mesma, lançando um “não, não está; eu peguei pra brincar mais cedo”. Embora dialéticas, embora os enunciadores assumam a dinâmica argumentativa clássica ao defenderem diferentes pontos de vista, não seriam estes os enunciados a fazer avançar a fala em seu sentido egocêntrico, resolutivo – ao menos, tomando como base o *corpus* acima analisado.

5.2. O caso Mauro: “Quería só ficar parado sem pensar em nada”.

5.2.1. Descrição geral do segundo corpus analítico

O que segue abaixo é o caso de Mauro, homem-cis de 22 anos. É estudante de Direito, propenso a discussões históricas e filosóficas de seu campo e além. Mauro faz terapia com o analista-autor desta Tese desde Novembro de 2020 na modalidade telepresencial, via Google Meet. Como encomenda inicial, fala do hábito comum em deixar as coisas inacabadas, ou nem começá-las, em razão de um medo extremo de errar – o que chamava, nas primeiras sessões, de **infinito jogo de “e se...?”**. Em 2015, fez cinco meses de terapia com outro profissional, que o diagnosticou com Transtorno Obsessivo Compulsivo. As sessões o fizeram bem, afirma, mas decidiu parar, querendo observar o que lhe produziria a falta da terapia. Notou, entretanto, que vivia preso nesse medo de errar, preso e paralisado a tal ponto que mal se importava consigo mesmo: não deitava para dormir, não tinha hora para comer, o que o mobilizou a, mais uma vez, buscar ajuda clínica.

Em sessões, surgiram duas novas hipóteses diagnósticas tanto a partir do modo de expressão de Mauro (fala ligeira, linguagem rebuscada, múltiplas associações e articulações num mesmo enunciado) quanto a partir de um autodiagnóstico diletante, hipotético, do próprio Mauro: autismo, por um lado; altas habilidades e superdotação, de outro. Em todo caso, o que importa no *setting* é menos a atribuição rotulante de um diagnóstico do que a descrição efetiva dos problemas que esse diagnóstico aponta, concretamente, na vida de Mauro, e a criação de vias de desenvolvimento que o auxiliem na superação destes problemas.

5.2.2. Apresentação textual e gráfica do segundo corpus analítico

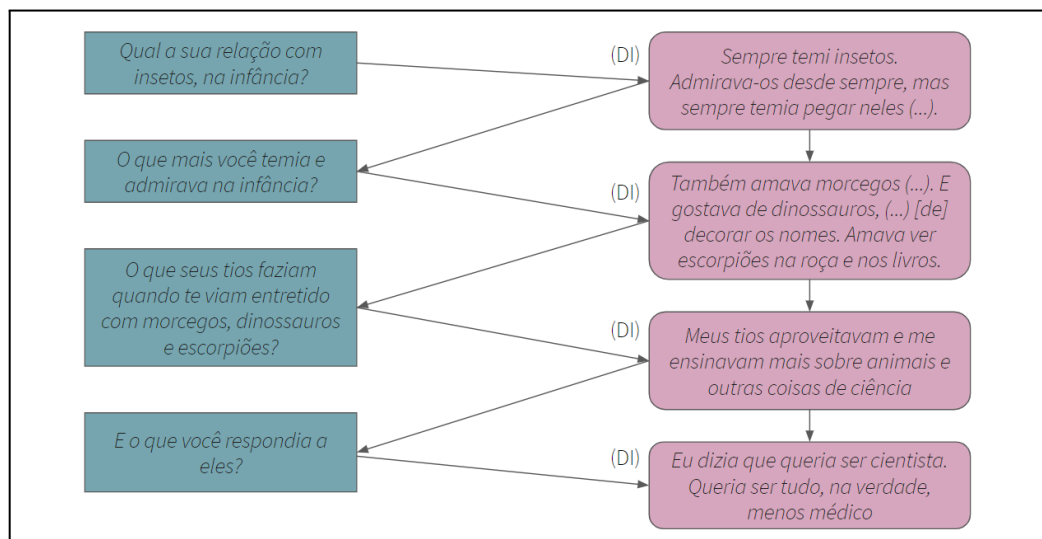
O fragmento de sessão transcrito integralmente nos anexos, e apresentado textual e graficamente logo abaixo, relata uma fala de Mauro em relação a algumas questões gerais colocadas em seção anterior – como a dificuldade em estabelecer um tema para o seu trabalho de conclusão de curso e a constante remissão à infância, uma época em que não experimentava essa paralisia da ação que o caracteriza, hoje. O fragmento selecionado da fala de Sara, analisanda apresentada na subseção 5.1, era dialogal – embora tenha sido a argumentação consigo mesma o alvo da análise; o fragmento abaixo exposto, por sua vez, é inteiramente monologal, isto é, não há nele uma intervenção sequer por parte do analista na conversação que Mauro estabelece consigo mesmo. Este segundo *corpus* se encontra dividido em cinco partes compostas tanto pela exposição verbal de um pedaço do fragmento da sessão gravada quanto pela exibição deste pedaço em esquema gráfico que respeita os critérios

previamente expostos. Após a apresentação textual e gráfica de cada parte, um breve comentário articula a parte verbal à sua versão gráfica, descrevendo as dinâmicas dos enunciados com as questões que respondem e colocam.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Mauro: Parte 1 de 5.

[Sempre temi insetos. Admirava-os desde sempre, mas sempre temia pegar neles. Amava observá-los e nomeá-los e dizer algo sobre eles, mas temia pegá-los do mesmo jeito que temia tocar em animais mortos. Até ver os animais mortos me assustava! Lembro de uma vez que vi uma viúva-negra... Foi fantástico. Eu sabia que era venenosa e por isso nem pensei em tocá-la, e também não tocava de todo jeito por ser um inseto, mas fiquei feliz por vê-la presencialmente. Eu tinha um livro de Ecologia. Sempre ficava morrendo de medo, tomava susto! quando abria numa certa página que tinha uma aranha; e tinha outra página também; era aranha do mar, sei lá]. [Também amava morcegos. Eu era fascinado por eles e adorava ler e reler sobre eles. E gostava de dinossauros, como qualquer criança normal, mas adorava mais era decorar os nomes. Amava ver escorpiões na roça e nos livros. São insetos fantásticos]. [Meus tios aproveitavam e me ensinavam mais sobre animais e outras coisas de ciência]. [Eu dizia que queria ser cientista. Queria ser tudo, na verdade, menos médico].

Figura 8. Primeiro esquema gráfico do caso Mauro.



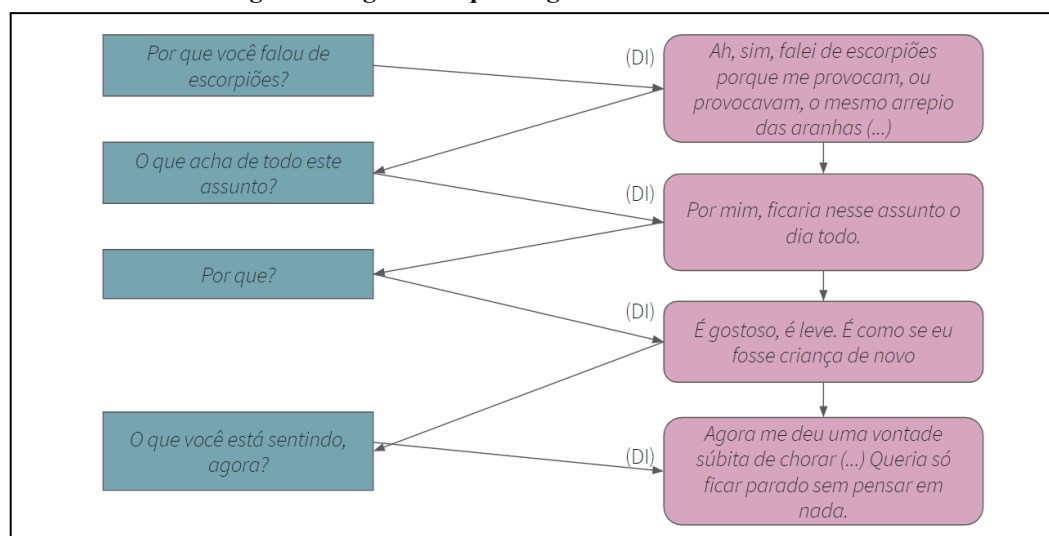
Fonte: Arquivo da pesquisa.

Mauro dispara a falar sobre a sua infância a partir da questão **Qual a sua relação com insetos (...) ?**; ele os admirava (observá-los, nomeá-los), mas os temia (do mesmo modo como temia animais mortos). A partir desta relação ambígua, misto de amor e medo, de temor e admiração, se põe a descrever **O que mais (...) temia e admirava na infância**: morcegos, dinossauros e escorpiões compõem a lista. Neste contexto, lembra de seus tios – mais especificamente, fala como seus tios aproveitavam tais momentos para instruí-lo (resposta à pergunta **O que seus tios faziam quando te viam entretido com morcegos, dinossauros e escorpiões?**). Por fim, coloca (internamente) e responde a pergunta **E o que você respondia a eles?**: à exceção da medicina, a criança Mauro queria (ser) tudo.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Mauro: Parte 2 de 5.

[Ah, sim, falei de escorpiões porque me provocam, ou provocavam, o mesmo arrepio das aranhas. Caranguejos me provocam o mesmo fascínio e medo que as aranhas. Há, no entanto, dois tipos de aranha que não me causam medo, ou três. Duas delas não gosto que matem!] *[Por mim, ficaria nesse assunto o dia todo].* *[É gostoso, é leve. É como se eu fosse criança de novo].* *[Agora me deu uma vontade súbita de chorar... Minha mente esvaziou. Estou feliz. Queria só ficar parado sem pensar em nada].*

Figura 9. Segundo esquema gráfico do caso Mauro.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

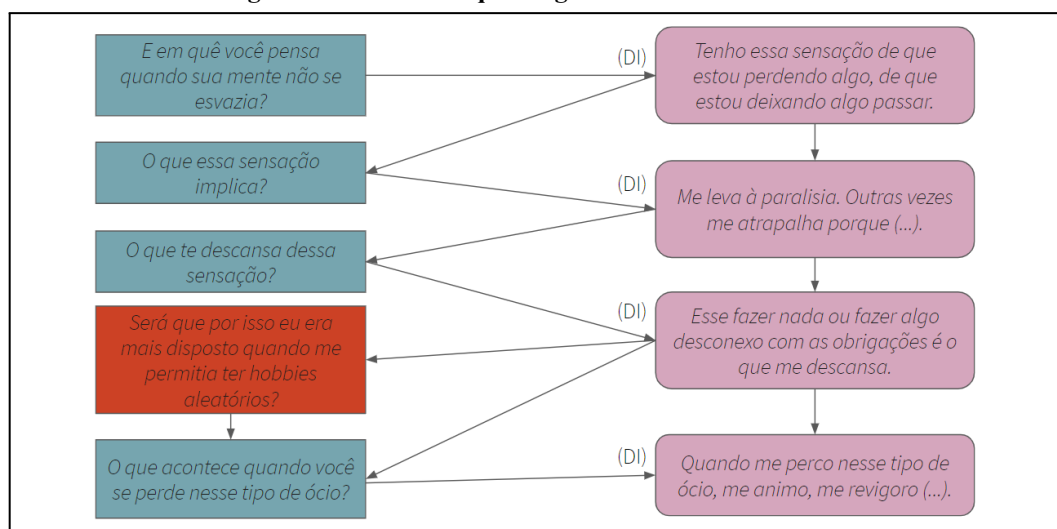
Em seguida, a pergunta interna **Por que você falou de escorpiões?**. O analisando justifica ter falado de escorpiões – como se justificasse ter mudado de assunto – devido à

semelhança entre as duas pautas: escorpiões, assim como aranhas, são objeto de fascínio mas também de medo. Falar de insetos é tema que lhe agrada (falaria sobre insetos “o dia todo”, resposta a **O que acha de todo este assunto?**), pois é pauta que o remete à leveza de ser criança (resposta a **Por que?**). Falar do tema que lhe agrada e da remissão à infância que esse tema promove o leva a colocar a questão **O que você está sentindo, agora?**: vontade de chorar, mente esvaziada, felicidade, desejo de nada-mais-fazer e nada-mais-pensar.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Mauro: Parte 3 de 5.

[Tenho essa sensação de que estou perdendo algo, de que estou deixando algo passar]. [Me leva à paralisia. Outras vezes me atrapalha porque vai me roubando a atenção e me impedindo de me fixar no presente ou numa tarefa definida]. [Esse fazer nada ou fazer algo desconexo com as obrigações é o que me descansa]. [Será que por isso eu era mais disposto quando me permitia ter hobbies aleatórios?] [Quando me perco nesse tipo de ócio, me animo, me revigoro, e sinto uma potência e sonhos brotarem de mim. Às vezes é tão intensa essa potência que me paralisa, pois tenho uma tempestade de ideias. Ai só sinto vontade de andar de um lado para o outro – fazia muito isso. Outras vezes quero ficar quieto e olhar para o horizonte quando isso acontece].

Figura 10. Terceiro esquema gráfico do caso Mauro.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

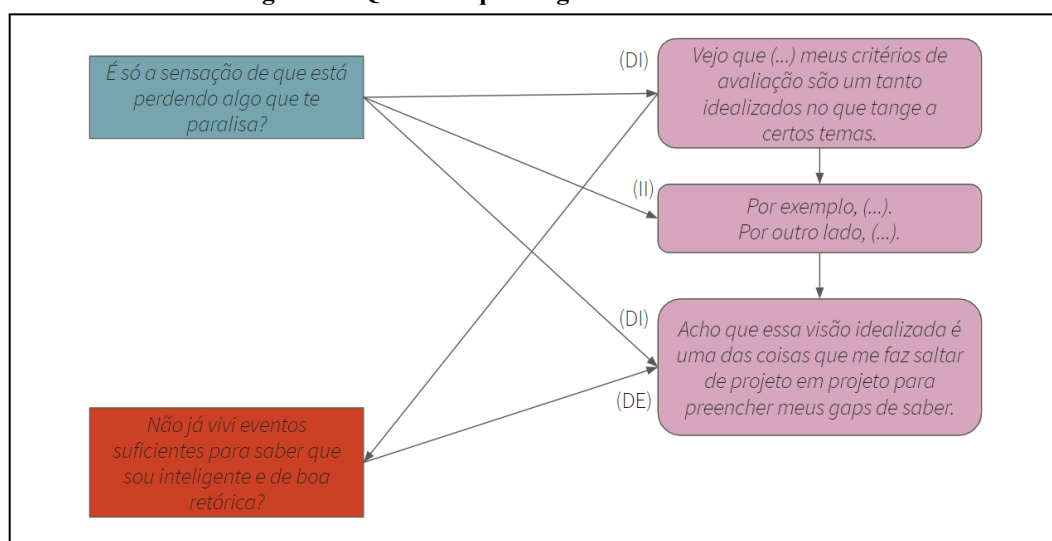
E em quê você pensa quando sua mente não se esvazia? é a questão colocada por Mauro ao falar que sente estar perdendo algo, deixando algo passar, sensação que o paralisa, rouba a sua atenção, o impede de realizar tarefas (aqui, coloca e responde a questão **O que**

essa sensação implica?). Fazer nada, desobrigar-se, é o que o **descansa dessa sensação**. Em seguida, apercebe-se: **Será que por isso eu era mais disposto quando me permitia ter hobbies aleatórios?**, questão externa à qual não responde diretamente, mas que parece representar certa compreensão de Mauro de seu próprio desenvolvimento. Tal questão externa leva a outra questão, interna (**O que acontece quando você se perde nesse tipo de ócio?**), posta ao enunciador que se anima, se revigora, se potencializa no hobby aleatório – uma potência tal que, assim como a sensação de perder algo, também o paralisa.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Mauro: Parte 4 de 5.

[Vejo que não é só a sensação de que estou perdendo algo que me paralisa. Eu percebi novamente essa semana que meus critérios de avaliação são um tanto idealizados no que tange a certos temas. Por exemplo, sempre acho que alguém que faz atendimento jurídico ao público é uma pessoa extremamente competente e que tem todo o conhecimento sobre o assunto em questão. Por outro lado, fico me achando incapaz de exercer uma função pública por causa dos meus gaps de conhecimento e chego a pensar que me falta retórica]. Contudo, não já vivi eventos suficientes para saber que sou inteligente e de boa retórica? [Acho que essa visão idealizada é uma das coisas que me faz saltar de projeto em projeto para preencher meus gaps de saber].

Figura 11. Quarto esquema gráfico do caso Mauro.



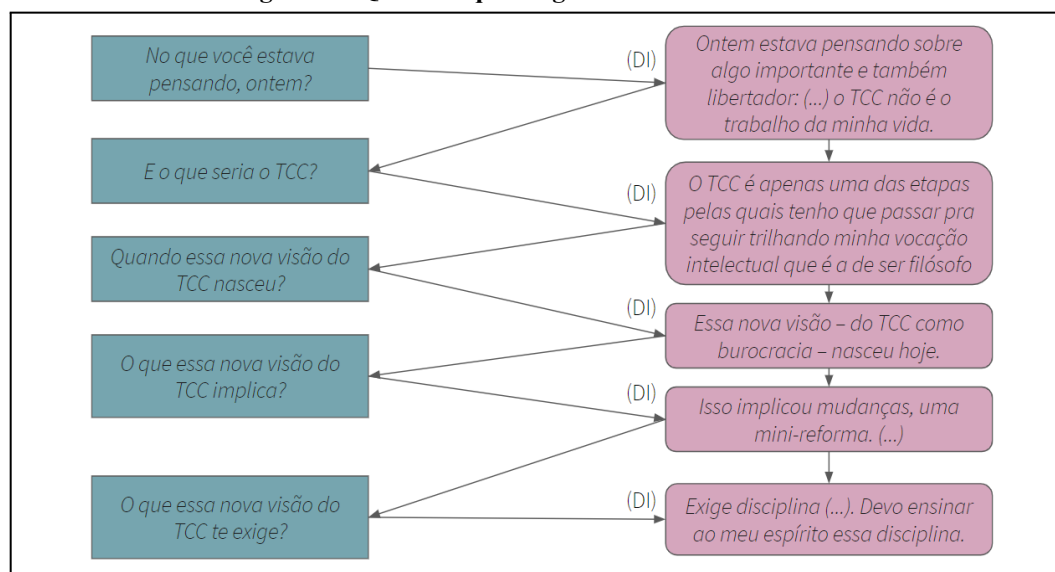
Fonte: Arquivo da pesquisa.

O analisando é paralisado pela sensação de que está perdendo algo, mas também por seus próprios critérios de avaliação que o fazem julgar-se incapaz, cheio de *gaps*. Mauro, ao falar de sua “visão idealizada”, isto é, daquilo que o faz “saltar de projeto em projeto”, enuncia tanto uma resposta interna à pergunta **É só a sensação de que está perdendo algo que te paralisa?** quanto uma resposta externa à afirmação de ser **inteligente e de boa retórica** em forma de pergunta. Conclui articulando a paralisia da qual se queixa com o movimento de saltar de projeto em projeto.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Mauro: Parte 5 de 5.

[Ontem estava pensando sobre algo importante e também libertador: nenhum debate é o debate da minha vida, o TCC não é o trabalho da minha vida. Em suma, nenhum trabalho é o meu trabalho de toda uma vida]. [O TCC é apenas um trabalho qualquer, é só um trabalho, não minha vocação ou chamado. O TCC é apenas uma das etapas pelas quais tenho que passar pra seguir trilhando minha vocação intelectual que é a de ser filósofo. E o TCC é mero passo e procedimento burocrático]. [Essa nova visão – do TCC como burocracia – nasceu hoje]. [Isso implicou mudanças, uma mini-reforma. Hoje, a minha leitura de um texto de Ricoeur foi mais pragmática, sem muito esforço. Quero dizer que não tive dificuldades nem resistência que me impedisse ou atrapalhasse dizer: “isso serve para o TCC”, “isso não serve para o TCC”. Foi mais natural e mais pragmática a leitura, mas sem que eu renunciasse ao olhar crítico e sem que me fizesse proceder a uma leitura desleixada. Embora eu tenha percebido se tratar de uma burocracia acadêmica, ela não é uma tola burocracia]. [Exige disciplina, afinal é um trabalho acadêmico. Então devo superar o hábito de evitá-lo e de protelar o manejo dessa tarefa. Afinal, assim como o corpo tem a memória-hábito, o espírito também o tem. Seria a virtude?. Devo ensinar ao meu espírito essa disciplina].

Figura 12. Quinto esquema gráfico do caso Mauro.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Na parte final do fragmento analisado, Mauro chega à conclusão de que nenhum trabalho – concretamente, fala de seu trabalho de conclusão de curso – é o trabalho de sua vida. Ao dizê-lo, responde à pergunta interna **No que você estava pensando, ontem?**. Ao deslocar a centralidade do TCC em sua vida, abre margens para a pergunta seguinte, também indireta, sobre **o que seria o TCC?**. O TCC é só um trabalho, responde, mas não um trabalho qualquer; não é sua vocação, mas é o meio pelo qual trilha sua vocação (a filosofia), percepção essa concebida no próprio dia da sessão (e, ao ser enunciada, responde a questão indireta **Quando essa nova visão do TCC nasceu?**). O fragmento se encerra com Mauro postulando internamente duas outras questões: a questão **O que essa nova visão do TCC implica?**, questão que encaminha ao falar da minirreforma operada, por exemplo, no modo como se propõe a agora ler um texto (uma leitura pragmática, operacional, relacionada às demandas concretas de sua tarefa, ao mesmo tempo em que tal leitura não implica renúncia da criticidade nem implica desleixo; e a questão **O que essa nova visão do TCC te exige?**, ao tratar de disciplina e virtude.

5.2.3. Identificação dos tipos de questão e análise argumentativa do corpus

Elencamos 20 questões a que os enunciados de Mauro remetem. Das 20 questões, apenas duas são formulações interrogativas explícitas (ambas formuladas pelo próprio analisando, discriminadas abaixo na cor **vermelha**), sendo todas as 18 questões restantes aquelas colocadas por enunciados indiretos (discriminadas abaixo na cor **azul**). São elas:

1. Qual a sua relação com insetos, na infância?
2. O que mais você temia e admirava na infância?
3. O que seus tios faziam quando te viam entretido com morcegos, dinossauros e escorpiões?
4. E o que você respondia a eles?
5. Por que você falou de escorpiões?
6. O que acha de todo este assunto?
7. Por que?
8. O que você está sentindo, agora?
9. E em quê você pensa quando sua mente não se esvazia?
10. O que essa sensação implica?
11. O que te descansa dessa sensação?
12. Será que por isso eu era mais disposto quando me permitia ter hobbies aleatórios?
13. O que acontece quando você se perde nesse tipo de ócio?
14. É só a sensação de que está perdendo algo que te paralisa?
15. Não já vivi eventos suficientes para saber que sou inteligente e de boa retórica?
16. No que você estava pensando, ontem?
17. E o que seria o TCC?
18. Quando essa nova visão do TCC nasceu?
19. O que essa nova visão do TCC implica?
20. O que essa nova visão do TCC te exige?

A seguir, um quadro organiza as questões acima a partir do tríptico argumentativo de Meyer:

Quadro 2. Organização das questões presentes no caso Mauro.

	questões dialéticas	questões pragmáticas	questões comunicativas
questões externas	—	12	15
questões internas	—	1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 18, 19	6, 8, 20
total de questões	nenhuma questão dialética (0%)	dezesesseis questões pragmáticas (80%)	quatro questões comunicativas (20%)

Fonte: Elaboração própria.

Relembramos: o que na tabela chamamos de **questões externas** são as questões num sentido tradicional, isto é, são as questões formuladas explicitamente numa sentença interrogativa; e chamamos de **questões internas** as questões implícitas colocadas pelas respostas internas dos analisandos – no caso, pelas respostas de Mauro.

Os dados acima apresentados repetem o padrão encontrado na análise da fala egocêntrica de Sara: há também aqui um privilégio (ainda maior) das questões pragmáticas, aparição pontual das questões comunicativas e ausência total de questões dialéticas. A partir daí, gostaríamos de trazer as três interpretações formuladas na análise da fala de Sara visando aplicá-las e discuti-las no contexto da fala de Mauro.

A **primeira interpretação** consistia no tipo de argumentatividade presente na fala egocêntrica. Observamos que a argumentação presente na interlocução do sujeito consigo mesmo em fala egocêntrica não tinha como fim o acordo, a produção de um consenso, mas a caracterização do que está fora-de-questão – no sentido daquilo que já é aceito por todos os enunciadores da conversação e no sentido da descrição de um problema não explicitamente formulado. Mesmo inteiramente monologal, a fala de Mauro caracteriza-se como pragmática, isto é, os enunciadores presentes em seus enunciados operam no sentido de qualificar e especificar a fala uns dos outros, o que já nos leva a corroborar a segunda interpretação da fala de Sara: a fala egocêntrica utiliza de questões e respostas pragmáticas para complexificar o problema geral a que se submete – sendo a aprendizagem, a adaptação e a tomada de posição do falante manifestas em questões e respostas comunicativas.

Das 20 questões extraídas dos enunciados de Mauro, 16 são questões pragmáticas, sendo as 4 restantes classificadas como comunicativas: 6. **O que acha de todo este assunto?**, 8. **O que você está sentindo, agora?**, 15. **Não já vivi eventos suficientes para saber que sou**

inteligente e de boa retórica? e 20. O que essa nova visão do TCC te exige? Assim como no caso de Sara, estas questões parecem servir de paragens, de placas de sinalização que indicam momentos críticos na fala egocêntrica apresentada, isto é, momentos em que Mauro assume uma nova postura em relação ao problema que o põe a falar.

Considerando essa sequência das questões comunicativas, as demais questões (internas e externas) presentes na e oriundas das respostas de Mauro no fragmento que analisamos, temos a seguinte cadeia predicativa que vai de um problema geral, ao mapeamento da questão, ao deslocamento desta em novas questões e à criação de soluções para as mesmas:

- descrição de elementos de sua infância cuja lembrança o agrada, como o temor e a admiração por insetos; ser ensinado, pelos seus tios, sobre animais e ciência em geral; o desejo de ser cientista – ou de ser tudo (menos médico);
- grande emoção decorrente dessa lembrança;
- percepção de que a lembrança lhe produziu esvaziamento mental, felicidade e o desejo de “só ficar parado sem pensar em nada”;
- descrição da paralisia como “sensação de que está perdendo algo”;
- sentir que está perdendo algo implica um impedimento da fixação no presente;
- percebe-se mais disposto quando se permitia ter hobbies aleatórios;
- percepção de que o hobby o revigora mas, assim como a sensação de estar perdendo algo, também pode paralisá-lo;
- percepção de que, no hobby ou na atividade cotidiana geral, não conseguir gerenciar o excesso de ideias e de vontades é a fonte de paralisia;
- percepção de que critérios de avaliação idealizados também o paralisam;
- implicação de uma nova relação com o TCC, objeto de idealização;
- produção de uma nova concepção do TCC, menos a obra-de-uma-vida e mais o meio-pelo-qual atinge sua vocação filosófica.

A partir desta sequência, reavivamos a hipótese de que a cadeia predicativa que leva do problema ao conceito que a resolve é uma sequência de enunciados pragmáticos que culminam em enunciados comunicativos; estas sequências, por sua vez, culminariam em enunciados pragmáticos com a “aparência” de dialéticos, mas dispensariam a existência de enunciados dialéticos – o que, aqui, se vê parcialmente: por exemplo, a constatação e a expressão de que passaria o dia todo falando de sua infância (resposta à questão 6) só vem depois de estabelecer a relação de temor e admiração que possuía com insetos, morcegos e

outros animais (resposta às questões 1, 2 e 5), a instrução que recebia dos tios em assuntos científicos (resposta à questão 3) e o interesse despertado em ser, dentre uma infinidade de outras coisas, cientista (resposta à questão 4); isto é, há de fato confirmação da sequência [respostas pragmáticas] → [resposta comunicativa]; e, embora não haja nenhum enunciado dialético no caso de Mauro, assim como no caso de Sara, há uma carência até mesmo de enunciados que “se pareçam” com enunciados dialéticos (como pedidos de definição conceitual, contraposições, indicações de petição de princípio, negativas etc.).

No caso de Mauro, há uma única sentença que cumpre este critério: a sentença 17. **E o que seria o TCC?** Em isolado, consiste numa pergunta padrão, universalista, numa demanda pelo estabelecimento do que definiria, enfim, um trabalho de conclusão de curso. No contexto da conversação entre os enunciadorees que compõem a fala egocêntrica de Mauro, porém, tal sentença não se opõe à cadeia de enunciados que a antecede – ao contrário, prolonga o seu fluxo de sair de um problema geral a um conjunto de respostas que o solucione (a percepção de Mauro de que critérios de avaliação idealizados o paralisam, implicando uma nova relação dele com o TCC).

A fala egocêntrica, em Sara e em Mauro, não depende de enunciados dialéticos – insistimos, não necessariamente a fala egocêntrica repeliria enunciados desta natureza, mas apenas que, nos casos analisados, ela não cumpre este papel.

5.3. O caso Zelda: “Não quero isso para mim, nem para nós dois”

5.3.1. Descrição geral do terceiro corpus analítico

Segue o caso de Zelda, mulher-cis de 19 anos. Zelda é analisanda do autor da presente Tese desde Agosto de 2023 na modalidade telepresencial, via Google Meet. Sua encomenda inicial consistiu na demanda de fala de diversos sonhos vívidos que vinha tendo, sonhos estes em que, mesmo bastante distintos, sempre se via perseguida e acuada, e que a impediam de dormir bem. Em paralelo ao tema dos sonhos, discutimos sua relação com o trabalho (exerce um trabalho que já a fez chorar só ao pensar nele, só ao pensar em ir trabalhar), seu engajamento em um curso acadêmico (embora goste das disciplinas que cursa, não se vê exercendo a profissão), suas fobias (tem medo de se ver sozinha num lugar fechado, como uma sala sem janelas) e sua relação amorosa (problemática e estagnada, seja pelo companheiro, seja pela família dele).

O medo-de-não-conseguir-sair foi a chave de leitura construída em sessão para todas essas queixas: de um pesadelo em que se vê acossada por um bando de animais, ao exercício de um trabalho que não gosta para pagar o curso universitário que não se vê trabalhando, passando pelo sentimento de infantilização que experimenta ao mentir para os pais do namorado sempre que desejam sair de casa sozinhos e pela crise de pânico disparada por um elevador travado, temos aí um sujeito, Zelda, que vivencia de diversas maneiras, que expressa por diversos meios, a recusa em estar num lugar do qual não conseguiria escapar.

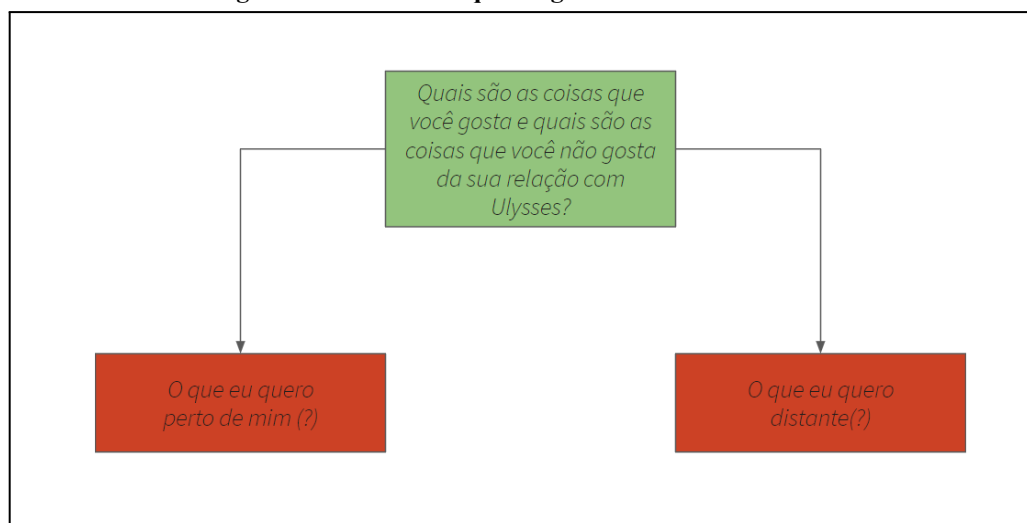
5.3.2. *Apresentação textual e gráfica do terceiro corpus analítico*

O fragmento selecionado da fala de Zelda – transcrito integralmente nos anexos, e apresentado textual e graficamente logo abaixo – encontra-se numa espécie de meio termo aos fragmentos de Sara e de Mauro: o primeiro *corpus* é dialogal, registrando uma conversação entre a analisanda Sara e seu analista (embora o foco da análise, reforçamos, não tenha sido a interação analista-analisanda); o segundo *corpus* é monologal, não havendo nele intervenções por parte do analista nas locuções enunciadas por Mauro; já o que segue abaixo é a resposta de Zelda a uma única pergunta lançada pelo seu analista a respeito de seu relacionamento com Ulysses, seu namorado. A partir desta resposta única da analisanda, podemos vislumbrar a seguinte curiosidade problematológica: numa conversação habitual, um locutor pergunta algo e seu alocutário lhe responde; se a questão inicial já foi respondida, por que o sujeito-que-responde continua a falar? Continua a falar pois responde questões que a sua própria fala coloca, remete. Este terceiro *corpus* se encontra dividido em seis partes compostas tanto pela exposição verbal de um pedaço do fragmento da sessão gravada quanto pela exibição deste pedaço em esquema gráfico que respeita os critérios previamente expostos. Após a apresentação textual e gráfica de cada parte, um breve comentário articula a parte verbal à sua versão gráfica, descrevendo as dinâmicas dos enunciados com as questões que respondem e colocam.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Zelda: Parte 1 de 6.

Quais são as coisas que você gosta e quais são as coisas que você não gosta da sua relação com Ulysses?

Figura 13. Primeiro esquema gráfico do caso Zelda.



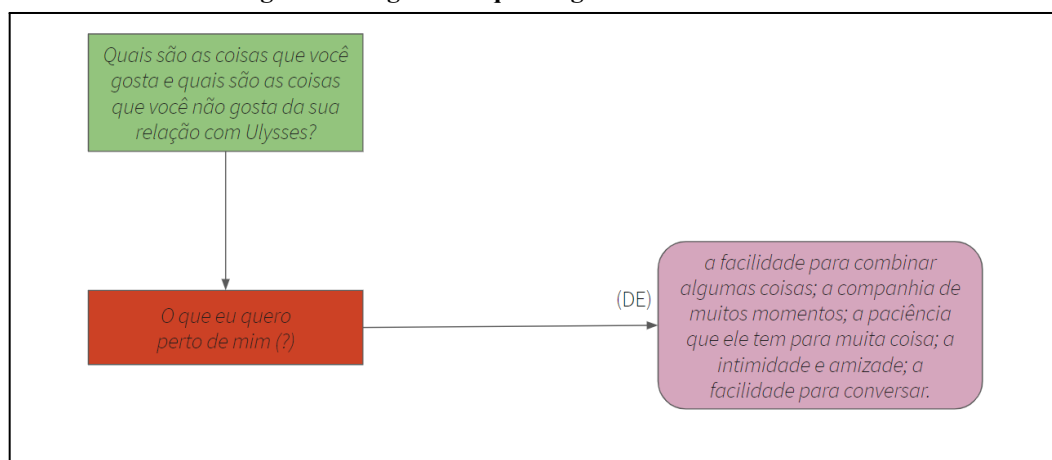
Fonte: Arquivo da pesquisa.

O esquema gráfico acima visa a explicitar que, no correr da fala de Zelda, a questão inicialmente formulada pelo analista é tornada, pela analisanda, duas outras questões. **Saber como nosso interlocutor se apropria e o que ele entende de nossa pergunta** (dimensão psicológica) é, no limite, **identificar que pergunta ele está a responder com seu enunciado** (dimensão linguística, problematológica). Questionada sobre o que **gosta** e o que **não gosta** no seu relacionamento, Zelda responde sobre o que **quer perto** e o que **quer distante** dela.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Zelda: Parte 2 de 6.

O que eu quero perto de mim (?): [a facilidade para combinar algumas coisas; a companhia de muitos momentos; a paciência que ele tem para muita coisa; a intimidade e amizade; a facilidade para conversar].

Figura 14. Segundo esquema gráfico do caso Zelda.



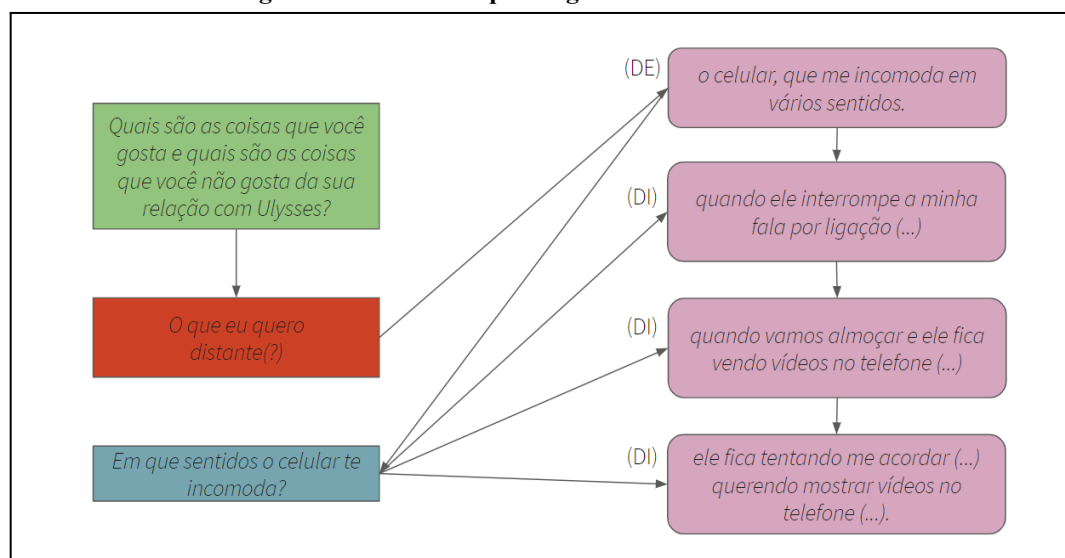
Fonte: Arquivo da pesquisa.

Acima, outro esquema gráfico simplificado. Dividida em duas partes (o que quer perto, o que quer distante de si), sua resposta à questão **Quais são as coisas que você gosta e quais são as coisas que você não gosta da sua relação com Ulysses?** – tornada inicialmente a questão **O que eu quero perto de mim?** – é direta e objetiva: lista uma série de aspectos de Ulysses e de seu relacionamento com ele que a agradam. A partir daqui, fazemos notar que a questão acerca do querer-perto se encerra, dando lugar à sua contraparte.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Zelda: Parte 3 de 6.

O que eu quero distante (?): [o celular, que me incomoda em vários sentidos]: [quando ele interrompe a minha fala por ligação para falar sobre alguma coisa que viu no Instagram - muitas vezes nem prestou atenção ao que eu estava dizendo, e geralmente entra em outro assunto, e o meu fica para trás; quando vamos almoçar e ele fica vendo vídeos no telefone antes de o almoço vir; falta de respeito com o meu cansaço e com o meu pedido de silêncio pelas manhãs: eu peço para ele fazer silêncio, porque eu estou com sono e cansada, e ele fica tentando me acordar toda hora, querendo mostrar vídeos no telefone, de novo!];

Figura 15. Terceiro esquema gráfico do caso Zelda.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

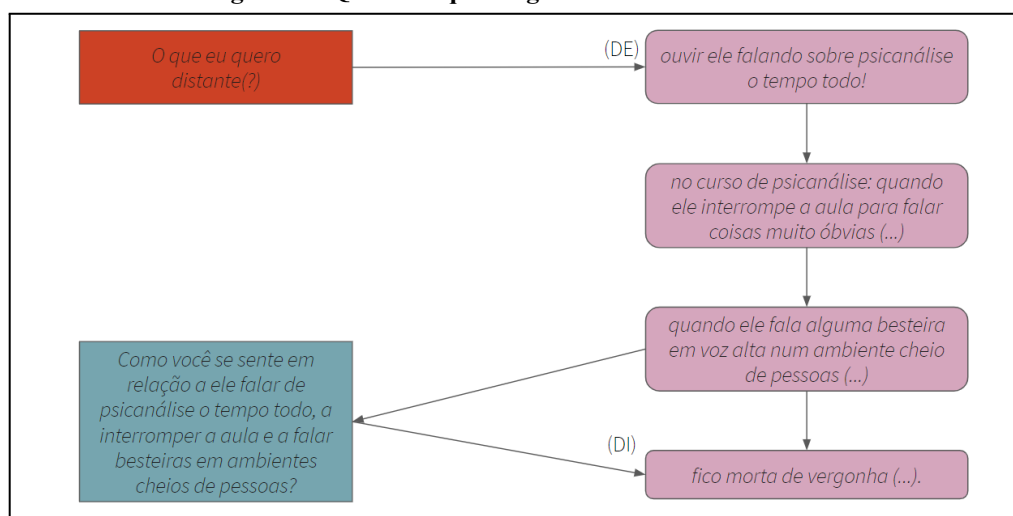
É na questão direta **O que eu quero distante?**, formulada explicitamente pela própria analisanda, que a sua fala ganha um aspecto egocêntrico, predicativo. Tanto esse quanto os próximos esquemas gráficos apresentam enunciados que respondem à questão acima,

remetendo diretamente a ela mas, principalmente, a outras questões internas que sua fala coloca. Seja o analista de Zelda, seja o leitor desta Tese, o ouvinte-leitor da fala da analisanda percebe intuitivamente que o não-gostar tem um aspecto mais importante em sua fala que o gostar, o querer-perto; em termos analíticos, poderíamos afirmar: **saber a importância dada pelo locutor aos diversos elementos de sua fala** (dimensão psicológica) ou, noutros termos, definir um elemento da fala como mais rico e complexo que os demais elementos é **identificar que elementos dessa fala remetem a mais problemas, colocam mais problemas** (dimensão linguística, problematológica). Já aí, vemos Zelda falando não só do celular como coisa que quer distante, mas passa a responder também a pergunta **Em que sentidos o celular te incomoda?** (interrupção de sua fala, não ser alvo de atenção, o almoço silencioso, a desconsideração de seu cansaço, a insistência de Ulysses em mostrar-lhe vídeos).

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Zelda: Parte 4 de 6.

[ouvir ele falando sobre psicanálise o tempo todo!; no curso de psicanálise: quando ele interrompe a aula para falar coisas muito óbvias e demora, atrasando a leitura do texto do dia; quando ele fala alguma besteira em voz alta num ambiente cheio de pessoas: situação que já aconteceu algumas vezes na livraria: ele falar em voz alta alguma coisa sobre outras crenças, outras religiões, ou criticar algum tipo de livro perto de pessoas, e aí olharem para ele e ficarem com cara de quem acha alguém mal educado], e [eu, em todas as vezes, fico morta de vergonha];

Figura 16. Quarto esquema gráfico do caso Zelda.



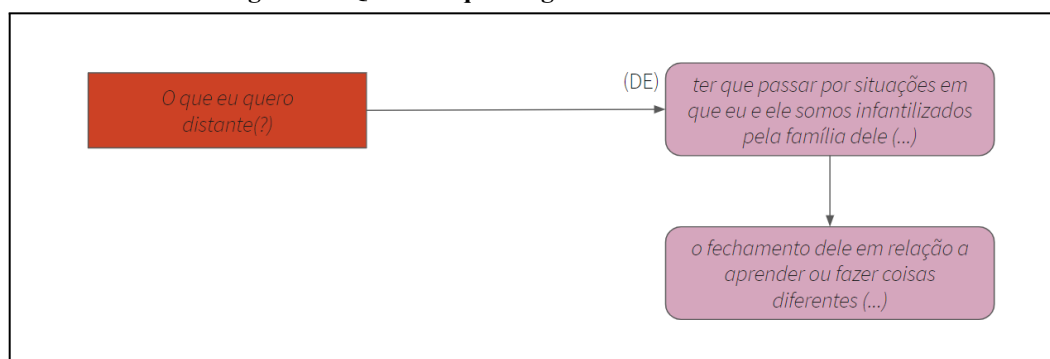
Fonte: Arquivo da pesquisa.

A questão **O que eu quero distante?** continua produzindo suas respostas (a psicanálise como tema recorrente das conversas, as interrupções de uma aula que Zelda e Ulysses tomam juntos, a besteira enunciada num ambiente com outras pessoas) mas também deriva na nova questão **Como você se sente em relação a ele falar de psicanálise o tempo todo, a interromper a aula e a falar besteiras em ambientes cheios de pessoas?**, colocada por Zelda ao falar da vergonha que sente com esses comportamentos do namorado.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Zelda: Parte 5 de 6.

[ter que passar por situações em que eu e ele somos infantilizados pela família dele, ter que ouvir as brincadeiras dos cunhados, muitas vezes relacionadas à sexo ou à ideia deles de que eu mando em Ulysses; o fechamento dele em relação a aprender ou fazer coisas diferentes: ler um livro juntos, assistir um filme que não seja dublado, aprender uma língua nova juntos...]

Figura 17. Quinto esquema gráfico do caso Zelda.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

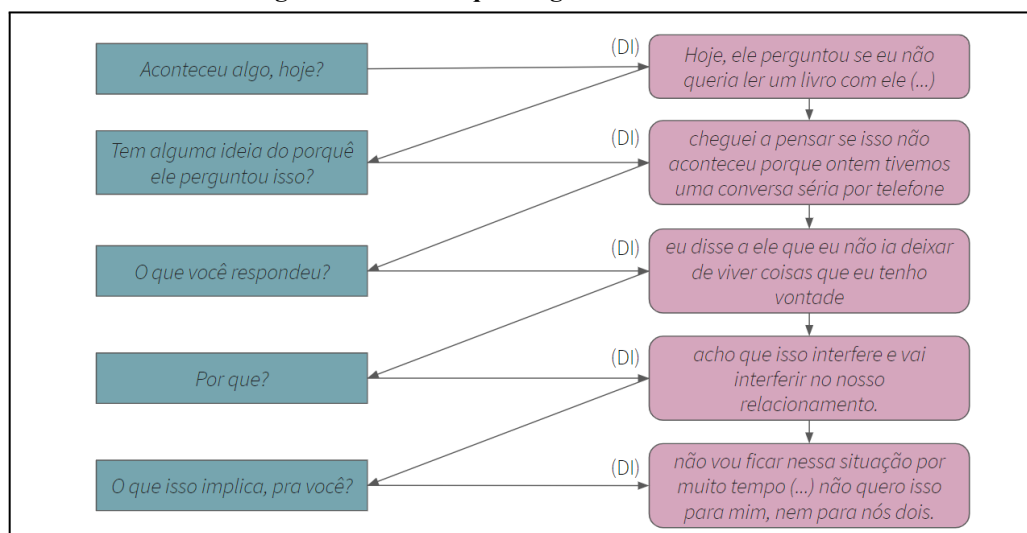
À pergunta externa inicialmente colocada (**O que eu quero distante?**), Zelda prossegue: fala da infantilização sofrida pelos pais de Ulysses, assim como do fechamento de Ulysses em relação ao novo, ao diferente.

A seguir, encontra-se a apresentação textual do caso Zelda: Parte 6 de 6.

[Hoje, ele perguntou se eu não queria ler um livro com ele], mas [cheguei a pensar se isso não aconteceu porque ontem tivemos uma conversa séria por telefone], e [eu disse a ele que eu não ia deixar de viver coisas que eu tenho

vontade por causa dos pais dele, disse que eu não ia passar por isso por mais tantos anos]e que [acho que isso interfere e vai interferir no nosso relacionamento]. Disse que [não vou ficar nessa situação por muito tempo] e que [não quero isso para mim, nem para nós dois].

Figura 18. Sexto esquema gráfico do caso Zelda.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Nesta parte final do fragmento da sessão, vemos Zelda utilizar sua fala para instaurar, de maneira interna, todo um novo conjunto de questões. **Aconteceu algo, hoje?** é a pergunta que podemos extrair de sua fala sobre o convite de Ulysses para ler um livro; responde à pergunta **Tem alguma ideia do porquê ele perguntou isso?** ao comentar de sua hipótese sobre o porquê dele ter feito este gesto – a conversa que tiveram por telefone; coloca e responde a pergunta **O que você respondeu?** ao trazer o que disse a ele nessa conversa; e, ao comentar sobre a interferência dessa dinâmica no relacionamento dos dois, coloca a questão **Por que?** do dito. Encerrando sua fala, afirma não deseja estar nesse lugar por muito tempo (respondendo a questão **O que isso implica, pra você?**).

5.3.3. Identificação dos tipos de questão e análise argumentativa do corpus

No fragmento acima, foram extraídas dez questões distintas a que os enunciados de Zelda remetem. Destas dez questões, três são formulações interrogativas explícitas (sendo uma questão formulada pelo analista, discriminada abaixo na cor verde, e duas questões formuladas pela própria Zelda – numa derivação retórica da questão do analista e

discriminadas na cor vermelha) e sete são questões colocadas por enunciados indiretos (discriminadas pela cor azul). São elas:

1. Quais são as coisas que você gosta e quais são as coisas que você não gosta da sua relação com Ulysses?
2. O que eu quero perto de mim?
3. O que eu quero distante?
4. Em que sentidos o celular te incomoda?
5. Como você se sente em relação a ele falar de psicanálise o tempo todo, a interromper a aula e a falar besteiras em ambientes cheios de pessoas?
6. Aconteceu algo, hoje?
7. Tem alguma ideia do porquê ele perguntou isso?
8. O que você respondeu?
9. Por que?
10. O que isso implica, pra você?

A seguir, vai nossa tabela a categorizar as questões acima listadas em dialéticas, pragmáticas ou comunicativas, sendo os problemas formulados explicitamente chamados de questões externas, e os problemas indiretos aos quais os enunciados remetem internamente de questões internas:

Quadro 3. organização das questões presentes no caso Zelda.

	questões dialéticas	questões pragmáticas	questões comunicativas
questões externas	—	1	2, 3
questões internas	—	4, 6, 7, 8, 9	5, 10
total de questões	nenhuma questão dialética (0%)	seis questões pragmáticas (60%)	quatro questões comunicativas (40%)

Fonte: Elaboração própria.

A primeira interpretação colocada quando da análise do caso de Sara consistia no caráter da argumentação presente na fala egocêntrica; apontamos que a fala egocêntrica, argumentativa, não tem como objetivo primário o estabelecimento de um acordo entre

diferentes enunciadores que se confrontam (privilégio da argumentação dialética), mas na caracterização estética das questões diretas ou indiretas a que os argumentos remetem (privilégio da argumentação pragmática). A partir da tabela acima, sustentamos sem muita dificuldade este ponto – pacífico tanto na análise da fala de Zelda quanto na análise das falas de Sara e Mauro.

Embora menos extenso que os casos de Sara e Mauro, o caso de Zelda apresenta uma dificuldade de análise particular.

Como dito, o exemplo, a ilustração, o modelo etc. que prolongam um enunciado compõem, com este, a mesma resposta, visto remeterem ao mesmo problema: Pedro pergunta “O barzinho perto de sua casa é bom?”; Paulo responde “Estive lá semana passada e tava muito cheio”. Ao falar da lotação do bar, Paulo está retoricamente respondendo “Não!” para o convite de Pedro; se Paulo dissesse “Não, pois estive lá semana passada...”, estaria argumentando, sendo sua remissão à semana passada um prolongamento da negativa, um prolongamento da resposta direta ao questionamento de Pedro.

Há de se atentar, porém, se o exemplo dado não estaria a colocar uma outra resposta, um outro *r*, visto remeter a uma questão interna que o próprio enunciado coloca, e não à questão explicitamente formulada a que o exemplo sucede.

O caso de Zelda pode ser considerado um caso de pergunta (externa) única – no sentido de que todas as respostas remetem ao mesmo problema disparador do que Zelda gosta ou não gosta em sua relação com Ulysses. No entanto, desta pergunta inicial, Zelda deriva, retoricamente, duas outras questões; equivale gostar a querer-perto e não-gostar a querer-distante, seja das coisas que gostaria de afastar, de separar, de Ulysses, seja das coisas que ela mesma gostaria de se afastar – em termos problematológicos, à pergunta do que gosta e do que não gosta, Zelda responde como se se tratasse de outra pergunta, responde e explicita em uma nova pergunta as respostas que são enunciadas: o-que-gosta torna-se o-que-querer-perto; o-que-não-gosta torna-se o-que-querer-distante. Como já dito, o modo como o interlocutor responde indica como ele entendeu a pergunta, isto é, indica qual a pergunta à qual a sua resposta remete.

Um ponto inicial a ser considerado consiste no privilégio dado, por Zelda, ao não-gostar/querer-distante: esta dimensão de sua fala, mais rica, remete a mais problemas, coloca mais problemas, que os enunciados que tratam do gostar/querer-perto. Zelda não passa de um exemplo a outro para o mesmo caso, de um elemento a outro para o mesmo conjunto (o que ocorre em sua resposta à pergunta do que gosta/quer-junto), mas coloca, ao trazer novos exemplos do que não gosta em sua relação com Ulysses, novas questões.

Abaixo, a cadeia predicativa construída a partir da fala de Zelda:

- entende gostar como querer-perto, e não gostar como querer-distante;
- o celular como aquilo-que-quer-distante: i. quando, em ligações, Ulysses interrompe a fala de Zelda para falar sobre algo que viu no Instagram – não prestando atenção ao que Zelda estava dizendo, deixando o assunto dela para trás; ii. quando, em refeições, Ulysses fica vendo vídeos no telefone; iii. quanto, pelas manhãs, Ulysses tenta acordá-la para mostrar vídeos no telefone – lido por Zelda como falta de respeito com o seu cansaço;
- do celular ao ouvir em geral: ouvir ele falando dos mesmos assuntos o tempo todo é algo que também quer-distante – na fala de Zelda, o tópico em questão é psicanálise;
- do falar-sobre-psicanálise ao curso de psicanálise que fazem juntos: Ulysses interrompe a aula para falar obviedades e atrasa a leitura do texto do dia;
- dos comentários indiscretos no curso de psicanálise aos comentários indiscretos em geral: criticar outras crenças perto de pessoas; sentimento de vergonha por parte de Zelda;
- do sentimento de vergonha por estar acompanhada de alguém que se expressa de maneira indiscreta ao sentimento de vergonha pela infantilização produzida pela família fechada do namorado;
- da família fechada de Ulysses ao fechamento do próprio Ulysses em relação a aprender ou fazer coisas diferentes: ler um livro, assistir um filme que não seja dublado, aprender uma língua nova;
- referência a uma conversa séria que teve com Ulysses, no dia anterior: Zelda não pretende deixar de viver as coisas que tem vontade de viver;
- percepção de que não pretende ficar nesta situação por muito tempo – não quer isto nem para ela mesma, nem para Ulysses.

A segunda interpretação feita na análise inaugural do caso de Sara consistia no papel das questões e das respostas pragmáticas e comunicativas na fala egocêntrica, aqui também corroborada; apontamos que a fala egocêntrica utiliza de enunciados pragmáticos para complexificar o problema a que se submete, e que a consciência do problema e de sua resolução implica a tomada de posição por parte do falante, posição esta manifesta em enunciados comunicativos. Em 2. **O que eu quero perto de mim?** e 3. **O que eu quero distante?**, vemos Zelda deslocando a questão inicial, colocada pelo analista, e equivalendo

gostar a aproximar, e não gostar a distanciar – esta equivalência retórica ocorre ao substituir a pergunta original por novas perguntas, e a submeter suas respostas a elas; respondendo a 5. **Como você se sente em relação a ele falar de psicanálise o tempo todo, a interromper a aula e a falar besteiras em ambientes cheios de pessoas?**, Zelda expressa o que a proximidade daquilo que ela quer distante lhe produz; e na resposta a 10. **O que isso implica, pra você?**, vemos Zelda desenvolver o germen de decisões futuras no que toca a seu relacionamento e alhures.

A terceira e última interpretação consistia no papel – ou na ausência de papel – da argumentação dialética na fala egocêntrica: não necessariamente a conversação dialética se opõe ao propósito da fala egocêntrica, mas não se encontram nela os instrumentos que transformariam a linguagem, instrumento de comunicação, num signo, isto é, num instrumento de pensamento: vemos em Sara, em Mauro e também em Zelda corroboradas nossas três interpretações sobre as especificidades argumentativas da fala egocêntrica

5.4. Discussão geral dos resultados

Durante nossas análises dos três casos apresentados, apontamos e corroboramos a hipótese de que a fala egocêntrica não é argumentativa no sentido de dois pontos de vista que se opõem e, no confronto, buscam o consenso, o acordo; os enunciados que compõem a fala egocêntrica são argumentativos no sentido de que proponente e oponente se engajam na caracterização dos problemas a que os argumentos-resposta remetem – **oponente** torna-se um termo não tão adequado à descrição do outro nesta dinâmica argumentativa.

O segundo gesto de interpretação realizado inicialmente, também corroborada nos três casos analisados, consistiu em identificar o papel exercido pelas questões e pelas respostas pragmáticas (complexificação do problema e das suas soluções) e comunicativas (manifestação da consciência do problema e de sua resolução por parte do falante) na fala egocêntrica.

O terceiro gesto de interpretação, corroborou, a partir de nossa análise, a ausência de um papel central da argumentação dialética na fala egocêntrica, não se encontrando neste registro argumentativo as estratégias retóricas que dariam à fala a função de instrumento de pensamento.

Em nossa seção dois, listamos algumas pistas metodológicas para o pensar com Vigotski. Considerar a linguagem como um instrumento de pensamento é entender que o

sujeito não modula uma *res cogitans*, uma atividade mental metafísica que independe dos meios pelos quais se publiciza. Não pensamos para, em seguida, falarmos, escrevermos. Falar é de partida um modo de pensar, escrever é à sua maneira um modo de pensar, de utilizar do discurso para construir a compreensão ativa de um problema e, nele situado, resolvê-lo, respondê-lo.

Uma análise a partir desses termos é sempre problematológica, no sentido estrito de que o essencial do fato a ser analisado são os problemas que o fato mira e que o fundamentam – foi o que intentamos ao produzir esta articulação entre a psicologia de Vigotski e a filosofia da linguagem de Meyer. Entender o relato de Sara é desvelar o que a leva a falar sobre a raiva que a traição de Oliveira lhe dispara; entender Mauro é entender o porquê, ao ser demandado a falar de sua infância, se põe a falar de insetos; e entender as respostas de Zelda é entender o modo como à sua maneira ressignifica a pergunta que lhe é direcionada para, a partir dela, colocar novas perguntas.

Além de problematológica, uma análise a partir desses termos é sempre funcional. A sudorese e o vômito do beberão devem ser entendidas como respostas às muitas cervejas que consumiu no dia anterior (análise pelos problemas); no entanto, tal entendimento estará incompleto sem a sua contraparte analítica, isto é, se não levarmos em conta que suar e vomitar é não só um índice da intoxicação mas também um meio de desintoxicar-se (análise pela função). Falar de sua raiva leva Sara a livrar-se dela; para Mauro, falar de sua paralisia é encontrar meios de entender suas razões e produzir estratégias para dela escapar; entender a angústia que seu relacionamento produz é, para Zelda, entender do que deseja se aproximar e do que deseja se afastar – e quiçá fazê-lo.

Como dito, o **problema** a que Meyer se refere é linguístico; o **problema** a que Vigotski se refere é vital: a fisiologia de um sistema biológico, a maturação de um organismo da sua infância à maturidade, a filogênese de uma espécie, a história de uma sociedade, a criação de um novo estilo literário etc. respeitam a mesma regra funcional: “Tudo o que se desenvolve, se desenvolve por necessidade” (Vygotski, 2012d [1928], p. 172, tradução nossa¹⁷). Sua psicologia, como também sugerido como pista metodológica, constitui-se, por que não?, como uma linguística (problematológica e funcional) dos problemas e funções dos atos discursivos, simbólicos. Os objetos de uma linguística vigotskiana seriam menos **objetos** num sentido tradicional, no sentido de coisa dada, natural e estável, e mais os **processos** cuja análise passa pela identificação da passagem de um platô funcional a outro platô funcional, de

¹⁷ Original: “La lógica del desarrollo del carácter es la misma que la lógica de cualquier desarrollo. Todo lo que se desarrolla, se desarrolla por necesidad”.

um problema colocado ao novo problema que a resolução do problema anterior instaura. Captar o essencial da fala de Sara, de Mauro e de Zelda não equivale a buscar uma natureza estável por detrás de seus enunciados, mas explicitar a evolução linha-a-linha de sua fala e recompor, justo, as necessidades de seu falar.

Fizemos uma articulação da psicologia de Vigotski com a filosofia do comportamento skinneriana a partir da crítica ao mentalismo encampada por ambos os autores. Deste diálogo, comparamos a análise das contingências de reforço realizada pelo behaviorista e a análise das necessidades sustentada pelo materialismo vigotskiano, colocando aí o problema de como constituir uma psicologia do especificamente humano e encontrando, na linguagem, a chave para a produção dessa psicologia: a análise da ação humana passa pela análise de como o discurso opera um efeito de retorno na ação, sempre dirigida à solução de um problema – quanto maior a complexidade da ação (em termos problematológicos, quanto mais fora-de-questão estiver o problema a que os enunciados remetem), maior a necessidade da fala na resolução do problema a que a ação visa solucionar.

Distou-se aí a psicologia de Vigotski da análise do comportamento de Skinner a partir da noção de liberdade. A linguagem serve de barreira funcional ao apartar o sujeito da estrutura ambiental (o sujeito vê-se livre das determinações imediatas de seu meio, não mais um conjunto de estímulos a servir de variáveis de análise); apropriada pelo sujeito, esta barreira funcional implica operações cada vez menos impulsivas: Sara, insone pela descoberta de uma traição, afasta-se dos efeitos da traição sobre si ao pôr-se a dela falar; Mauro destrava-se de sua paralisia diante do TCC ao falar de aranhas e escorpiões, da relação com seus tios e do desejo infantil de querer fazer-e-ser-tudo; Zelda, ao falar, adentra nos problemas de sua relação com Ulysses vendo-a de fora a partir de sua fala, identificando não só aquilo que quer perto e longe de seu relacionamento mas perto e longe de sua vida em geral. As respostas do sujeito ao seu problema deixam de ser reações passivas e automatizadas, passando a envolver, a partir da linguagem, todo um conjunto de mapeamentos e planejamentos que possibilitam ao sujeito-que-fala recolocar o seu problema.

Essa fala resolutiva não se trata de simples catarse emocional nem de uma análise puramente analítica das problemáticas a que os analisandos estão submetidos, nem ainda uma exploração das dinâmicas inconscientes desses sujeitos a partir de uma associação livre, mas de um uso egocêntrico da linguagem que possibilita a Sara, a Mauro e a Zelda a vivência de sua situação e a execução de uma ação criativa e inovadora a partir dessa vivência – aqui, vemos o conceito de *переживание*.

A articulação Vigotski-Freud ilustra bem o conceito. Para Vigotski, a psicanálise aparece como esse sistema psicológico que nos possibilitaria apreender de maneira privilegiada os mistérios da experiência emocional artística e, ao mesmo tempo, como carente em relação ao necessário (mas não suficiente) da obra artística: sua forma, visto que, para o psicanalista, é o reprimido pessoal convertido em arte que interessa à sua análise. Esse desprezo pela forma, pelo encadeamento do poema, pelo jogo de cores da pintura, pela harmonia ou dissonância da canção e pela sequência narrativa do romance leva a psicanálise a ignorar as diferenças entre a produção social e ativa de uma obra artística e a formação inconsciente de um sintoma histórico. Transplantada à prática clínica, a lógica psicanalítica postula que o problemático a ser explicitado pela análise é o traumático para o qual a associação de temas do analisando o levaria. Pensar a clínica, a arte e a linguagem como um todo a partir da *переживание* é considerar que a cadeia retórica produzida pelo analisando é de interesse ela mesma, integralmente. Interpretar não é desvendar a fala, mas criar(-se) a partir da fala.

Uma clínica vigotskiana, proposta, ao final de nossa seção três, considera que o objeto do analista é a fala de seu analisando. A escuta analítica de Sara não visa a corroborar ou negar seu diagnóstico de ansiedade, mas buscar o que seu diagnóstico, esse termo espontâneo que responde suas queixas, está a esconder e excluir da conversação; estar atento a Mauro é ver além dos traços de seu suposto autismo e discutir o que esses traços implicam em sua história; acolher Zelda não é lhe dar respostas quanto a seu namoro, mas fazê-la expressar o que exatamente, em seu namoro, lhe é problemático. Visando mobilizar a criatividade predicativa característica da fala egocêntrica, o papel inicial do analista é o de recusar no *setting* terapêutico a conversação dialogal prática e cotidiana, não implicando primariamente um debate de opiniões (aquilo que Meyer chama de argumentação dialética), ou de um desabafo entre amigos (a argumentação comunicativa), mas de aumentar a complexidade da conversação a partir de sua problematização (argumentação pragmática), seja a partir de questões explícitas feitas ao analisando ou do direcionamento de sua atenção às questões que o analisando coloca ao falar.

Segundo Meyer (2003), o orador perfeito é aquele cujos enunciados estão nivelados às expectativas de seu auditório particular (o *pathos* projetivo não equivale ao *pathos* efetivo, implicando um *ethos* efetivo desfavorável ao orador). Sendo espaço de fala do analisando, o auditório, em clínica, não consistiria na figura empírica do analista – **auditório** também se torna um termo pouco adequado à descrição da argumentatividade presente na clínica. Nos fragmentos analisados, não vemos Sara, Mauro e Zelda em interlocução estrita com o analista,

mas recorrendo a enunciadores-problema que seus próprios enunciados-resposta mobilizam; não falam para o analista mas, a partir da figura do analista, usam da fala para pensarem e conceituarem sobre si mesmos – o analista aí não é a luz que esclarece o discurso do analisando, mas o ecrã a partir do qual o analisando se projeta e se vê.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos a pretensão de sustentar a fala egocêntrica, tal qual descrita e definida por Vigotski, como um fenômeno dialógico, embora monologal – na esteira desta dialogia, sustentamos também a leitura da fala egocêntrica como um fenômeno argumentativo (seus enunciadores dialogam entre si) e problematológico (seus enunciadores põem as questões às quais seus enunciados remetem).

Partindo deste objetivo geral, propomos em nossa segunda seção uma articulação entre a obra de Vigotski e o problema pragmatista da distinção intencional-convencional. Servindo de marco teórico à nossa Tese, resistimos à tomar a via da exposição e da definição direta dos conceitos vigotskianos centrais ao nosso trabalho e fizemos desta seção uma pesquisa teórica, filosófica, em si mesma, colocando em contato os conceitos a um conjunto de problemas que os vitalizem, os signifiquem. A partir desta articulação Vigotski-pragmática, explicitamos a análise das necessidades a que o autor tanto recorre em suas pesquisas, demarcamos o caráter instrumental da linguagem ou, noutros termos, afirmamos a linguagem como um instrumento intelectual, um instrumento de pensamento, discutimos o que o autor chama de análise por unidades e, a partir daí, sugerimos pistas metodológicas para a constituição de um fazer psicológico que pense seus objetos a partir dos processos simbólicos, de mediação, que agenciam a conduta humana – uma psicologia que não só recorra aos estudos linguísticos como se constitua, ela mesma, numa linguística.

Nossa terceira seção desenvolve as teses sobre a instrumentalidade da linguagem exploradas na segunda seção e as aplica ao campo da clínica psicológica, concebendo a linguagem como fonte primária a ser trabalhada pelo analista. Produzimos um diálogo de Vigotski com campos estabelecidos da clínica psicológica, como a psicanálise freudiana e o behaviorismo radical de B. F. Skinner; deste diálogo, extraímos subsídios conceituais e técnicos para a concepção do *setting* terapêutico como um espaço de fala egocêntrica e postulando a identidade entre desenvolver e socializar ou, em termos linguísticos, a identidade entre o desenvolvimento da linguagem e a conquista da objetividade do mundo – encerramos a teorização com uma discussão sobre o conceito de conceito, em Vigotski, e propondo elementos para uma clínica vigotskiana, isto é, uma clínica que tenha em seu horizonte as concepções de linguagem e de desenvolvimento produzidas pelo autor.

Na quarta seção, nosso marco metodológico, apresentamos a problematologia de Michel Meyer. Trouxemos definições operacionais de retórica e de argumentação para o autor,

apresentamos as discussões meyerianas sobre o *ethos* e sobre as relações dos enunciados com a interrogatividade, e construímos estratégias metodológicas para abordar os fragmentos de casos clínicos a serem tomados como *corpus* a partir do tríptico argumentativo de Meyer (argumentos dialéticos, pragmáticos e comunicativos), remodelando-o para as especificidades da fala egocêntrica e criando esquemas analíticos próprios a este fenômeno.

Nossa quinta e última seção, finalmente, apresentou o marco analítico, o coração da Tese. Apresentamos o *corpus*/os casos clínicos – nomeados em nosso trabalho pelos nomes fictícios de Sara, Mauro e Zelda – em três passos: primeiro, demos uma descrição geral do caso a ser analisado; em seguida, apresentamos o *corpus* em texto e num esquema gráfico que explicitou e separou visualmente as locuções do analista das locuções dos analisados, assim como separou as questões colocadas indiretamente pelos enunciados que as respondem das questões formuladas explicitamente em sentenças interrogativas; por fim, procedemos na identificação dos tipos de questão presentes na fala dos analisados e na exposição da cadeia predicativa construída pelo fragmento analisado.

A presente Tese identificou alguns procedimentos linguísticos na análise da fala egocêntrica.

Sugerimos um deslocamento das leituras linguísticas habituais sobre o fenômeno monologal da fala egocêntrica, costumeiramente concebido como monológico, propondo sua descrição como uma conversação dialógica, argumentativa e problematológica que teria como proponente e oponente o mesmo locutor empírico. Este novo olhar, além de deslocar a compreensão que linguistas e psicólogos possuem do fenômeno, abre margem para que todo um rol de instrumentos metodológicos das teorias da enunciação, da análise da argumentação e da problematologia possam ser nele aplicados. A fala egocêntrica, linguisticamente, é abreviada e predicativa, associativa. O que ela abrevia? Em termos fonéticos, sílabas semelhantes tendem a ser assimiladas; semanticamente, palavras centrais à cadeia predicativa tendem a ser utilizadas no lugar da frase completa que compõe (Vygotski, 2013a [1933]; Vigotski, 2008b [1934], 2009 [1934]). Em termos problematológicos, o que a fala egocêntrica abrevia e omite são as questões às quais seus enunciados remetem.

Durante a análise dos três casos, colocamos e corroboramos três interpretações-hipóteses acerca da fala egocêntrica:

i. o fenômeno é argumentativo no sentido de dois ou mais enunciadore, expressos nas questões, que realizam a cogestão da conversa através de um engajamento conjunto na caracterização dos problemas a que os enunciados remetem;

ii. o fenômeno se desenrola a partir de questões e respostas pragmáticas e comunicativas; e

iii. o fenômeno não parece dar uma função essencial às questões e respostas dialéticas.

A presente Tese traz também alguns ganhos para a prática clínica.

Um pressuposto subterrâneo de nosso trabalho, como já ventilado, é o pressuposto de que o pensamento, assim como a enunciação, é uma atividade dialógica, sustentando que não apenas a enunciação é polifônica, mas o é também a própria atividade psicológica implicada no ato de fala – visto que, a partir de Vigotski, o que chamamos de “pensamento” nada mais é do que um uso silenciado da linguagem (egocêntrica). Recusando uma noção de psiquismo entendido como substância, a prática clínica e terapêutica deixa de ser entendida como a análise de crenças e representações mentais (ou mesmo de conteúdos e dinâmicas inconscientes que a subjazem), mas passa a colocar como objeto de intervenção o próprio discurso do analisando. Mais: a própria clínica se torna um espaço de agenciamento da fala egocêntrica e de desenvolvimento desta relação privilegiada do sujeito com o mundo a que Vigotski chama de conceito.

Trazemos também algumas pontas que precisam ser consideradas e prolongadas em futuros trabalhos.

De início, sugerimos a aplicação das conclusões de nossa Tese ao campo pedagógico. Como a fala egocêntrica equivale a uma cadeia predicativa que leva de um problema a uma solução, ainda que parcial, a presente Tese nos possibilita sustentar que a prática pedagógica consistiria na criação das condições e de problemas concretos para o argumentar, isto é, para o uso desse instrumento de pensamento que é o discurso (ou, mais especificamente, esta modalidade de discurso a que Vigotski chama de egocêntrico). Ensinar a escrita, por exemplo, não consistiria em inculcar na criança a linguagem dos adultos ou impor-lhe um tema, um problema, sobre o qual tem pouco a dizer – sob o risco de formarmos escritores vazios (sem conteúdo) e superficiais (planos, sem forma); ensinar a escrita seria desenvolver na criança o interesse pelo que se passa com ela e ajudá-la a desenvolver e formar sua própria linguagem, linguagem esta que dê conta de descrever suas próprias necessidades e interesses.

Em termos da caracterização argumentativa da fala egocêntrica, é de interesse linguístico sondar os efeitos daquilo que Meyer chama de argumentação dialética na fala egocêntrica – sim, é a argumentação pragmática que parece caracterizar o fenômeno, e é a argumentação comunicativa que parece resumir, tal qual o personagem-orelha de um romance muito longo, o andamento e o desenrolar da trama e de seus pontos-chave, mas qual é o

efeito, exatamente, de um argumento dialético na conversação egocêntrica, na conversação que intenta, ela mesma, ser instrumento não só de comunicação, mas de pensamento?

Uma outra possibilidade de pesquisa que aventamos é a do estudo da linguagem egocêntrica em outras modalidades comunicativas que não apenas a fala ou a escrita (habitualmente tomadas para o estudo do fenômeno), mas o gesto e a ciberescrita.

Sobre o gesto, frisamos não só o caso do gesto que, ele mesmo, já se configura como signo linguístico e instrumento de comunicação (como nas línguas de sinais), nem apenas no caso de uma expressão, de um olhar etc. que expressam um pensamento em formação (o que o equivaleria à fala interior verbalizada), mas em especial nos casos em que o gesto modula a própria comunicação falada, seja operando como argumentos que nela interferem seja criando campos demonstrativos que transformam elementos não-sígnicos do ambiente em signos, em instrumentos de pensamento (cf. Hanks, 2008).

Já o estudo da ciberescrita abriria oportunidades para a articulação dos estudos sobre a fala e a escrita egocêntrica e o campo da multimodalidade: que modalidades de pensamento implicam dinâmicas comunicativas tão distintas à fala e à escrita formal como o meme, a construção coletiva de uma seção de comentários, uma sequência de *stories* em cascata ou um hipertexto?

Em psicologia, os estudos das dificuldades de operar a fala egocêntrica dariam excelentes contribuições ao campo da psicopatologia. O exemplo do esquizofrênico (cf. Vygotski, 2013c [1930]): suas representações, seus sentimentos etc. permanecem inalterados, mas perdem as funções que desempenhavam no sistema complexo a que chamamos de psiquismo; para Vigotski, o que há com o esquizo é, antes de tudo, uma desagregação da função de formação de conceitos – aqui, abre margem para um estudo do sofrimento humano ainda mais radical que aquele operado pela sua defectologia: entre o fisiologismo e o mentalismo, entre uma patologização da condição humana via cérebro ou via mente, uma análise que, de partida, consideraria que sofreríamos todos por um uso não normativo e não funcional da linguagem.

Por fim, pesquisas que, em geral, aprofundem e atualizem os conceitos de Vigotski.

Já na primeira sessão da Tese, insistimos no uso do termo **fala egocêntrica** para designar a fala de nossos analisandos, ainda que os conceitos de **fala interior** e de **fala interior verbalizada** sejam os conceitos comumente utilizados pela comunidade vigotskiana para descrever a atividade languageira do adulto. Recusamos o termo fala interior dado o caráter público da fala clínica, e recusamos o termo fala interior verbalizada pois não há uma sequência cronológica entre o ato de cogitar sobre uma questão que lhe é posta e a emissão

pública de um enunciado-resposta já pronto, já previamente elaborado: o analisando adulto, no setting terapêutico, fala-e-pensa, fala-enquanto-pensa, justamente o núcleo central a caracterizar o fenômeno da fala egocêntrica. Vemos essa distinção nas considerações metodológicas feitas por Piaget (2005, p. 16-21) ao diferenciar a **crença desencadeada** (a criança responde um problema que compreende a partir de sua própria base, mas a pergunta lhe é inédita) da **crença espontânea** (a criança responde um problema que compreende sem muito raciocínio por já ter entrado em contato com aquele problema, seja formulado por si mesma ou por outrem). Na fala clínica, o analisando não traz, como dever de casa, um conjunto de enunciados prontos a uma tarefa-problema proposta pelo seu analista – embora, claro, isto possa acontecer, tanto do lado do analista que sugere algumas atividades terapêuticas ao seu analisando quanto pelo lado do analisando que tenta evitar tematizar certas pautas ou guiar a conversação terapêutica com seu analista e consigo mesmo. O que definirá a fala clínica, no entanto, será, como já dito, seu caráter egocêntrico, de uso da fala como instrumento de pensamento.

Há, porém, uma distinção que precisamos reconhecer: a fala egocêntrica do adulto difere em natureza da fala egocêntrica da criança, do mesmo modo que as funções psicológicas da criança diferem qualitativamente das funções elementares dos ratos de Skinner, dos chimpanzés de Köhler ou do cão de Pavlov. A fala egocêntrica surge nas mesmas condições da crença desencadeada piagetiana, afirmamos. A base material do pensamento da criança, isto é, os signos que utiliza como instrumentos psicológicos, são em geral realidades concretas e imediatas: não há para ela aritmética sem tabuada, apreciação estética sem falatório e memória sem anotações. Já o adulto estabelece outra relação com os signos dos quais sua atividade de pensamento depende: ao falar, mesmo ao enunciar a fala que aqui chamamos de egocêntrica, o adulto carrega consigo toda uma torrente de discursos prévios já interiorizados.

Dissemos que a fala clínica não pode ser a fala interior verbalizada tal qual descrita por Vigotski pois o analisando não necessariamente formulou e elaborou uma resposta prévia para **aquele problema**. Ao mesmo tempo, pode-se argumentar que o discurso do analisando adulto não pode ser a fala egocêntrica tal qual descrita por Vigotski pois, mesmo que o analisando não tenha posto e encaminhado **aquele problema**, ele já pôs e encaminhou uma rede articulada de outras questões que fundamentam o modo como compreende e resolve a nova questão que se lhe manifesta, mesmo que disto não se aperceba, visto estarem fossilizadas, automatizadas em seu repertório de condutas.

Nossa posição é a de que precisamos de um terceiro termo – nem fala interior nem fala egocêntrica – para designar o fenômeno da fala egocêntrica adulta, da fala adulta no registro da crença desencadeada. Esta é uma discussão conceitual que, embora extrapole o registro da Tese, é de nosso interesse encampar.

No rol dos estudos conceituais que aprofundem e desenvolvam as discussões de Vigotski, estariam incluídos todo um conjunto de pesquisas possíveis: novos trabalhos de tradução da sua obra para o português brasileiro; estudos que explicitem a presença de certos linguistas, como Humboldt e Potebnia, em sua obra, fortalecendo desta feita a aproximação da linguística com a psicologia; estudos teóricos que o aproximem de outros campos e autores – como o dialogismo do círculo de Bakhtin, o ensaísmo de Benjamin, o concretismo de Politzer, a ontologia materialista de Sartre ou a filosofia-como-colocação-de-problemas de Deleuze – não apenas pela semelhança terminológica, mas pela afinidade de seus problemas; e pesquisas que explorem os efeitos de certas filosofias em sua obra, como a importância do monismo de Espinosa para o estudo vigotskiano das emoções ou do materialismo histórico na criação de uma psicologia concreta e dialética que não se resuma à criação de uma abordagem avulsa dentre outras abordagens avulsas a serem pinçadas pelo pesquisador.

Embora falecido há nove décadas, Vigotski ainda parece ter algo a nos dizer.

Esperamos ter contribuído, um tanto que seja, com o projeto de reavivá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Referências gerais

AUSTIN, J. *How to Do Things with Words*. Clarendon: Oxford, 1962.

AZEVEDO, I. C. M. Problematologia, argumentação e retórica: a visão filosófica de Michel Meyer. In: GRÁCIO, R. A.; PIRIS, E. L. *Introdução às teorias da argumentação*. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 237-268.

BECK, A., WILLIAMS, M., SCOTT, J. *Cognitive Therapy in Clinical Practice: an illustrative casebook*. Abingdon: Routledge, 1989.

BECK, J. *Terapia cognitivo-comportamental: teoria e prática*. 3. ed. Tradução: Sandra Maria Mallman da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2022.

BERNICOT, J. *Les actes de langage chez l'enfant*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

BERNICOT, J. Speech Acts in Young Children: Vygotsky's Contribution. *European Journal of Psychology of Education*, v. 9, n. 4, p. 311-319, Springer 1994. <http://www.jstor.org/stable/23420127>.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Resolução CFP nº 10*. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo, 2005.

DANIELS, H.; COLE, M.; WERTSCH, J. V. (orgs), *The Cambridge Companion to Vygotsky*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

DELEUZE, G. Os intercessores. In: DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 151-168.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: DUCROT, O. *O Dizer e o Dito*. Tradução: Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987. p. 179-247.

EME, E. Cognitive and psycholinguistic skills of adults who are functionally illiterate: Current state of research and implications for adult education. *Applied Cognitive Psychology*, v. 25, n. 5, p.753-762, 2011.

EME, E., CHAMINAUD, S., BERNICOT, J. & LAVAL, V. Capacités pragmatiques des adultes en situation d'illettrisme : compréhension du langage non littéral et connaissances métapragmatiques. *L'Année psychologique*, v. 111, p. 3-39, 2011. <https://www.cairn.info/revue-l-annee-psychologique1-2011-1-page-3.htm>

ENGELS, F. O papel do trabalho na hominização do macaco. In: ENGELS, F. *Dialética da natureza*. Tradução: Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 337-352.

FREUD, S. Cinco Lições de Psicanálise. In: FREUD, S. *Obras completas*: observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, v. 9. p. 220-286.

FREUD, S. *Obras completas*: Estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Joseph Breuer. Tradução: Laura Barreto; revisão da tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 2, 2016.

GRICE, P. Meaning. In: GRICE, P. *Studies in the way of words*. Cambridge: Harvard University Press, 1991a. p. 213-223.

GRICE, P. Logic and Conversation. In: GRICE, P. *Studies in the way of words*. Cambridge: Harvard University Press, 1991b. p. 22-40.

HANKS, W. F. O que é contexto? In: HANKS, W. F. *Língua como Prática Social*: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. Tradução: Marco Antônio Rosa Machado, Anna Christina Bentes. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p. 119-148.

JAMES, W. As emoções. Tradução: Daniela Cerdeira e Gallia Bronowski. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 669-674, 2008.

JUNEFELT, K. *Rethinking Egocentric Speech*: Towards a New Hypothesis. Cidade, UK: Nova Science Publishers, 2007.

LIBERALI, F. C., FUGA, V. P. A importância do conceito de perezhivanie na constituição de agentes transformadores. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 35, n. 4, p. 363-373, 2018.

MARCONDES, D. *A pragmática na filosofia contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MERLEAU-PONTY, M. *A estrutura do comportamento*. Tradução: Márcia V. M. de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução: Carlos A. R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MEYER, M. *La Problématique*. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

MEYER, M. A que responde o uso da linguagem? In: MEYER, M. *Questões de retórica*: linguagem, razão e sedução. Tradução: António Hall. Edições 70: Lisboa, 1998a. p. 81-104.

MEYER, M. O que é a retórica? In: MEYER, M. *Questões de retórica*: linguagem, razão e sedução. Tradução: António Hall. Lisboa: Edições 70, 1998b. p. 17-52.

MEYER, M. Lógica do predador, lógica do sedutor, lógica do consenso *In*: MEYER, M. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Tradução: António Hall. Lisboa: Edições 70, 1998c. p. 135-154.

MEYER, M. Retórica e argumentação: a lei fundamental de unificação dos campos. *In*: *A retórica*. Tradução: Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007a. p. 62-78.

MEYER, M. O que é a retórica? *In*: MEYER, M. *A retórica*. Tradução: Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007b. p. 19-49.

MEYER, M. Ethos, logos, pathos en la interacion retorica. *In*: MEYER, M. *Principia Rethorica: una teoría general de la argumentación*. Tradução: Irene Agoff. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2013. p. 168-209.

MOLON, S. I. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MORAIS, A. SASSO, B. A. Diferentes tendências em pesquisas sobre a fala egocêntrica: análise de produções brasileiras. *RELIN*, v. 24, n. 1, p. 187-223, 2016.

MORATO, E. *Das funções e do funcionamento da linguagem: um estudo das reflexões de L. S. Vygotski sobre a "função reguladora da linguagem" e algumas implicações linguístico-cognitivas para a neurolinguística*. Dissertação (Mestrado - Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1991.

MORATO, E. Vigotski e a perspectiva enunciativa da relação entre linguagem, cognição e mundo social. *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 71, 2000.

NEWMAN, F; HOLZMAN, L. *Lev Vygotsky – Cientista revolucionário*. Tradução: Marcos Bagno. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PERELMAN, C. *O império retórico*. Tradução: Fernando Trindade e Rui Alexandre Grácio. Porto: ASA, 1992.

PERELMAN, C. OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão – 3ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

PIAGET, J. O Desenvolvimento Mental da Criança. *In*: PIAGET, J. *Seis Estudos de Psicologia*. Tradução: Maria Alice M. D'Amorim e Paulo S. L. Silva. 25. ed. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2015. p. 15-34.

PIAGET, J. *A linguagem e o pensamento da criança*. Tradução: Manuel Campos. 4. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1993.

PIAGET, J. *A representação do mundo na criança*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral (colaboração de Maria Stela Gonçalves). São Paulo : Editora Ideias & Letras, 2005.

QUAST, K. *Discurso interior e o processo de ensino - aprendizagem da língua estrangeira*. Tese (doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP: [s.n.], 2009.

RAJAGOPALAN, K. Emoção e Política Linguística: o caso brasileiro. In: RAJAGOPALAN, K. *Nova Pragmática: fases e feições de um fazer*. Tradução: Daniel do Nascimento e Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 217-240.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética* São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

SARTRE, J. P. *Esboço para uma teoria das emoções*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: LP&M, 2014.

SARTRE, J. P. *A Imaginação*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: LP&M, 2008.

SARTRE, J. P. *O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação*. Tradução: Monica Stahel. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

SARTRE, J. P. *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Tradução: Paulo Perdigão. 13. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

SAUNDERS, M.; TOWNSEND, K. Choosing participants. In: CASSELL, C; CUNLIFFE, A.; GRANDY, G. *The SAGE Handbook of Qualitative Business and Management Research Methods: History and Traditions*. Londres: SAGE Publications Ltd, 2019. p. 480-492.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SEARLE, J. *Expression and Meaning: studies in the theory of speech acts*. London: Cambridge University Press, 1979.

SKINNER, B. F. *Ciência e comportamento humano*. Tradução: João Carlos Todorov, Rodolfo Azzi. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, B. F. *O comportamento verbal*. Tradução: Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Cultrix, 1978.

SKINNER, B. F. *O mito da liberdade*. Tradução: E. R. B. Rebelo. São Paulo: Summus, 1972.

SKINNER, B. F. *Sobre o behaviorismo*. Tradução: Maria da Penha Villalobos. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

SMOLKA, A. A dinâmica discursiva no ato de escrever: relações oralidade-escritura. In: GÓES, M. C. R.; SMOLKA, A. L. B. (org.). *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. Campinas: Papirus, 1993. p. 35-63.

SMOLKA, A. A concepção de linguagem como instrumento: um questionamento sobre práticas discursivas e educação formal. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2 ago. 1995.

TOASSA, G. Conceito de Liberdade em Vigotski. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 24, n. 3, p. 2-11, 2004.

TOASSA, G. *Emoções e vivências em Vigotski: investigação para uma perspectiva histórico-cultural*. Tese (doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2009.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução, notas e glossário: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 24, 2017.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

Obras de Lev Vigotski

VIGOTSKI, L. S. *A tragédia de Hamlet, o príncipe da Dinamarca*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999b. Trabalho original publicado em 1916.

VIGOTSKI, L. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. Tradução: Denise R. Sales, Marta K de Oliveira, Priscila N. Marques. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, 2011. Trabalho original publicado em 1924.

ВЫГОТСКИЙ, Л. Дефектология и учение о развитии и воспитании ненормального ребенка. In: ВЫГОТСКИЙ, Л. *Собрание Сочинений, том пятый*. Москва: Педагогика, 1983. p. 166-173. Trabalho original publicado em 1924.

VYGOTSKI, L. El defecto y la compensación. In: VYGOTSKI, L. *Obras Escogidas*. tomo v. Tradução: Julio Guillermo Blank. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2012b. p. 41-58. Trabalho original escrito em 1924.

VIGOTSKI, L. *Psicologia da Arte*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999a. Trabalho original publicado em 1925.

ВЫГОТСКИЙ, Л. *Психология Искусства*. Ростов-на-Дону: Феникс, 1998. Trabalho original publicado em 1925.

VIGOTSKI, L. *Psicologia Pedagógica*. Tradução: Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. Trabalho original publicado em 1926.

VYGOTSKI, L. El significado histórico de la crisis de la psicología. *In: VYGOTSKI, L. Obras Escogidas*. tomo i. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2013b. p. 257-407. Trabalho original publicado em 1927.

VYGOTSKI, L. Acerca de la dinámica del carácter infantil. *In: VYGOTSKI, L. Obras Escogidas*. tomo v. Tradução: Julio Guillermo Blank. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2012d. p. 41-58. Trabalho original publicado em 1928.

VYGOTSKI, L. Los problemas fundamentales de la defectología contemporánea. *In: VYGOTSKI, L. Obras Escogidas*. tomo v. Tradução: Julio Guillermo Blank - Madrid: Machado Grupo de Distribución, p. 11-40, 2012a. Trabalho original publicado em 1929.

VYGOTSKI, L. El instrumento y el signo en el desarrollo del niño. *In: VYGOTSKI, L. Obras Escogidas*. tomo vi. Tradução: José María Bravo. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2017b. p. 9-100. Trabalho original escrito em 1930.

VYGOTSKI, L. Sobre los sistemas psicológicos. *In: VYGOTSKI, L. Obras Escogidas*. tomo i. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2013c. p. 71-94. Trabalho original escrito em 1930.

VYGOTSKI, L. La colectividad como factor de desarrollo del niño deficiente. *In: VYGOTSKI, L. Obras Escogidas*. tomo v. Tradução: Julio Guillermo Blank. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2012c. p. 213-234. Trabalho original publicado em 1931.

VYGOTSKI, L. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. *In: VYGOTSKI, L. Obras Escogidas*. tomo iii. Tradução: Lydia Kuper. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2012d. p. 9-340. Trabalho original publicado em 1931.

VYGOTSKI, L. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*. Tradução: Zoia Prestes, n. 8. p. 23-36, 2008a. Trabalho original publicado em 1933.

VYGOTSKI, L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. *In: VYGOTSKI, L. S. A formação Social da Mente*. Tradução: José Cipolla Neto et al. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 107-124. Trabalho original publicado em 1933.

VYGOTSKI, L. Doctrina de las emociones. *In: VYGOTSKI, L. Obras Escogidas*. tomo vi. Tradução: José María Bravo. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2017a. p. 101-329. Trabalho original escrito em 1933.

VYGOTSKI, L. El problema de la consciencia. *In: VYGOTSKI, L. Obras Escogidas*. tomo i. Tradução: José María Bravo. Madrid: Machado Grupo de Distribución, 2013a. p. 119-132. Trabalho original publicado em 1933.

VYGOTSKI, L. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução: Paulo Bezerra. 2. ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. Trabalho original publicado em 1934.

VIGOTSKI, L. S. *Pensamento e Linguagem*. 4. ed. Tradução: Jefferson L. Camargo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2008b. Trabalho original publicado em 1934.

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

O estudo denominado **A fala egocêntrica como fenômeno argumentativo e problematológico** é de autoria do doutorando **Jameson Thiago Farias Silva**, o qual é orientado pela **Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina Michelan de Azevedo**. A pesquisa se fundamenta na articulação de conceitos de Lev Vigotski com o campo linguístico chamado de Problematologia.

Sua participação nesta pesquisa consiste na autorização da análise de fragmentos de suas sessões terapêuticas obtidas com transcrições e gravações, sessões das quais o proponente deste projeto atua como analista e você como analisando(a). Será tomado como eixo principal de seleção dos fragmentos sessões e momentos das sessões em que você demonstra concluir algo, convencer-se de algo, em especial sem intervenção analítica.

Nesse contexto, será evitado qualquer tipo de constrangimento, garantido que não haverá nenhum prejuízo físico ou moral, e assegurada sua inteira liberdade de participar, ou não, da pesquisa, sem quaisquer represálias.

A pesquisa a ser realizada poderá trazer benefícios indiretos aos seus participantes, uma vez que o conhecimento produzido por meio deste estudo poderá esclarecer melhor, às comunidades acadêmica e clínica, a funcionalidade desta modalidade discursiva operada em contextos pedagógicos e terapêuticos que é a fala egocêntrica.

Não haverá cobranças ou gastos, e não estão previstos ressarcimentos ou indenizações. Porém, caso ocorra algum dano decorrente da sua participação no estudo, será devidamente indenizado(a), conforme determina a lei¹⁸.

Possíveis resultados, sejam positivos ou negativos, somente serão obtidos após a conclusão da pesquisa. Assim, ao final da investigação, as análises realizadas no material coletado e os resultados alcançados serão apresentados no trabalho final (a tese). A versão digital da tese ficará disponível no Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe (RIUFS) e você poderá acessá-la livremente através do site <https://ri.ufs.br/>.

Além da tese, o material coletado poderá ser utilizado apenas para fins científicos e de estudos (a exemplo de artigos científicos, capítulos de livros etc.). Havendo riscos de identificação da sua pessoa, o pesquisador preservará o sigilo de suas informações pessoais, sendo resguardada a intimidade de cada analisando que participar da pesquisa. Sendo assim, sua privacidade será respeitada, ou seja, *seu nome e qualquer outro dado que, de alguma forma, possa identificá-lo(a), será mantido em sigilo*. As gravações e transcrições serão depositadas em pasta do Google Drive criptografada e com senha.

O presente termo de duas páginas foi elaborado em duas vias originais, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo pesquisador responsável, assim como pelo(a) convidado(a) a participar da pesquisa (ou por seu representante legal), que ficará com uma das vias assinadas.

¹⁸ Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19.

O(a) senhor(a) é livre para recusar-se a participar do estudo, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem precisar se justificar. Essa decisão não produzirá qualquer penalização.

Será assegurada a assistência durante toda pesquisa, como também será garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que quiser saber antes, durante e depois de aceitar participar do estudo¹⁹.

Pesquisador

Participante de pesquisa ou responsável legal

¹⁹ Para contatar o pesquisador responsável pela presente pesquisa, você pode utilizar o endereço de e-mail jamesontfsilva@gmail.com ou o contato telefônico (79) 99947-6886. Em caso de dúvidas sobre a ética desta pesquisa ou denúncias de abuso, procure o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe, localizado no Campus da Saúde Prof. João Cardoso Nascimento Jr (Prédio do Centro de Pesquisas Biomédicas) – Rua Cláudio Batista, s/n, Bairro Sanatório – Aracaju/SE. Tel.: (79) 3194-7208. E-mail: cephu@ufs.br.

ANEXO 2

Exposição integral do primeiro corpus analítico

- E o que você sentiu?

- *Eu senti raiva. Fui juntando as peças, as diversas coisas que ia me falando: “vou visitar um apartamento pra comprar”, “vou me encontrar com um arquiteto”, ao mesmo tempo em que, quando voltava para a cidade dele, ele sempre dormia na casa dela. Se o que ele tivesse com ela fosse um casinho, uma relação casual, eu seria mais um casinho, um caso entre outros, como ela. Mas se a relação é séria, eu sou a amante. Não me importo de estar nesta posição, e até aceitaria estar nessa posição pra ficar com ele, mas gostaria de saber antes no que eu estava me metendo. Eu tive raiva pela manipulação de Oliveira, pela falta de sinceridade dele. Assim que caiu a ficha, perguntei se o que ele tinha com ela era sério, e ele disse que não. Perguntei mais uma vez, e disse pra ele falar a verdade, pra ele ser honesto, e ele insistiu, dizendo que não estava em um relacionamento sério, que não tinha nada sério com ela. Por tudo que ele mesmo já me contou, e por todas as coisas que já me falaram dele, percebi que ele estava mentindo. Eu disse pra ele “não vamos mais nos ver como casal” e estou me sentindo bem com isso.*

- O que é esse “bem” que você vem sentindo?

- *Estou me sentindo... [pausa] livre.*

- Livre de quê?

- *Livre dele. Se uma relação é 10, o peso não pode ser 9-1, ou 8-2, senão desequilibra. Com Bruna, mesmo [referência a sessões anteriores; Sara e Bruna são tia e sobrinha, e terminaram recentemente uma sociedade de negócios por uma sequência de dissensos]: ela comentou com os pais que eu prejudiquei ela na abertura da empresa dela, que eu estou com inveja dela... Meu irmão e a mulher dele vão perceber depois como Bruna é manipuladora e sonsa, com certeza. Nem que seja daqui a 5 anos. O que me incomoda é que um simples comentário parece valer mais que toda uma vida, um comentário de uma pessoa vale mais que a imagem que construí de mim. Mas já me liberei de Bruna, me liberei de me preocupar o tempo todo com o que meus irmãos vão achar de mim, me liberei de Oliveira...*

- Repetindo a mesma pergunta: ao se livrar de Bruna, ao se livrar de Oliveira, ao se livrar do peso de seus irmãos... você se livra de quê?

- *Me livro da responsabilidade de construir a relação sozinha, me livro de carregar os outros, das responsabilidades dos outros. Talvez da obrigação de carregar uma relação sozinha. Dia desses, dividi o carro com uma mulher; parecia que tinha medo do marido. Fazia tudo por ele mas, pelo que ela dizia, parece que ele não cuidava muito bem dela. Eu me vi nela. Chegou um momento em que paramos num supermercado e ela não quis tomar muito tempo do*

motorista para comprar um refrigerante; falei pra ela “o motorista não é seu marido, mulher; se permita”. Enfim... [pausa]. Não estou muito bem. Passei a semana ansiosa, com insônia e falta de foco.

- Falta de foco em relação a quê?

- *Tive algumas incapacidades, algumas dificuldades.*

- Que dificuldades? Sendo mais específico, no que a falta de foco te atrapalhou?

- *Tive dificuldade em acompanhar as informações sobre as atividades de estágio lá da faculdade. Também estou tendo algumas dificuldades para quitar algumas contas da empresa. Tem também a carência afetiva de sempre. Mas acho que não são as mesmas dificuldades, né? Tipo, não são as mesmas coisas. Não sei, estar dispersa até ajuda a não focar no que tá incomodando. Fico passando de uma coisa pra outra e não foco em nada que tá incomodando. [pausa] Com Oliveira, eu tinha uma relação profunda, mas não mais desde a conversa com ele. [pausa]*

- O que seria uma relação profunda?

- *Uma relação em que eu possa ser eu mesma. Daí, você pergunta “o que é ser você mesma?” [risos]. O tempo todo alguém pode se aproveitar da gente, de mim, de algo que eu falo. O tempo todo fico atenta a como eu falo. Ser eu mesma é poder falar sem esforço, sem cálculo, espontaneamente. Tem uma Sara que fica escondida, desconfiada, embaixo desse esforço. Uma Sara cansada, fragilizada, que queria poder tirar a armadura antes de dormir. [pausa]. Venho me sentindo frágil, cansada nas últimas semanas. Acho que... é muita demanda, e me cansa o fato de que sou eu que tenho que lidar com elas. Por isso que eu fico nessas ilusões: a realidade tá insuportável.*

- Para explicitar: o que está insuportável na realidade?

- *Tudo, toda a realidade [aqui, recapitula temas trazidos em sessões anteriores]: o aliciamento que sofri, a morte de meu pai, o afastamento de meus irmãos, meu casamento, a discussão com minha filha, as dívidas, a faculdade...*

- Trago a pergunta que você mesma lançou, a pouco: são as mesmas dificuldades? são o mesmo tipo de dificuldade?

- *Não. Tem coisa aí que me aconteceu, que veio de fora, e tem coisa que fui eu mesma que fiz. Por exemplo... a faculdade, eu não conseguia lidar com a quantidade de tarefas e pagava pra alguém fazer por mim. Eu ia passando de disciplina pra disciplina, período por período, e cheguei agora na monografia com essa sensação de que sei menos do que eu devia saber. A solução virou um problema. É como o remédio. Quando tô muito ansiosa, tomo meu remédio pra parar de ficar pensando nas coisas, pra conseguir dar conta das coisas, mas fico*

sonolenta e não consigo fazer as coisas do mesmo jeito. É fugir do problema, não resolver o problema. Fugir do problema seria isso que falei: resolver o problema de um jeito que cria outro problema. Já resolver o problema de verdade seria... sei lá, lidar diretamente com ele. Com o remédio, a gente vai aprendendo a dosar e a saber quando usar, quando não usar. Com o estudo, a mesma coisa. Agora, na monografia, não tô pagando pra ninguém fazer meu trabalho. Mas preciso de ajuda para escrever o texto; daí, estou pagando pra um colega me ajudar com o texto, revisar o que escrevi, essas coisas. Acho que é isso! É resolver o problema, não fugir do problema, pois fugir do problema acaba trazendo outro problema.

ANEXO 3

Exposição integral do segundo corpus analítico

Sempre temi insetos. Admirava-os desde sempre, mas sempre temia pegar neles. Amava observá-los e nomeá-los e dizer algo sobre eles, mas temia pegá-los do mesmo jeito que temia tocar em animais mortos. Até ver os animais mortos me assustava! Lembro de uma vez que vi uma viúva-negra... Foi fantástico. Eu sabia que era venenosa e por isso nem pensei em tocá-la, e também não tocaria de todo jeito por ser um inseto, mas fiquei feliz por vê-la presencialmente. Eu tinha um livro de Ecologia. Sempre ficava morrendo de medo, tomava susto! quando abria numa certa página que tinha uma aranha; e tinha outra página também; era aranha do mar, sei lá. Também amava morcegos. Eu era fascinado por eles e adorava ler e reler sobre eles. E gostava de dinossauros, como qualquer criança normal, mas adorava mais era decorar os nomes. Amava ver escorpiões na roça e nos livros. São insetos fantásticos. Meus tios aproveitavam e me ensinavam mais sobre animais e outras coisas de ciência. Eu dizia que queria ser cientista. Queria ser tudo, na verdade, menos médico. Ah, sim, falei de escorpiões porque me provocam, ou provocavam, o mesmo arrepio das aranhas. Caranguejos me provocam o mesmo fascínio e medo que as aranhas. Há, no entanto, dois tipos de aranha que não me causam medo, ou três. Duas delas não gosto que matem! Por mim, ficaria nesse assunto o dia todo. É gostoso, é leve. É como se eu fosse criança de novo. Agora me deu uma vontade súbita de chorar... Minha mente esvaziou. Estou feliz. Queria só ficar parado sem pensar em nada. Tenho essa sensação de que estou perdendo algo, de que estou deixando algo passar. Me leva à paralisia. Outras vezes me atrapalha porque vai me roubando a atenção e me impedindo de me fixar no presente ou numa tarefa definida. Esse fazer nada ou fazer algo desconexo com as obrigações é o que me descansa. Será que por isso eu era mais disposto quando me permitia ter hobbies aleatórios? Quando me perco nesse tipo de ócio, me animo, me revigoro, e sinto uma potência e sonhos brotarem de mim. Às vezes é tão intensa essa potência que me paralisa, pois tenho uma tempestade de ideias. Aí só sinto vontade de andar de um lado para o outro – fazia muito isso. Outras vezes quero ficar quieto e olhar para o horizonte quando isso acontece. Vejo que não é só a sensação de que estou perdendo algo que me paralisa. Eu percebi novamente essa semana que meus critérios de avaliação são um tanto idealizados no que tange a certos temas. Por exemplo, sempre acho que alguém que faz atendimento jurídico ao público é uma pessoa extremamente competente e que tem todo o conhecimento sobre o assunto em questão. Por outro lado, fico me achando incapaz de exercer uma função pública por causa dos meus gaps de conhecimento e chego a pensar que me falta retórica. Contudo, não já vivi eventos suficientes para saber que sou inteligente e de boa retórica? Acho que essa visão idealizada é uma das coisas que me faz saltar de projeto em projeto para preencher meus gaps de saber. Ontem estava pensando sobre algo importante e também libertador: nenhum debate é o debate da minha vida, o TCC não é o trabalho da minha vida. Em suma, nenhum trabalho é o meu trabalho de toda uma vida. O TCC é apenas um trabalho qualquer, é só um trabalho, não minha vocação ou chamado. O TCC é apenas uma das etapas pelas quais tenho que passar pra seguir trilhando minha vocação intelectual que é a de ser filósofo. E o TCC é mero passo e procedimento burocrático. Essa nova visão – do TCC como burocracia – nasceu hoje. Isso implicou mudanças, uma mini-reforma. Hoje, a minha leitura de um texto de Ricoeur foi mais

pragmática, sem muito esforço. Quero dizer que não tive dificuldades nem resistência que me impedisse ou atrapalhasse dizer: “isso serve para o TCC”, “isso não serve para o TCC”. Foi mais natural e mais pragmática a leitura, mas sem que eu renunciasse ao olhar crítico e sem que me fizesse proceder a uma leitura desleixada. Embora eu tenha percebido se tratar de uma burocracia acadêmica, ela não é uma tola burocracia. Exige disciplina, afinal é um trabalho acadêmico. Então devo superar o hábito de evitá-lo e de protelar o manejo dessa tarefa. Afinal, assim como o corpo tem a memória-hábito, o espírito também o tem. Seria a virtude?. Devo ensinar ao meu espírito essa disciplina.

ANEXO 4

Exposição integral do terceiro *corpus* analítico

- Quais são as coisas que você gosta e quais são as coisas que você não gosta da sua relação com Ulysses?
- *O que eu quero perto de mim: a facilidade para combinar algumas coisas; a companhia de muitos momentos; a paciência que ele tem para muita coisa; a intimidade e amizade; a facilidade para conversar. O que eu quero distante: o celular, que me incomoda em vários sentidos: quando ele interrompe a minha fala por ligação para falar sobre alguma coisa que viu no Instagram - muitas vezes nem prestou atenção ao que eu estava dizendo, e geralmente entra em outro assunto, e o meu fica para trás; quando vamos almoçar e ele fica vendo vídeos no telefone antes de o almoço vir; falta de respeito com o meu cansaço e com o meu pedido de silêncio pelas manhãs: eu peço para ele fazer silêncio, porque eu estou com sono e cansada, e ele fica tentando me acordar toda hora, querendo mostrar vídeos no telefone, de novo!; ouvir ele falando sobre psicanálise o tempo todo!; no curso de psicanálise: quando ele interrompe a aula para falar coisas muito óbvias e demora, atrasando a leitura do texto do dia; quando ele fala alguma besteira em voz alta num ambiente cheio de pessoas: situação que já aconteceu algumas vezes na livraria: ele falar em voz alta alguma coisa sobre outras crenças, outras religiões, ou criticar algum tipo de livro perto de pessoas, e aí olharem para ele e ficarem com cara de quem acha alguém mal educado, e eu, em todas as vezes, fico morta de vergonha; ter que passar por situações em que eu e ele somos infantilizados pela família dele, ter que ouvir as brincadeiras dos cunhados, muitas vezes relacionadas à sexo ou à ideia deles de que eu mando em Ulysses; o fechamento dele em relação a aprender ou fazer coisas diferentes: ler um livro juntos, assistir um filme que não seja dublado, aprender uma língua nova juntos... Hoje, ele perguntou se eu não queria ler um livro com ele, mas cheguei a pensar se isso não aconteceu porque ontem tivemos uma conversa séria por telefone, e eu disse a ele que eu não ia deixar de viver coisas que eu tenho vontade por causa dos pais dele, disse que eu não ia passar por isso por mais tantos anos e que acho que isso interfere e vai interferir no nosso relacionamento. Disse que não vou ficar nessa situação por muito tempo e que não quero isso para mim, nem para nós dois.*